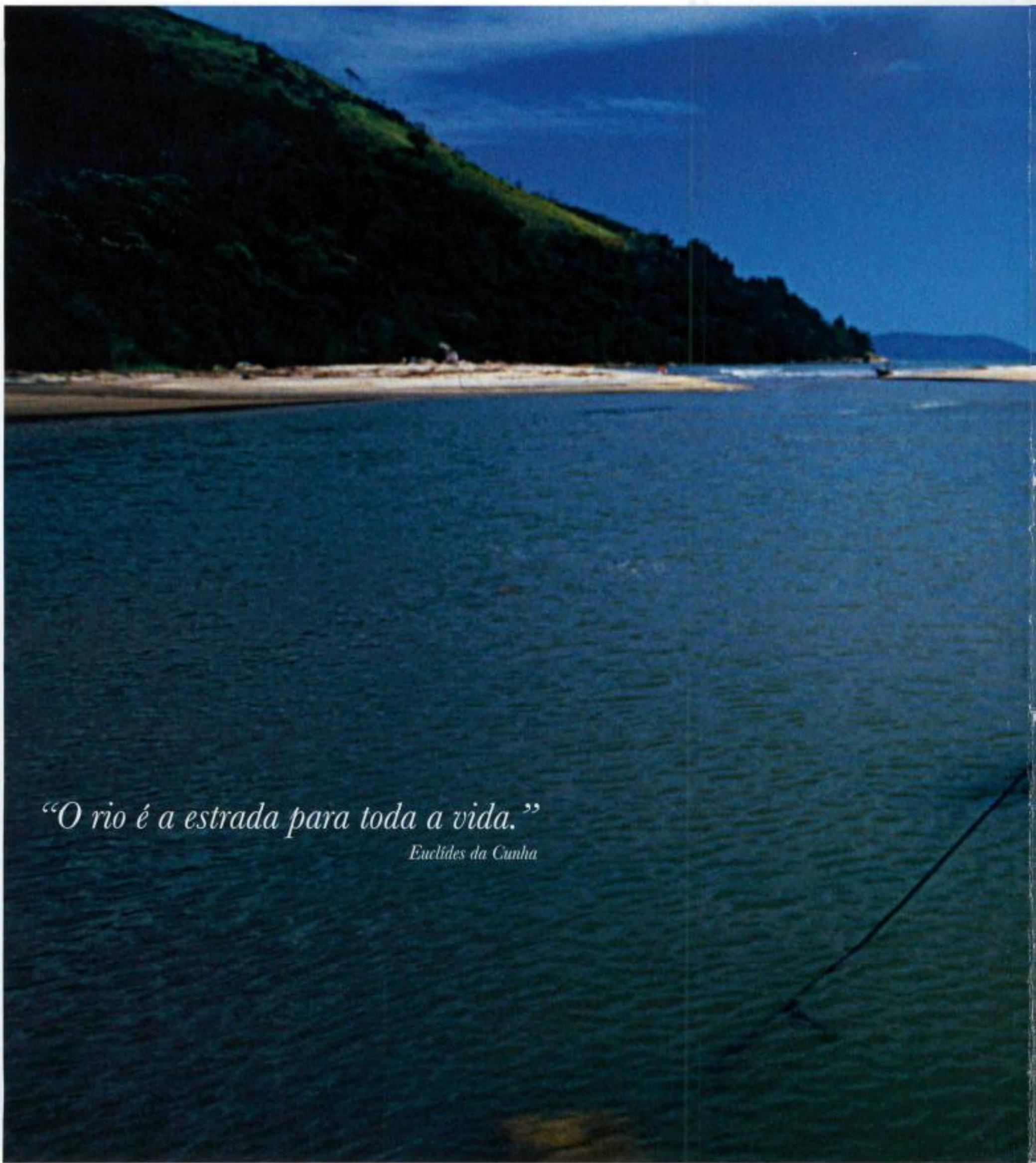


NO CAMINHO
DAS

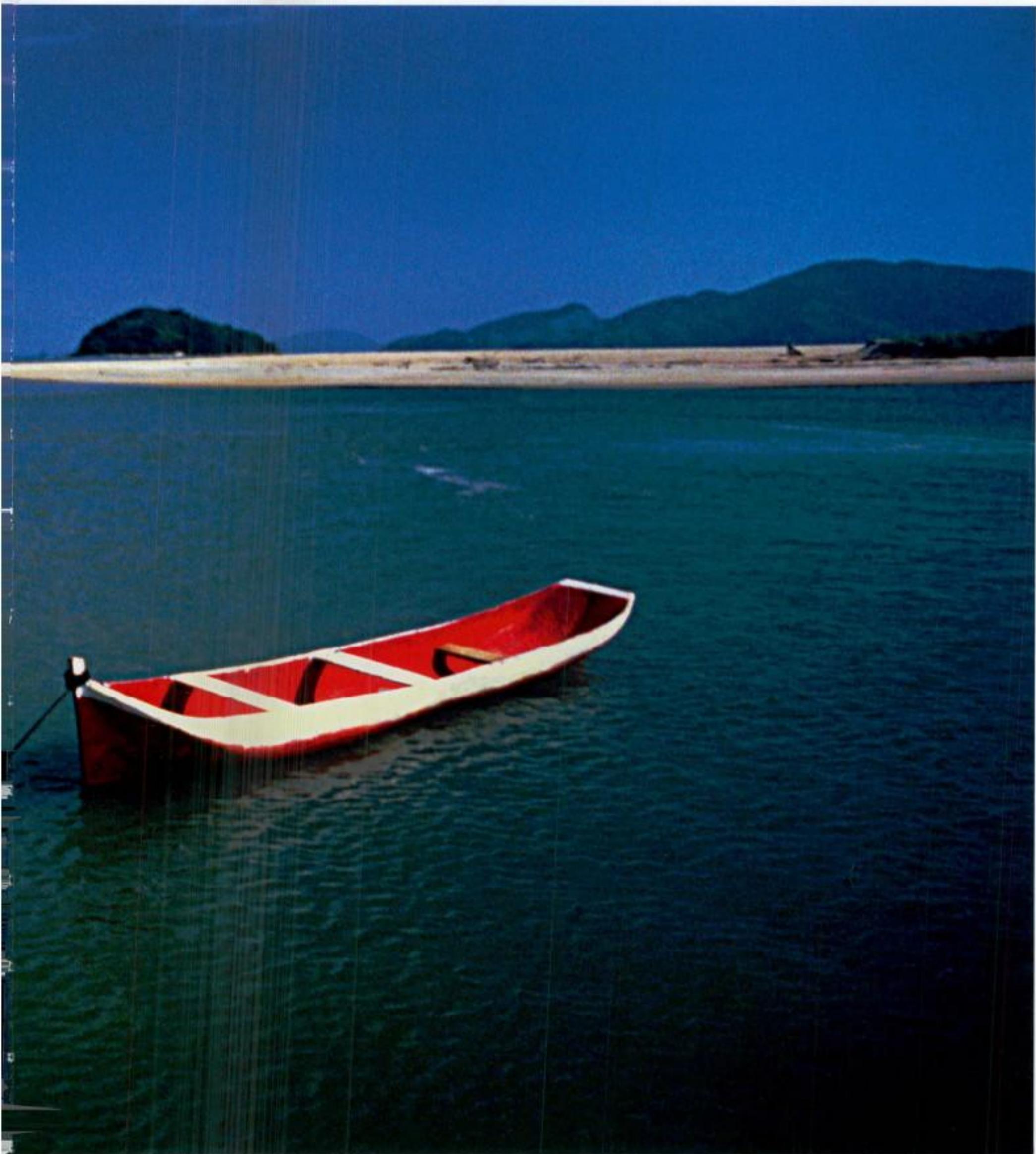
Águas





“O rio é a estrada para toda a vida.”

Euclides da Cunha





C

riada em 1973, a Fundação Cargill teve como objetivo inicial contribuir para o desenvolvimento e a promoção da tecnologia e dos estudos científicos relacionados à agricultura, à agropecuária e à expansão das atividades socioambientais.

Até o momento já foram publicados mais de 230 títulos voltados às ciências agrárias, com temas como irrigação, plantio, colheita, tecnologia de alimentos, entre outros. Mais de 300 mil exemplares foram distribuídos gratuitamente para instituições de ensino, órgãos públicos, bibliotecas e professores universitários ligados à área.

O livro *No Caminho das Águas* é uma publicação especial e apresenta o resultado de alguns anos de pesquisa, trazendo belíssimas imagens e as histórias de como os rios foram importantes para a difusão da cultura brasileira, levando ao conhecimento dos leitores nossos costumes, culinária, lendas e tradições. Além disso, marca o início das comemorações de 40 anos da Fundação Cargill.

Com a missão de "promover a alimentação saudável, segura, sustentável e acessível do campo ao consumidor", a Fundação Cargill continua em favor da sustentabilidade das comunidades e a acreditar na preservação do meio ambiente. Afinal, a água é parte predominante do nosso planeta e de fundamental importância à agricultura, à agropecuária, às atividades socioambientais e à alimentação.

Boa leitura!

Valéria Militelli
Presidente da Fundação Cargill

apoio institucional



apoio cultural



10

22

40

58

74

92

106

118

128

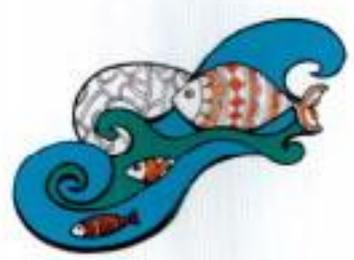
142

FONTE DE PROSPERIDADE



VIDA AO REDOR DA ÁGUA

BIODIVERSIDADE PULSANTE



ESTÍMULO AO PALADAR

MANANCIAS DE MELODIAS E VERSOS



LENDAS DE ÁGUA DOCE



CONVITE PARA A FESTA

LINGUÍSTICA ILUSTRE



SEDE DE VIVER

ORGANIZAÇÃO DAS ÁGUAS





FONTE DE PROSPERIDADE



Um dos muitos ciclos da natureza, o da água se completa com as chuvas. Tempestade sobre o rio Japurá, no Amazonas - foto Araquém Alcântara.





Acima, as lagoas dos Lençóis Maranhenses são emolduradas pelas dunas - foto Bruno Alves. Já no Pantanal, é o verde que cerca a água - foto Adriano Gambarini.

UM PAÍS IRRIGADO

Em 1914, o rio das Dúvidas, um afluente do rio Madeira, na Amazônia, mudou de nome. Descoberto e batizado por Euclides da Cunha em 1902, o curso d'água chamou a atenção do mundo quando o escritor narrou a riqueza dos recursos hídricos da região e um trecho de mais de mil milhas de extensão inexplorado. A novidade chegou aos ouvidos do ex-presidente americano Theodore Roosevelt, que veio ao Brasil bestificado com a possibilidade de explorar um tesouro bruto. Ao lado do Marechal Rondon, Roosevelt participou de uma grande expedição científica para identificar o curso do rio e as terras ao redor dele. De presente, levou um acervo de milhares de espécies vegetais e animais (que foram direto para o Museu de História Natural de Nova York), saberes do povo da selva, malária e o novo nome do rio – rebatizado de Roosevelt. Já Rondon ficou com a notoriedade internacional.

Essa e outras tantas expedições estrangeiras ocorridas a partir de 1500 demonstram o interesse despertado pelo país mais rico do mundo em rios, cachoeiras, lagos, corredeiras, igarapés, igapós... Rico em flora e fauna: 524 espécies de mamíferos, 517 de anfíbios, 1.677 de aves e 468 de répteis. Além disso, dentre essas formas de vida, grande parte é endêmica, ou seja, existe apenas em território brasileiro: 131 espécies de mamíferos, 294 de anfíbios, 191 de aves e 172 de répteis são exclusivas do Brasil. Rico em cultura de um povo que nasce, se alimenta, cresce, reza, festeja, cria e reconta histórias à beira das águas. Água de beber, água de benzer, água de banhar... Salve Bom Jesus dos Navegantes, salve a piracuiada, salve o boto, salve Oxum! (leia mais nos capítulos adiante).

Hoje se sabe que 11% de toda a água doce que existe no planeta é nossa, está em território brasileiro. A maravilhosa região hidrográfica Amazônica é o exemplo mais contundente da joia rara que são os recursos hídricos: 12 mil rios escorrem pelo território brasileiro,



Cachoeira do rio Serrano, na chapada Diamantina, Bahia - foto Bruno Alves.
À direita, queda-d'água no Parque Estadual do Jalapão, Tocantins - foto Zé Paiva/Vista Imagens.

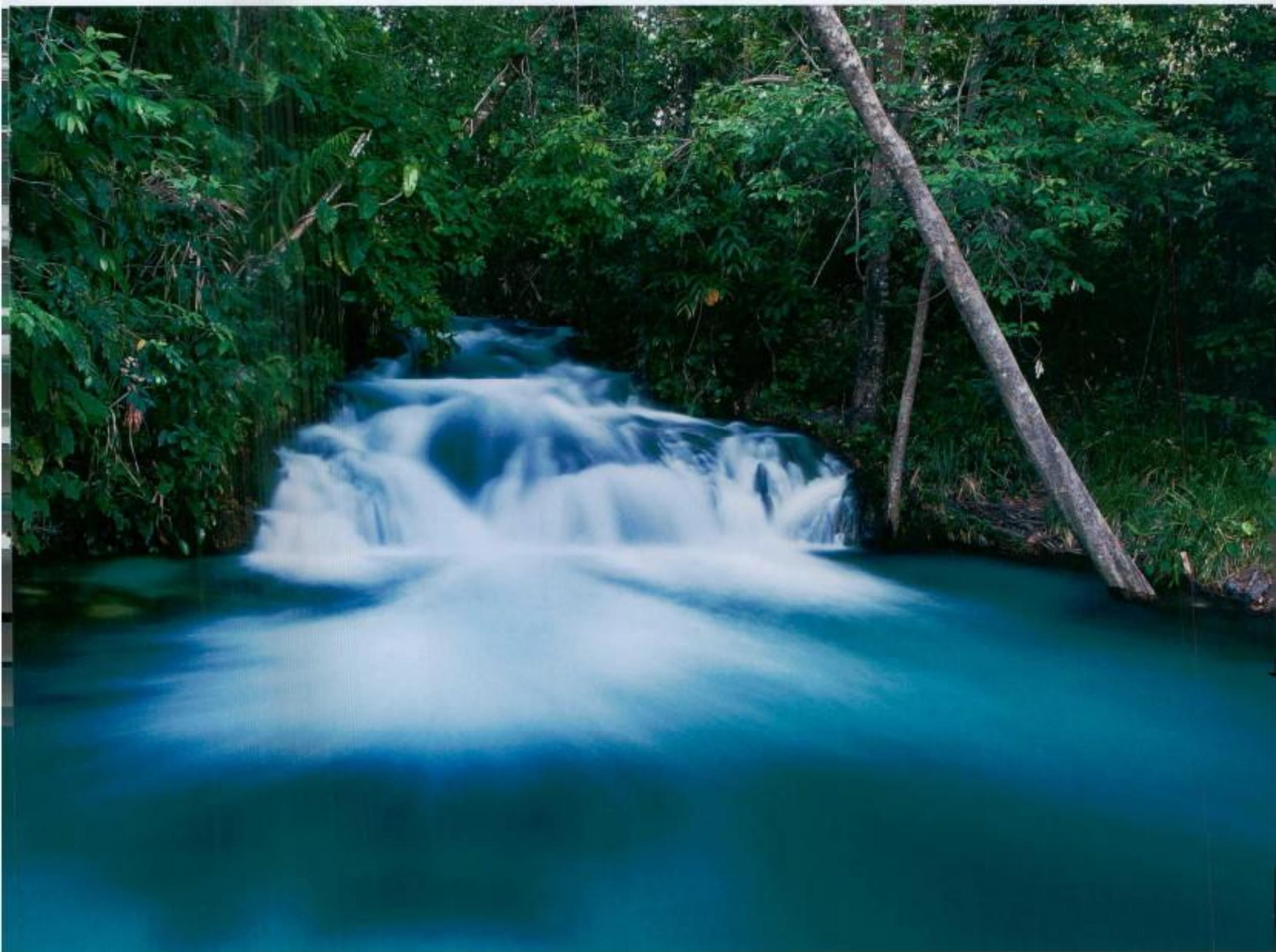
mais de 70% na selva amazônica. As demais 12 regiões hidrográficas podem não ter essa grandiosidade, mas são ricas o bastante para irrigar milhares de quilômetros de terras plantadas, gerar energia e navegar sempre que é preciso.

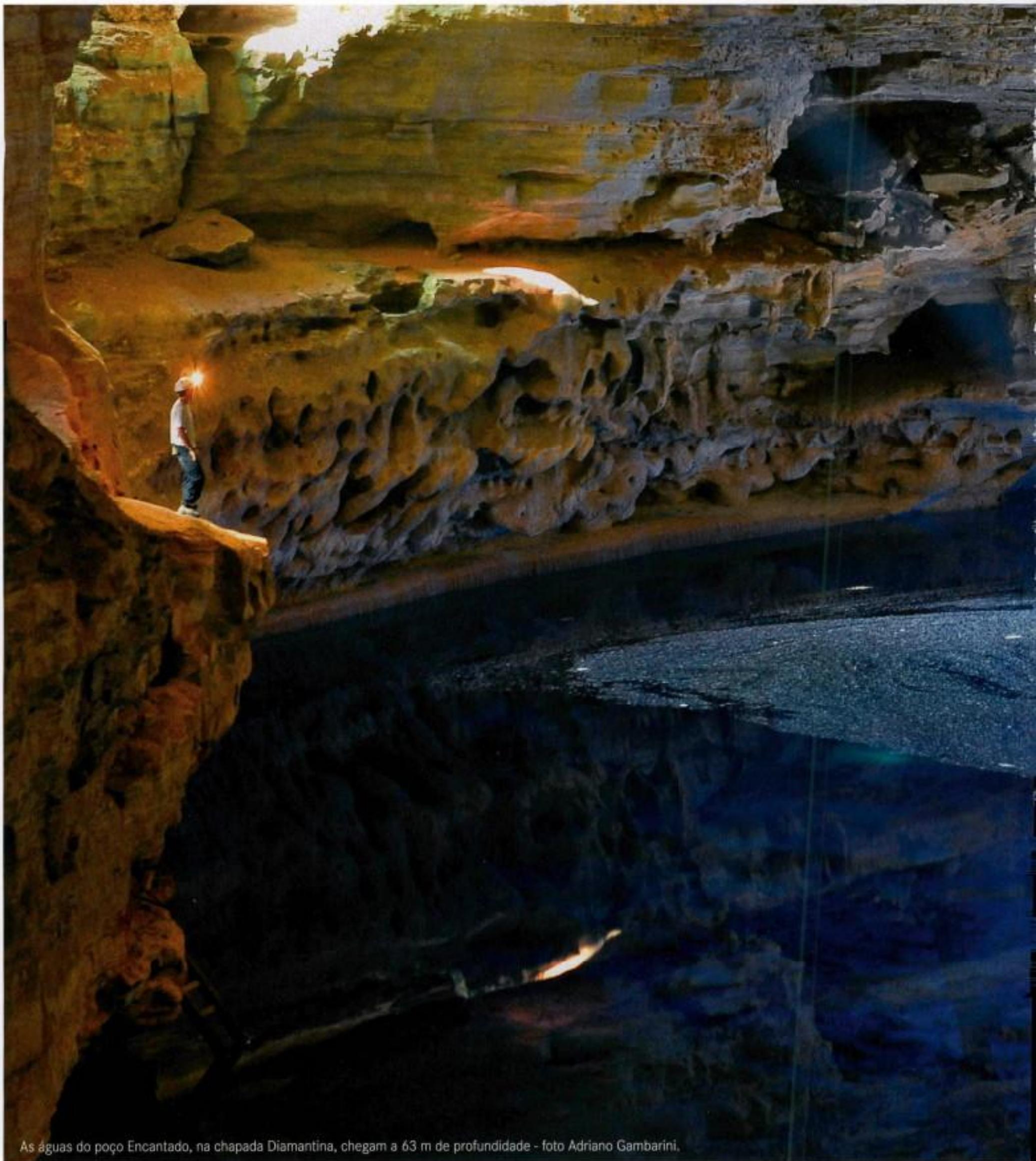
Não bastasse a beleza e a riqueza da superfície brasileira, de norte a sul, no subsolo há dois grandes aquíferos (motivo de mais cobiça alheia), Guarani e Alter do Chão, que guardam 120 mil quilômetros cúbicos de água. E eles não são os únicos. Há 25 aquíferos, todos com 90% do volume de água de beber, água de beber, camarál

Ao acender a luz de casa, parte dos brasileiros aciona as turbinas de um gigantesco parque hidrelétrico. Quase 70% da matriz energética brasileira vem da água dos rios que são barradas em 160 usinas espalhadas pelas bacias.

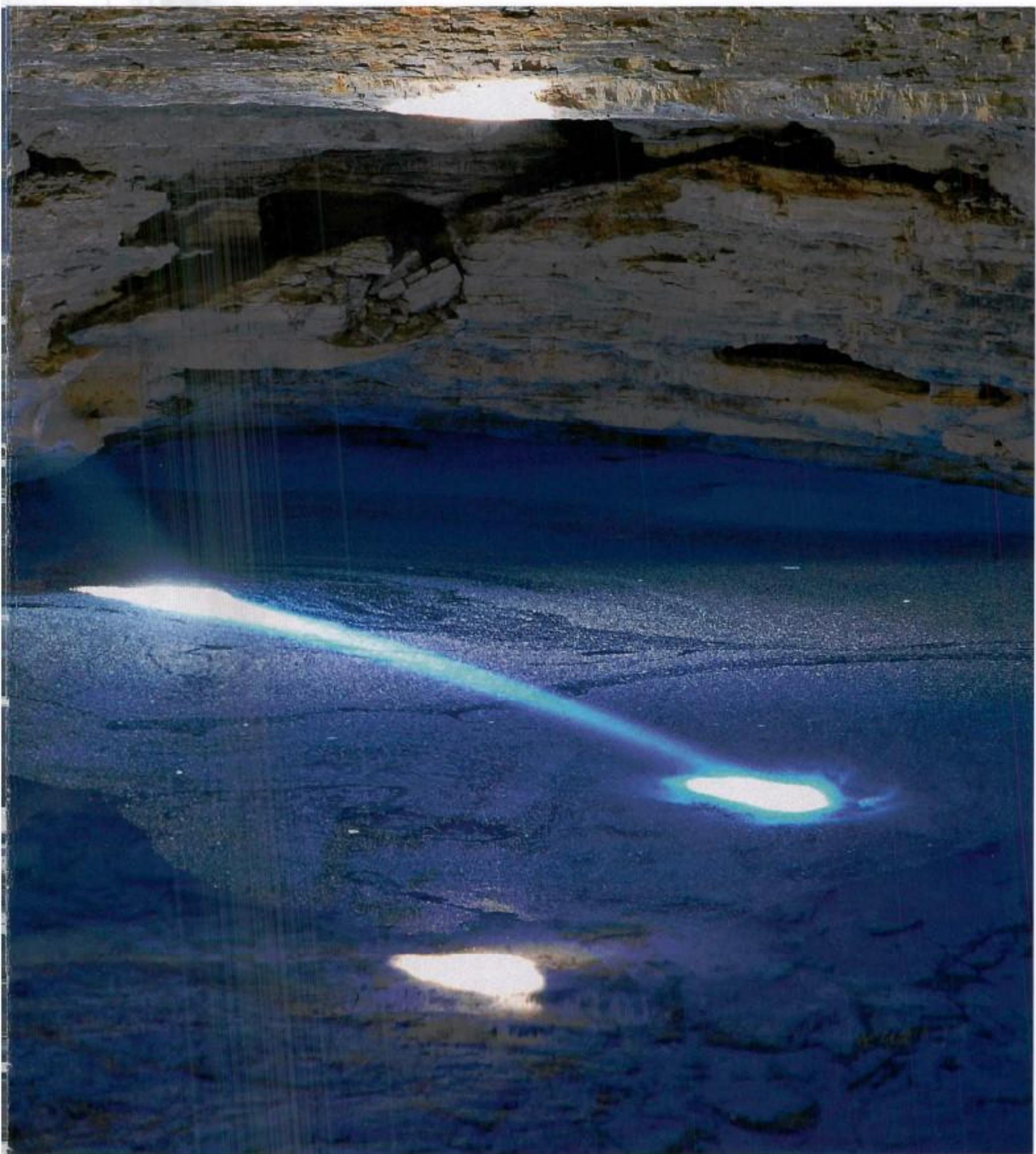
Grandioso mesmo o país seria se o acesso à água potável e energia elétrica gerada pelas quedas-d'água não fosse privilégio. Ainda é, e vejam só, em uma das regiões que mais esbanjam rios caudalosos, a Norte. Fome e doença compõem a triste realidade do caboclo que não tem água potável em casa, mesmo vivendo com água por todos os lados.

Quanto ao ex-rio da Dúvida, então rio Roosevelt, quem acompanhou de perto a expedição Roosevelt-Rondon (vários jornalistas cobriram o feito) não ficou com dúvida nenhuma: o ex-presidente americano buscava notoriedade, explorar o "continente desconhecido" e descobrir se aquele papo de borracha extraída nos seringais poderia ser mesmo um bom negócio. Expandia-se ali o ideal de imperialismo americano sob a América Latina. Roosevelt já havia defendido em 1904 o direito de os Estados Unidos intervirem nos vizinhos do andar de baixo. Ou de cima. Hoje o rio Roosevelt é conhecido como rio Theodoro, mas para muito ribeirinho é o rio Castanho ou o rio Aripuanã, um velho, antiquíssimo conhecido dos índios.





As águas do poço Encantado, na chapada Diamantina, chegam a 63 m de profundidade - foto Adriano Gambarini.





No fim de tarde, jangada no rio São Francisco - foto André Pessoa/Horizonte. À esquerda, barco ancorado às margens do rio Araguari, no Amapá - foto Bruno Alves.



EIXOS FLUVIAIS

A ocupação humana nas terras do estado de Rondônia começa pelo rio Coxipó Mirim, afluente do rio Cuiabá, quando os primeiros sertanistas paulistas chegaram para explorar jazidas de ouro. Tiveram que enfrentar as correntezas e os índios paiaguá, ou os canoieiros, que já habitavam as terras e não queriam concorrência.

Em São Paulo, o rio Tietê serviu como limite entre propriedades de terras e como estradas líquidas, foi objeto de expedições cartográficas e científicas, local de recreação, despejo de esgotos, área de várzea a ser ocupada pela urbanização, leito a ser redesenhado.

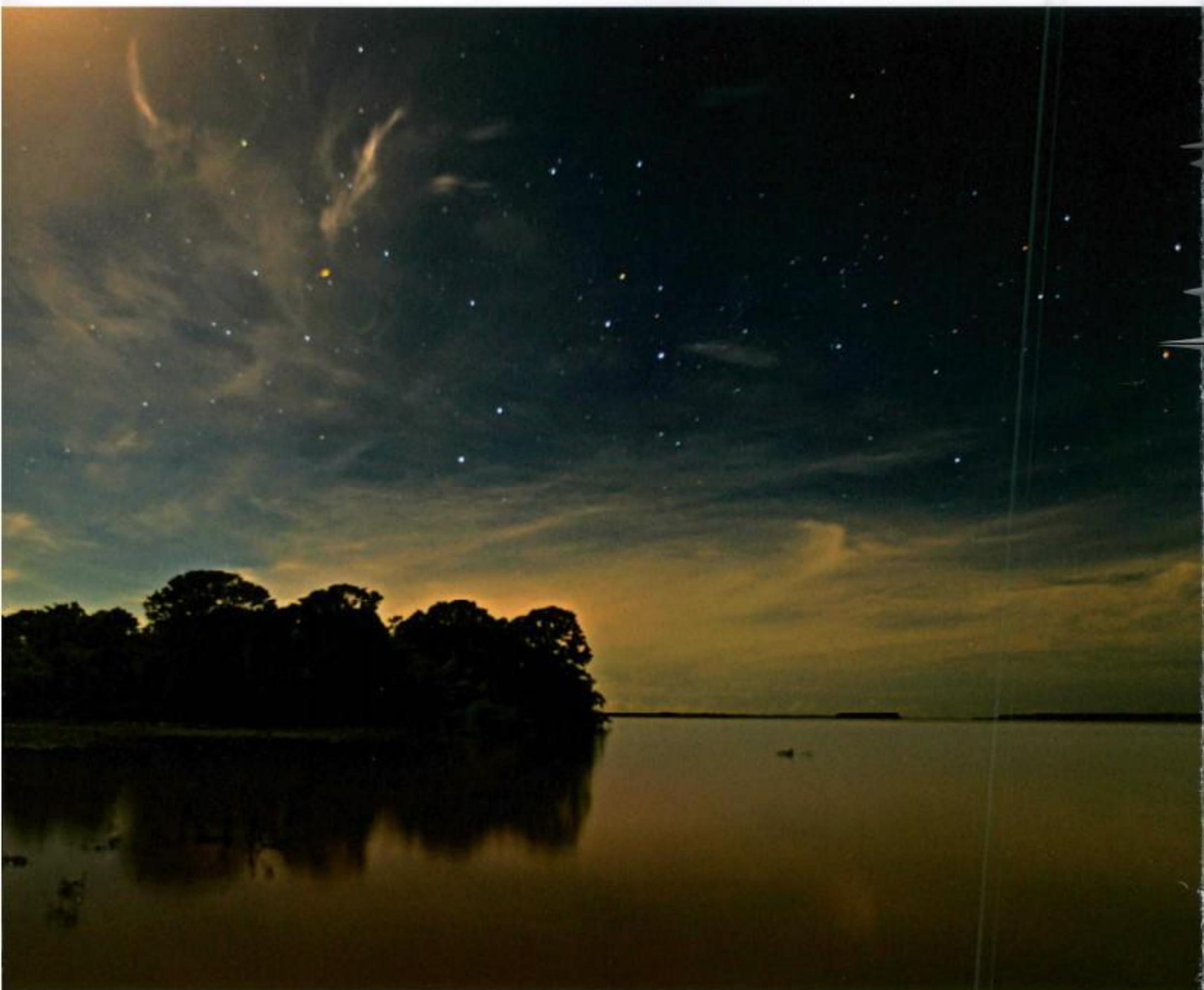
Pelo São Francisco subiram carrancas, bandoirantes, vaqueiros; fundaram vilas, mataram índios, fizeram riqueza e história.

Desde os primórdios da civilização, os homens se deslocavam em função da existência de água, e, conseqüentemente, da alimentação. Na Idade Média, a navegação fluvial passou a ser mais organizada e os comerciantes transportavam mercadorias pelos rios, porque as estradas de terra eram péssimas. As principais feiras da época na Europa, como Frankfurt e Paris, se realizavam às margens dos rios.

No Brasil, os grupos indígenas sempre se fixaram próximos aos rios. Como os aváscanoieiros, que subiram as águas dos rios Tocantins, Araguaia e Juruena e ocuparam suas margens até serem quase que completamente exterminados por fazendeiros. Ninguém de outra nação indígena tinha tanta destreza em construir e conduzir canoas como eles.

Pelas águas, chegou a modernidade aos territórios mais distantes como máquinas a vapor, imprensa, telégrafo, água encanada, luz elétrica, sal, açúcar, refrigerante. Pelas águas chegaram as histórias de pescador, as mães-d'água, as cobras gigantes. Pelas águas chegaram as doenças, os invasores e o começo de uma parte da história que reconta a formação do povo brasileiro.

Céu estrelado, sobre as águas tranquilas do rio Araguari, no Amapá - foto Alberto deC. Alves.



ÁGUA, ELEMENTO VITAL E INSPIRADOR



"A natureza é inseparável da nossa história. Manaus, minha terra natal, construiu minha memória romanesca por meio, principalmente, do rio Negro. Tudo gira em torno dele, do movimento de suas águas. As pessoas chegam pelo rio e vão embora pelo rio. Foi assim com meus avós, libaneses, que desembarcaram no porto de Manaus. Até os anos 1970, antes da chegada das grandes indústrias, a presença do rio Negro era muito intensa. Nosso lazer era ir aos balneários, tomar banho nos igarapés, alguns tão largos quanto o rio Pinheiros, em São Paulo. Eles não secavam nunca, sempre tinham água e peixe. Tudo vem da floresta e do rio, a farinha e o peixe, duas dádivas da natureza. Lembro que eu ia cedinho com meu pai ao mercado municipal. Víamos os barcos chegarem com peixes maravilhosos, lembro daqueles pescadores, das caboclas... Nenhum rio se compara ao rio da minha infância, um rio misterioso por causa de suas águas escuras, assombroso, mas que exerce um grande fascínio. Não é qualquer um que mergulha no Negro. Muitas pessoas têm medo, medo de bichos, medo de desaparecer... Penso naquele rio, naquela água oleosa, no contato com ela, navegar... Um prazer que enche meus olhos, a paisagem mais bela que já vi. Hoje o rio que passa pela minha aldeia não é mais o mesmo. Mas ele ainda vai render histórias para eu contar."

Milton Hatoum, manauara, é um consagrado autor brasileiro que, sempre que pode, aborda os rios da sua terra em seus romances, crônicas e contos. Os cursos d'água têm forte presença, quase como um personagem, em obras como *Órfãos do Eldorado* e *Cinzas do Norte*.

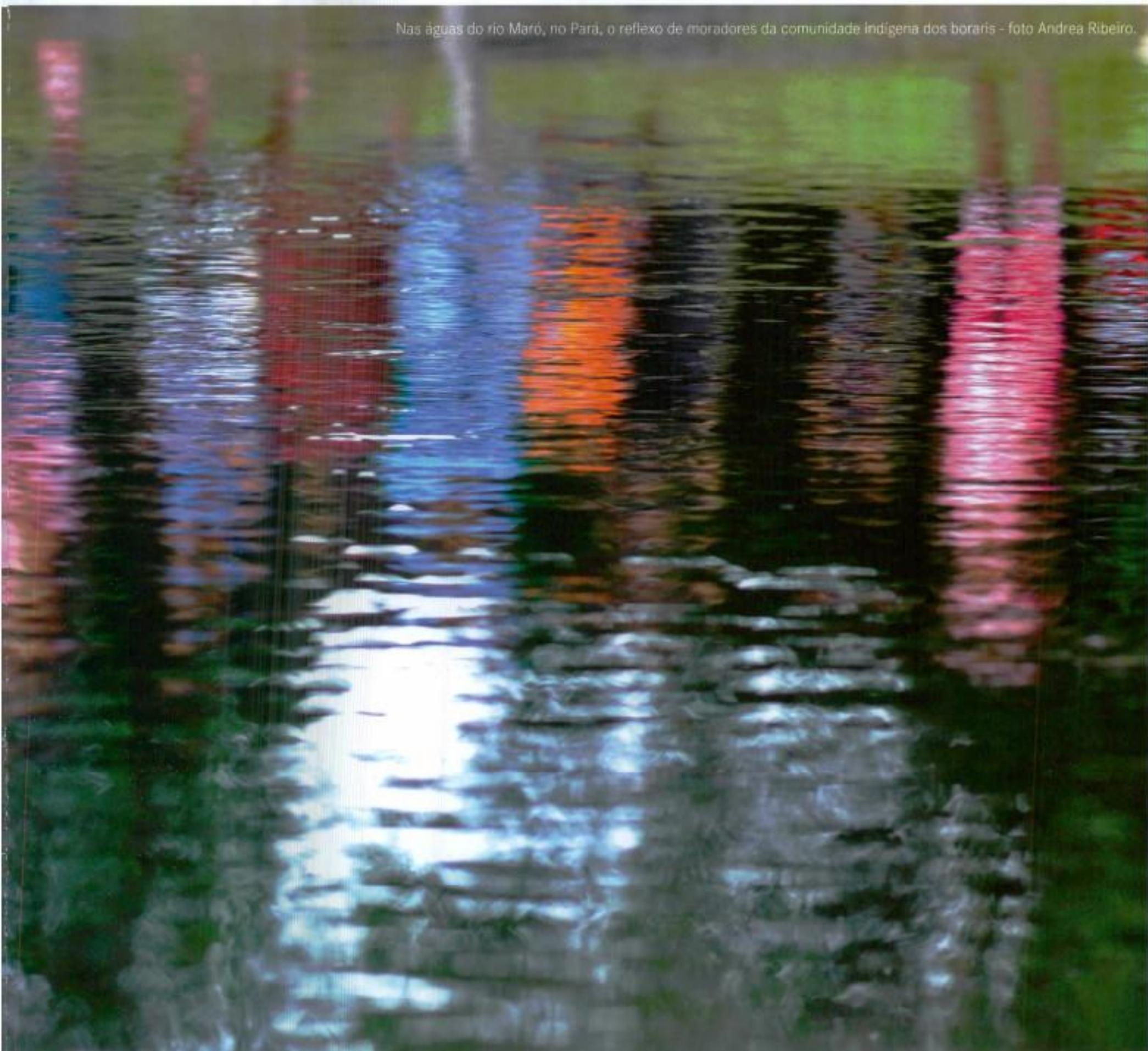




VIDA AO REDOR DA ÁGUA



Nas águas do rio Maró, no Pará, o reflexo de moradores da comunidade indígena dos boraris - foto Andrea Ribeiro.



Terras ocupadas às margens dos rios favorecem o vaivém de barcos, canoas, balsas. As tarefas cotidianas contam com essa parceria fluvial intensa. Passado e presente se misturam em tecnologias que facilitam o trabalho nas águas, expondo os contrastes sociais do Brasil.



Traçado sinuoso do rio Mamoré, em Rondônia - foto Peter Milko/Horizonte. À esquerda, posto flutuante de combustível no rio Solimões, Amazonas - foto Alexandre Pirani.



ESTRADA LÍQUIDA

A malha fluvial do Brasil é invejável, feita de rios navegados em corrente livre e por vias geradas pela canalização de trechos de rios. Há mais de 42 mil quilômetros de estradas prontas, esperando um barquinho a deslizar. Mas apenas 8.500 quilômetros são efetivamente utilizados. Muitas cachoeiras nas terras de planalto impedem que os barcos circulem em paz. É assim nos rios Tietê, Paraná, São Francisco e outros. Ruas sem saídas, avenidas interditas que nunca poderão ser transitadas. Muitas viraram usinas hidrelétricas. Outras, lagos isolados, criados pela construção de barragens.

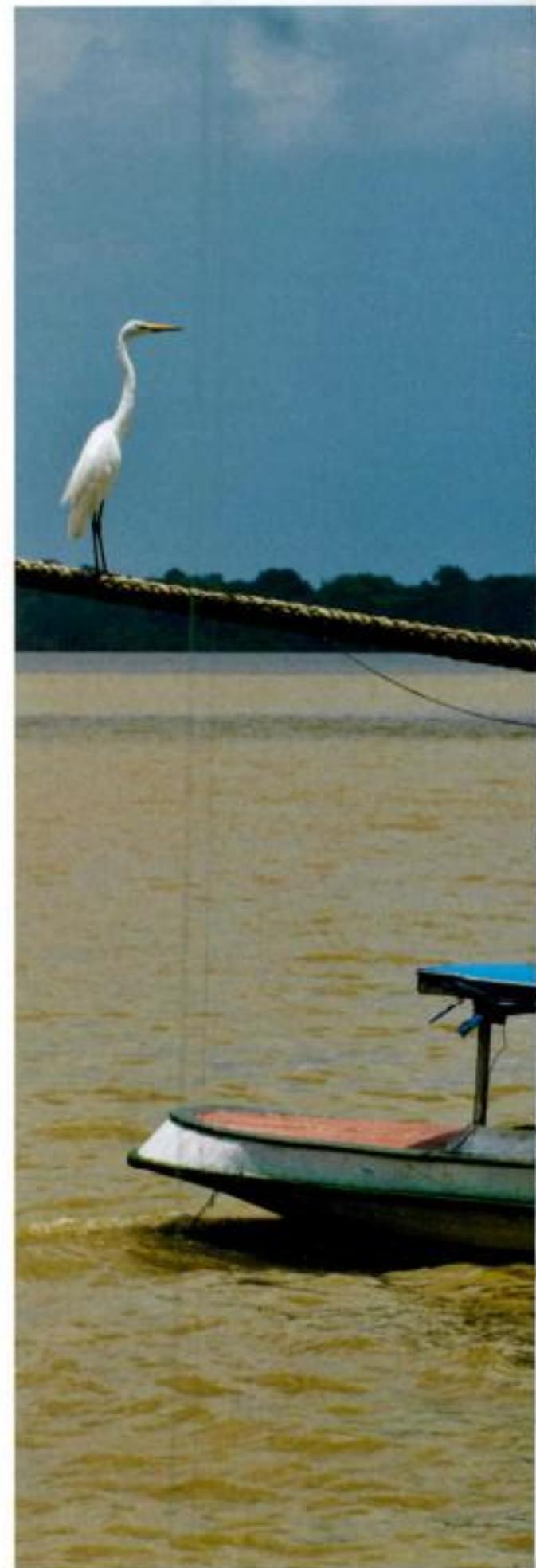
Já os rios que cortam as terras de planície são ótimos para navegar, sem interrupções, como os rios Paraguai e Amazonas. Poderiam transportar mais riquezas do Brasil, mas estão muito distantes dos centros econômicos do país. A riqueza são as próprias águas, e não o que elas carregam. Se no futuro ser rico significará ter água, a Amazônia será a nova Dubai. Observar o mapa de sua hidrografia é como descobrir um mapa do tesouro. Exuberante, colorido, cheio de detalhes e nuances. Parece um corpo vivo com suas veias pulsando sem parar. Dá para imaginar que cada veia possa também ser uma rua, uma estrada lotada de barcos, canoas, balsas, voadeiras, lanchas subindo e descendo.

Maior que o rio Nilo, a Bacia Amazônica tem mais de 25 mil quilômetros de vias e abrange as dez maiores "estradas" do mundo, dentre elas, a "pista" rio Amazonas, com mais de 7 mil quilômetros. Tem gente e tem carga que só chegam se for assim, viajando sobre as águas caudalosas que cortam o imenso estado. Moradores de comunidades ribeirinhas levam dias para desembarcar na sede de muitos municípios. Em toda a extensão da Bacia Amazônica chegam aproximadamente 1.100 rios, formando um imenso labirinto. Como o rio Madeira, extenso e perigoso. São mais de 3 mil quilômetros de estrada barrenta, cheia de restos de árvore, terras caídas e tudo mais que as águas puderem arrastar desde a cabeceira à foz. É preciso ser bom navegador para trafegar em seu leito. Não há

placas de sinalização e nenhum indicador de navegabilidade. Só o tempo dá experiência ao barqueiro para desviar rapidamente de tantos obstáculos e diminuir a velocidade na época de seca para não encalhar. Os mascates dos rios são bons nisso. Seus barcos são conhecidos como regatões, cruzando a região e abastecendo as comunidades ribeirinhas com sal, café, açúcar, refrigerante, bolacha e sabão. Sem outra alternativa de compra, o ribeirinho perde o poder de barganha e perde a noção dos preços.

No Sudeste, acredita-se que a riqueza esteja mais no valor comercial de suas cargas transportadas para diferentes portos do que no valor das águas. Por ano, o rio Tietê transporta mais de 5 milhões de toneladas de produtos. Só a hidrovia Tietê-Paraná tem dez barragens, 23 pontes, 19 estaleiros e 30 terminais de carga. Não há regatões, mas comboios enormes cheios de produtos prontos para serem despejados em portos internacionais. E pensar que houve um tempo em que esse era o único caminho para o interior de São Paulo... Por suas águas, muito ouro e muitas pedras diferentes fizeram a fortuna de bandeirantes portugueses e caboclos espertos.

Típica embarcação de madeira que transporta pessoas, frutos e outros produtos ao longo do rio Guamá, próximo à capital paraense, Belém - foto Levi Mendes Jr.







Búfalo em áreas alagadas do Amapá -
foto Bruno Alves. À esquerda, cavalo pantaneiro
nas regiões inundadas de Nhecolândia, Mato
Grosso do Sul - foto Adriano Gambarini.



ROTINA RIBEIRINHA

A relação dos rios com os ribeirinhos é intensa. Em muitos lugares na Amazônia eles invadem as casas e lá ficam até a natureza mandar buscar as águas. Nas planícies pantaneiras, o rio também é visita que se avisa sempre na mesma época, de março a novembro. Os peões correm salvar os bois, tocando os animais em procissão, como num ritual solitário de homem valente. Cerca de 70% do rebanho bovino do Pantanal é deslocado para as regiões mais altas nesse período. Prejuízo para os fazendeiros, trabalho duro para os vaqueiros.

Já rios rasos avisam que é época de preparar as terras úmidas das beiradas e barrancos, arrancar as árvores frutíferas afogadas na vazante e plantar de novo. Sem demora, os barranqueiros do rio São Francisco agem rápido para aproveitar a fertilidade do solo. Fértil fica também a água. Os peixes surgem sem muito trabalho. É mais fácil capturá-los nos córregos e riachos com pouca água. Mas se a seca persiste, não há cardume que resista. No rio Negro, varas e redes dão lugar, nessas épocas, aos jaticás, espécie de longo arpão usado para capturar tracajás, tartarugas e outros bichos de casco no leito do rio. E no Pantanal, é hora de voltar com o gado para as terras baixas, num vaivém sem fim.

Parecida era a vida dos extintos remeiros do rio São Francisco. Levavam os barcos no peito com apenas uma vara para impulsionar a embarcação. Nas viagens rio abaixo, utilizavam



Lavadeira do rio Jequitinhonha, em Minas Gerais -
foto Cristiano Quintino/Samba Photo. À direita, crianças
no rio São Francisco - foto Rafael Falavigna/Horizonte.



A música embala também o trabalho das lavadeiras. Elas continuam a cantar às margens dos rios, córregos, ribeirões, poços, nascentes. Chegam com as trouxas de roupa na cabeça, lavam, batem e botam as peças para quarar. As escravas já faziam assim. De norte a sul do país, muito colarinho branco de doutor só tinha essa cor porque mulheres, queimadas de sol, deixaram a roupa bem batida enquanto cantavam. Ah, se soubessem a importância de seu papel social nas vilas e cidades que se formavam à beira dos rios... Em Lages (SC), um grupo de lavadeiras do rio Carahá ameaçou parar de trabalhar se o capitão-mor do lugar não fizesse nada para protegê-las de ataques de índios. Como viver sem roupas limpas? Foram prontamente atendidas. Cinco fontes foram represadas com muros de pedra formando um grande tanque, próximo da vila. Hoje o Parque Tanque guarda a memória dessa história. As lavadeiras do córrego da Prainha, em Cuiabá (MT), também foram reconhecidas. Um monumento em praça pública destaca as importantes personagens que ajudaram a construir a cidade até a chegada do crediário e das máquinas de lavar. Mas em muito rincão do país ainda é possível encontrar um grupo de trabalhadoras do rio. Em Almenara (MG), as poucas que existiam formaram um coral e viajam o Brasil e o exterior levando as cantorias de lavadeira. Viraram monumentos vivos, patrimônio cultural da cidade.

Calor, água em abundância, na maioria das estações dá para tomar banho todo dia. Como nem toda casa tem chuveiro elétrico, os rios são as banheiras naturais para muita gente. Mas já avisou, um dia, o filósofo grego Heráclito de Éfeso: ninguém se banha duas vezes no mesmo rio. Nem as águas nem os homens são os mesmos em uma segunda vez. O mundo é movimento, não para, é corredeira.

Dizem que essa mania de se banhar todo dia é coisa de tempos modernos ou coisa de índio. Nas regiões menos quentes, o que se usava mesmo era levar o rio para dentro de casa numa bacia. E não se lavava o corpo todo com muita assiduidade. Só os pés tomavam banho sempre. Para o cantor Djavan, em *Banho de Rio*, o que é preciso mesmo é ter um amor: *Sem meu amor / não tomo banho de rio / nem sou feliz tão cedo.*



*Se eu soubesse escrever n'água
Como escrevo no areão
Eu tinha teu nome escrito
Dentro do meu coração.
(Clarão da Lua – Coral das Lavadeiras de Almenara)*

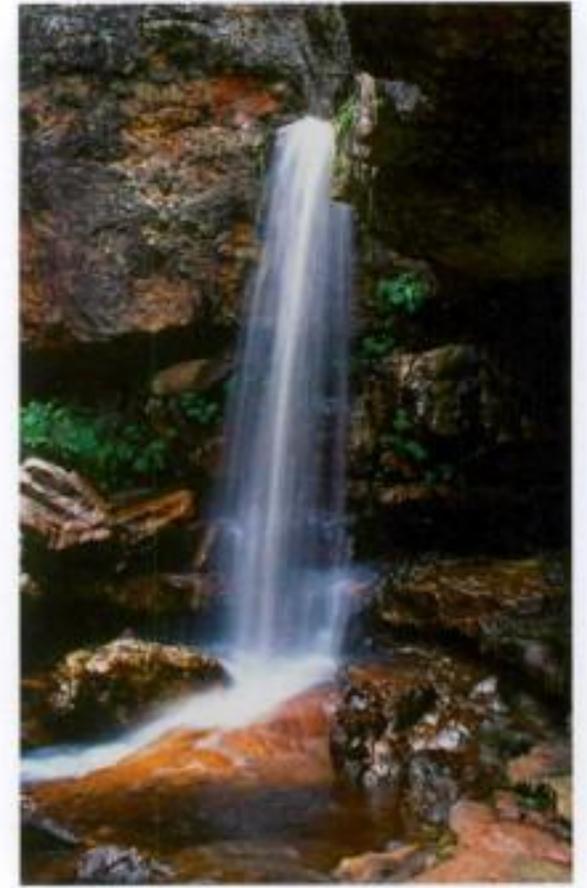


Em noite de lua cheia, moradias ribeirinhas às margens do rio Araguaí, no Amapá - foto Alberto deC. Alves.





MOVIMENTOS ESSENCIAIS



Cachoeira em Lençóis, na Bahia - foto Bruno Alves.
À esquerda, roda-d'água na Casa da Farinha, em Picinguaba, litoral paulista - foto Alberto deC. Alves.

As águas podem ser rápidas e caudalosas, arrastar o mundo de um lado ao outro ou ser calmas e presentes, singrando sem pressa. Um dia, alguém descobriu que até o movimento das águas poderia ter proveito para a vida humana. Poupar o serviço mais duro. De um monjolo a uma usina hidrelétrica, a força controlada das águas passou a fazer parte tanto de projetos pequenos como dos maiores e mais audaciosos. A primeira máquina hidráulica, o monjolo, foi também o primeiro eletrodoméstico das casas coloniais. Tecnologia feita de madeira, ficava do lado de fora aproveitando pequenas quedas-d'água em bicas ou rios. Poupou o suor de muito escravo, o trabalho de muita mulher. Sua tarefa: socar. A água que enchia uma extremidade da peça de madeira apertava o lado oposto do monjolo. E num sobe e desce violento socava milho, amendoim, café. A história de muito doce brasileiro tem passagem pelo monjolo. Que o digam os mineiros com suas paçocas e tantas outras guloseimas.

As rodas-d'água também remontam a tecnologia de tempos atrás. Incansáveis, são elas que abastecem os monjolos, enchendo-os de água fresca que desce do morro. Formadas num sistema de várias conchas, é como se fossem vários monjolos rodando para gerar energia e trazer água de longe. Foi uma das primeiras soluções hidráulicas para bombear água.

Hoje, ainda resistem em muitos cantos do país, e têm uma nova função em hotéis fazendas: atrativos turísticos que relembram um pouco da rotina ribeirinha do passado.



Artesão prepara vaso de cerâmica na ilha de Marajó - foto Alexandre Pirani. À esquerda, praia de água doce no rio Javaés, em Tocantins - foto Zé Paiva/Vista Imagens.



ARMAZÉM DE MOLHADOS

A água que bate no barranco e deixa o solo úmido é boa para plantar e esculpir. Há muito tempo o ser humano sabe disso. Os portugueses se orgulham dos cântaros e púcaros de Coimbra, mas não foram eles que espalharam a técnica a suas colônias. Por aqui, os índios da ilha de Marajó já esculpam com maestria o bom barro preparado pelas ondas dos rios Amazonas e Tocantins. Peças milenares, como vasilhas, vasos,oringas – utensílios de carregar água –, foram descobertas no século 18 pelos viajantes estrangeiros.

Hoje, as mulheres do Vale do Jequitinhonha fabricam as bilhas em forma de bonecas para armazenar água fresca e também para vender como objetos de decoração. Vasilhas feitas de frutos como o coco ou a casca de porangas, cabaças e catutos fazem par com as cerâmicas nas prateleiras de muitas casas do Norte e Nordeste. E ainda fazem peso na cabeça de muita gente que precisa caminhar quilômetros distante de casa para encontrar água.



Bees

DESTINO ATUAL

Imagine a maior cidade da América Latina, São Paulo, com um anel hidroviário de 600 quilômetros ligando os rios Tiête, Pinheiros, Tamanduateí e as represas Billings, Guarapiranga e Taiaçupeba. Barcos transportando diversos tipos de produtos até ecoportos com usinas de reciclagem de lixo. Essas vias também transportariam pessoas, que no rio encontrariam um meio de transporte mais barato e fonte de lazer, como piscinas flutuantes, caiaques e pedalinhos para as crianças e os namorados. Regatas a remo e competições a nado apinhariam famílias em animados piqueniques à beira-rio. Pescar passaria a ser novo hobby da cidade, e não seria mais necessário se deslocar para o interior. Os peixes voltariam a nadar nas águas do Tiête, no trecho da cidade, e estariam muito mais presentes na mesa do paulistano.

O projeto existe e faz parte do trabalho de muitos urbanistas que tentam desenhar uma cidade melhor no futuro. No passado, “as águas foram pavimentadas” por meio da canalização de córregos e rios e deram lugar ao sonho de progresso de engenheiros como Prestes Maia, na década de 1930. Acreditavam que a evolução dos transportes estava nos carros, e não nos barcos.

Nos últimos anos têm sido realizadas várias obras para voltar atrás e tornar os rios brasileiros navegáveis. Eclusas para superar as diferenças de nível das águas nas barragens das usinas hidrelétricas. Há até um projeto de ligação da Bacia Amazônica à Bacia do Paraná. Estudos apontam que, para transformar rios em hidrovias, são necessárias obras de engenharia como dragagem (retirada de terra do fundo do rio para deixá-lo operacional a navios e barcos grandes) e correção de cursos para ampliar a navegabilidade dos rios.

Mas essas ideias traduzidas em projetos ainda não seguiram o fluir das águas. Quem sabe nas próximas décadas. Enquanto isso, nós, brasileiros, aprendemos, transmitimos e registramos na memória a riqueza histórica, cultural, de flora e fauna que essas águas guardam.



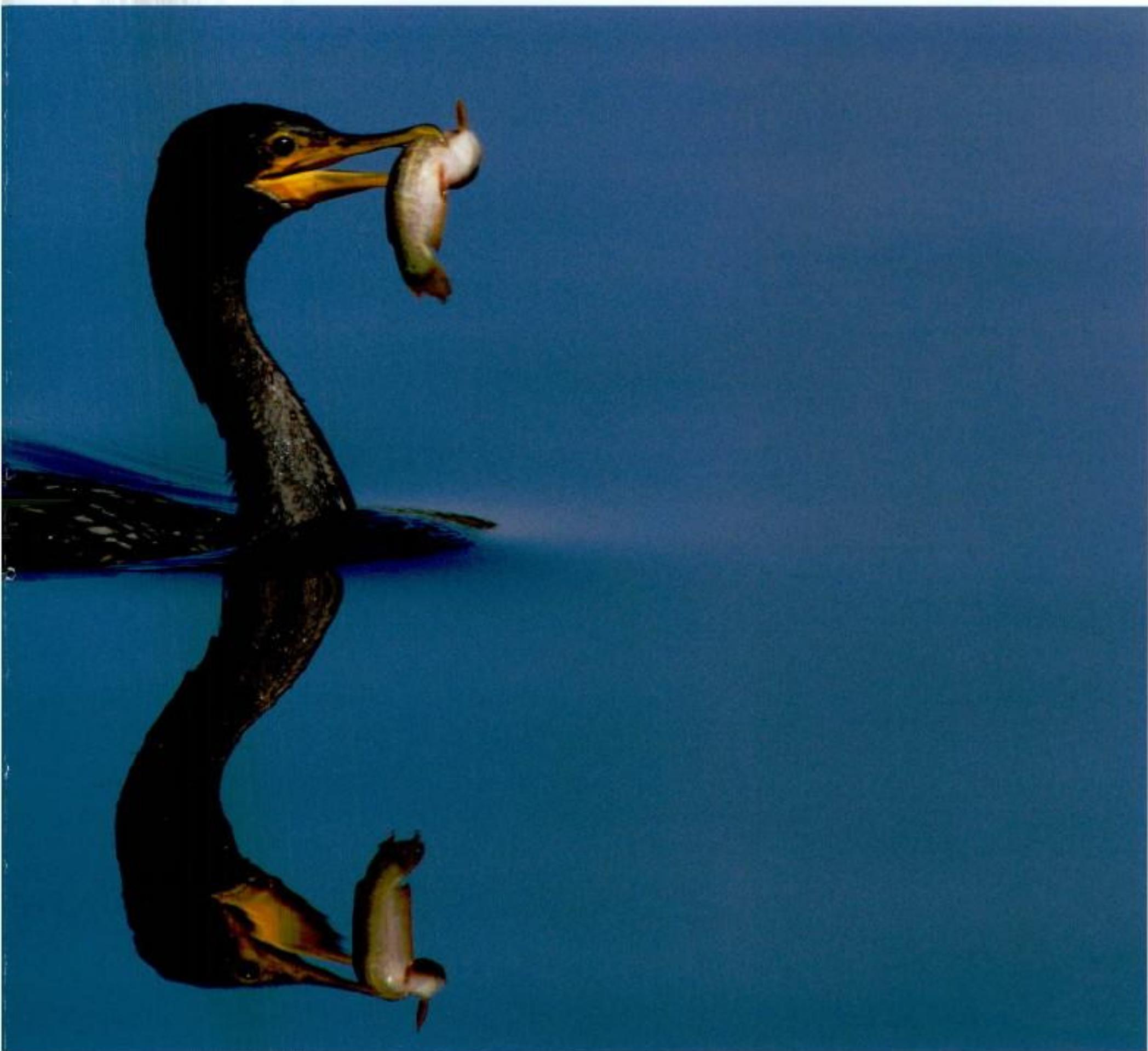
Travessia do rio Tocantins com balsa, em Barra do Ouro - foto Zé Paiva/Vista Imagens. À esquerda, veleiro navega na represa de Guarapiranga, em São Paulo - foto Bruno Alves.

Nas lagoas ao lado da rodovia Transpantaneira, no Mato Grosso, biguãs se alimentam de peixes - foto Daniel Contrucci.

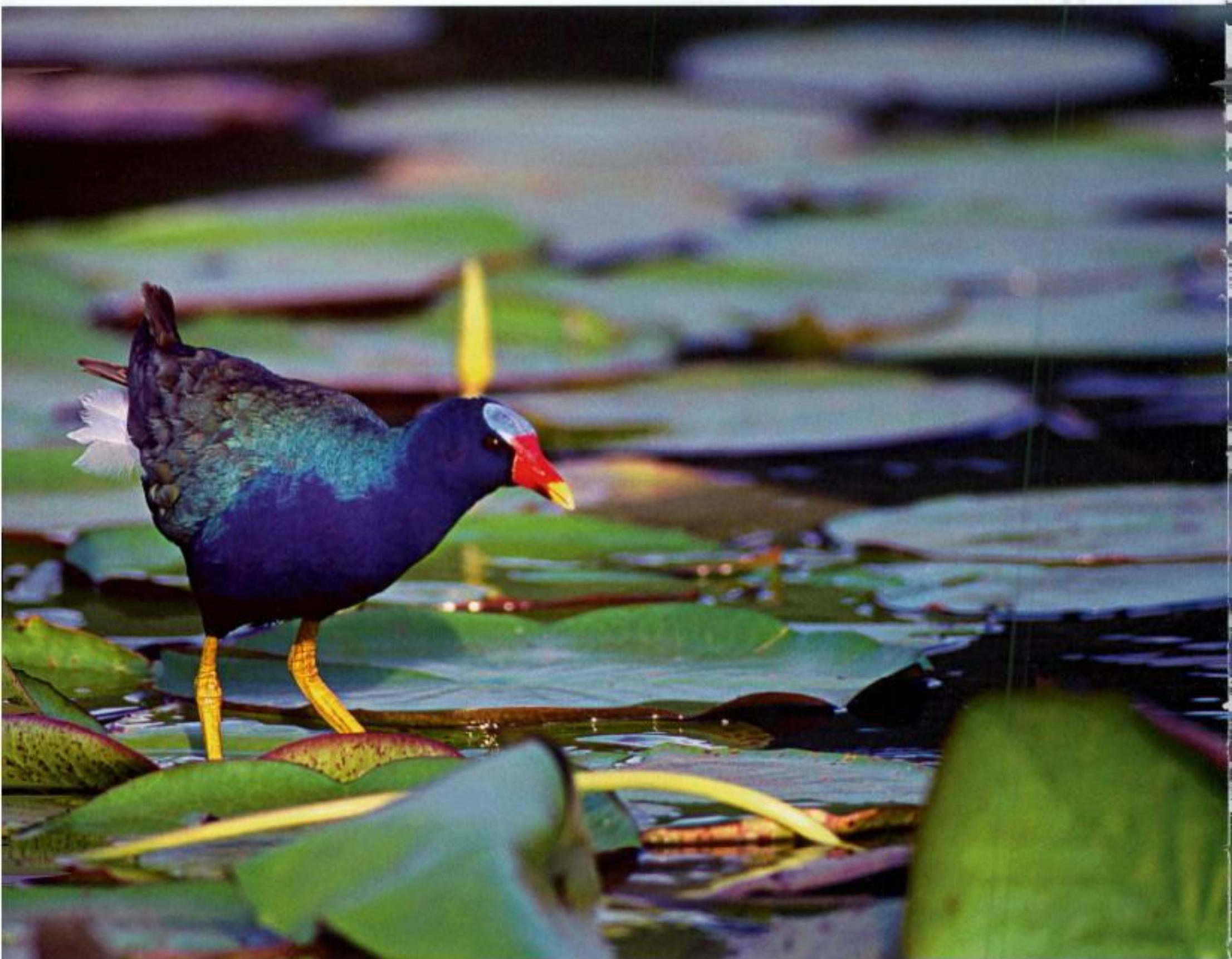


BIODIVERSIDADE PULSANTE





A riqueza da flora e da fauna brasileira sempre encantou nativos e estrangeiros. Sua preservação extrapola as fronteiras geográficas e se transforma em questão mundial. Rios, lagos e igarapés acolhem animais e plantas que também inspiram o folclore e a cultura do país.



Uma das muitas espécies de aves, no rio Guamá, em Belém - foto Levi Mendes Jr. À esquerda, frango d'água sobre plantas em lagoa de Paraty, RJ - foto Bruno Alves.



N

o primeiro documento que dá conta do Brasil, a carta de "achamento" de nossas terras, o verde, os bichos e as aves estavam lá, registrados no papel à pena e tinta pelo forasteiro Pero Vaz de Caminha, em 1500. O olhar estrangeiro se embeveceu com as verdadeiras descobertas, e tintim por tintim traduziu tudo em palavras para el rei Dom Manuel. Dali por diante, já se sabe dessa história: a "terra papagalli" foi tomada por europeus, que imigraram para cá como bandos de maritacas ao cair da tarde. Chegaram pelas águas salgadas e encontraram nas águas doces o refrigério de matar a sede e resfriar o corpo do calor escaldante dos trópicos, assim como vias para adentrar aquela terra desconhecida.

(...) Enquanto andávamos nessa mata a cortar lenha, atravessavam alguns papagaios por essas árvores, deles verdes e outros pardos, grandes e pequenos, de maneira que me parece que haverá muitos nesta terra (...). Outras aves então não vimos, somente algumas pombas-seixas, e pareceram-me bastante maiores que as de Portugal. Alguns diziam que viram rolas; eu não as vi. Mas, segundo os arvoredos são muitos e grandes, e de infindas maneiras, não duvido que por esse sertão haja muitas aves!

(trecho da Carta de Achamento do Brasil, de 1500)

A primeira riqueza a ser explorada foi uma árvore, grande e frondosa, com um tronco resistente e de cor parecendo brasa em fogo. O enxoval das "senhoras" europeias ganhou nova cor com a descoberta. Da madeira dessa árvore era extraída uma tinta vermelha, pouco comum naquela época. Batizada de pau-brasil, batizou também a nova terra, que de Santa Cruz virou a terra do Brasil. A espécie é típica da mata Atlântica, que recobria todo o litoral do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul.

Há muitos relatos e registros pictóricos do passado descrevendo as paisagens do Brasil, as espécies naturais desconhecidas, animais estranhos, homens considerados primitivos. Um dos escritos mais famosos é de Hans Staden, alemão que aqui esteve duas vezes, entre 1547 e 1549. Num dos relatos, dá conta da existência do porco-do-mato, espécie de queixada, e da árvore de jenipapo:

(...) Há no país veados e porcos do mato de duas qualidades. Uma espécie é como a daqui. As outras são pequenas como porcos novos, e se chama Taygassu, Dattu; (...) Há também macacos de três espécies. Há ali árvores a que os selvagens chamam Junipappceywa. Estas árvores dão uma fruta semelhante à maçã.

Além de escritos, há pinturas documentais incríveis sobre a flora, a fauna e a cultura brasileira, como as artes realizadas pela famosa expedição do barão Georg Heinrich von Langsdorff, entre 1824 e 1829. Artistas e cientistas contratados criaram um rico acervo de imagens sobre flores, folhas, árvores, bichos e pessoas, como os índios bororos. Os estudiosos percorreram 17 mil quilômetros, e um dos trabalhos mais significativos foi o do francês Hercule Florence. O fotógrafo e pintor concebeu um método de transcrição do canto dos pássaros denominado zoofonia, registrando os sons em pautas musicais. O francês nunca mais deixou o país. Outro presente na expedição foi o alemão Alexander von Humboldt, que 20 anos antes esteve na Amazônia e descobriu a existência de uma comunicação entre os maiores sistemas hidrográficos do mundo, do rio Orinoco e do rio Amazonas, o canal Casiquiare. As descrições minuciosas do pesquisador não deixaram dúvidas quanto à passagem navegável entre os dois rios.

Entre 1865 e 1866 foi a vez dos americanos, com a expedição Thayer. A viagem rendeu descrições e pinturas das paisagens amazônicas e uma série belíssima em aquarela sobre os peixes brasileiros de autoria do suíço Jacques Burckhardt. Em 1865, o cientista lançou o livro *Peixes Brasileiros*. Muitas outras expedições estrangeiras partiram pelos sertões, principalmente no reinado de Dom Pedro II, com a missão de transformar a natureza em ciências.

Pelos rios partiram também expedições nacionais, como as empreendidas pelos bandeirantes, mas com outros objetivos. Ao longo das águas, apreenderam índios, fundaram arraiais e limitaram grandes extensões de terra, riscando o desenho das regiões da Bacia do rio da Prata, Bacia do rio Paraguai, Bacia do rio Paraná. Alguns desbravadores foram ainda mais longe. As bandeiras de Pedro Teixeira e Raposo Tavares chegaram à Amazônia graças aos sinuosos caminhos das águas, entre 1639 e 1642. Saíram pelos rios paulistas, subiram à Bolívia e desceram pelos rios Mamoré, Madeira, Solimões e Amazonas até Gurupa, no Pará. Com a Expedição pelo Rio Amazonas, Pedro Teixeira desenhava os limites das terras divididas entre o reino espanhol e o reino português. E tomou a Amazônia, a mais rica das reservas naturais, para Portugal. Só ele e a caravana de 2 mil pessoas (47 canoas, 70 soldados portugueses, 1.200 índios remadores e de guerra e outros) que formavam a expedição sabiam que a enorme riqueza natural do norte do Brasil

Capivaras nadam na represa de Guarapiranga, em São Paulo - foto Bruno Alves. À direita, ninhal no rio Cuiabá, MT - foto Daniel Contrucci.





valia a quebra do contrato entre os dois países. Um escrivão presente lavrou o documento que entregava a floresta Amazônica à terra natal do intrépido bandeirante:

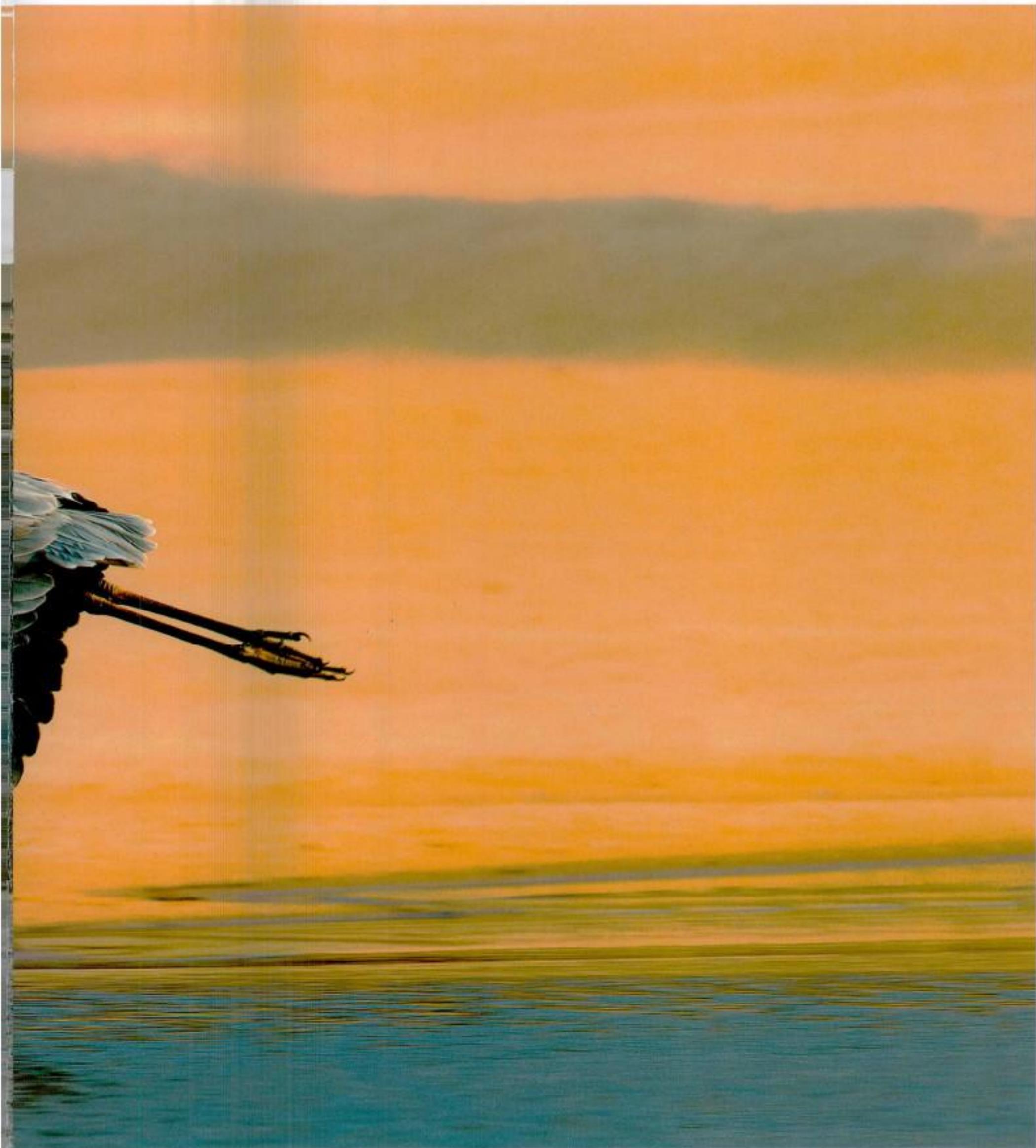
Eu, escrivão, tomei estas terras nas mãos e as dei nas mãos do Capitão-Mor (Pedro Teixeira)(...) investido da dita posse, pela Coroa de Portugal, no dito sítio e mais terras, rios, matas, navegação e comércio (...) Se houver entre os presentes, alguém que contradiga ou embargue este ato, que o escrivão da expedição o registre.

Com o interesse de tantos olhares diferentes dá para imaginar a riqueza original das florestas brasileiras nesse período. Nenhum registro deve ter dado conta da beleza, ao vivo e em cores, dos animais, das plantas e das pessoas que cruzaram o caminho desses curiosos da terra e do além-mar. Entre 1500 e 1800, calcula-se que só a mata Atlântica cobria 15% do território nacional (mais que o dobro do tamanho da França). Isso sem contar com a floresta Amazônica, cuja área era 15% maior do que os 6 milhões de quilômetros quadrados atuais.

Até hoje não foi possível catalogar o tamanho preciso da beleza natural do Brasil. A cada ano, estudos apontam a descoberta de novas espécies animais e vegetais.

Garça-moura, uma das aves que habitam o rio Javaés, no Tocantins - foto Zê Paiva/Vista Imagens.







Detalhe da vegetação aquática e prainha do rio Novo, no Parque Estadual do Jalapão, ambas no município de Mateiros, no Tocantins - fotos Zé Paiva/Vista Imagens.



O VERDE E AS ÁGUAS

As terras nacionais acolhem a flora mais diversa do mundo, com mais de 40 mil espécies de plantas ou 22% do total mundial. Também se encontra no país a maior riqueza de espécies de palmeiras (390 espécies) e de orquídeas (2.300), além de algas, gimnospermas (como o pinheiro), pteridófitas (samambaias) e briófitas (musgos).

Não à toa, esse patrimônio é muito cobiçado e continua sendo alvo de ataques estrangeiros. Nas terras úmidas do Pará, a palmeira do açaí virou o novo ouro em pó da Amazônia. Seu fruto, o açaí, é o grande negócio sustentável da região, e o negócio é tão bom que recentemente foi alvo de biopirataria. O Japão patenteou o fruto, em 2003, se tornando o "legítimo titular" do açaí no Brasil, podendo cobrar royalties de qualquer pessoa que utilizasse o nome do fruto. O mesmo aconteceu com o fruto do cupuaçu. Queriam tomar o cupuaçu do Brasil. Só em 2007, a marca desses frutos tipicamente amazônicos deixou de pertencer aos japoneses, voltando a fazer parte do patrimônio brasileiro.

E pensar que as árvores desse vastíssimo mar verde da Amazônia têm um número incalculável de espécies. Fala-se em mais de 1,5 milhão catalogadas. Filhas da mata úmida, as vegetações são assim, ímpares, por causa da enorme quantidade de material orgânico que vem arrolando dos Andes pelas águas, até estacionarem no solo da Bacia Amazônica. E pelas chuvas que caem torrencialmente, principalmente no inverno, impactando a formação de seus ecossistemas: matas de terra firme, florestas inundadas, várzeas, igapós, campos abertos e cerrados. É assim que a Amazônia acaba por deter 1/5 da disponibilidade mundial de água doce e um patrimônio mineral não mensurado. Só a maior floresta tropical do mundo poderia ter uma das plantas mais bonitas do mundo: a vitória-régia, linda de ver, linda de contar. A planta faz parte da flora e das lendas do homem amazônico. Chega a atingir 2 m de diâmetro e suas flores exalam um suave perfume, muitas vezes ofuscado pelo forte aroma da terra úmida das margens dos rios.



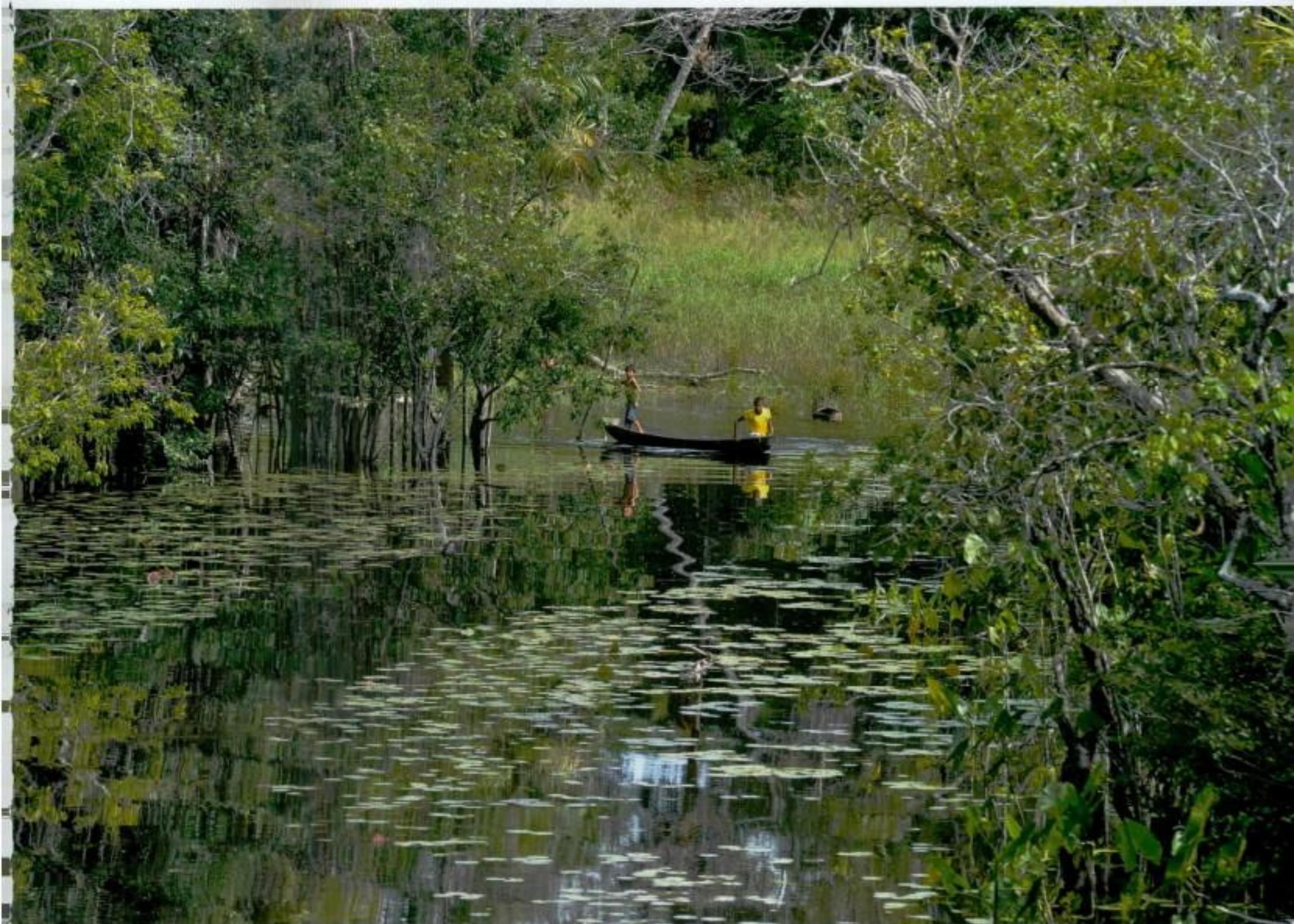
No Pará, raízes à vista em mangue vermelho no rio Breves - foto Peter Milkn/Horizontal. À direita, canoa indígena em Igarapé no rio Arapiuns, PA - foto Andrea Ribeiro.

Entre nossas centenas de palmeiras, o buriti mostra uma bela relação com a água. Essa versão que atinge até 35 m de altura vive próxima de riachos, rios, ribeirões. Quando as sementes caem nas águas, elas são espalhadas ao longo das margens, disseminando a espécie.

No ecossistema, cada elemento tem uma função, já sabemos. Mas é sempre bom conhecer detalhes de algumas plantas que contribuem para esse equilíbrio. A espécie conhecida como aguapé, ou baronesa, se desenvolve em rios e lagoas do Pantanal e da Amazônia. Suas raízes longilíneas purificam a água e contribuem para sua oxigenação. Porém, quando presente em grande quantidade, o aguapé é capaz de causar o efeito inverso: a morte de organismos aquáticos.

Do Norte ao Nordeste, com características opostas às da Amazônia, está a caatinga, único bioma exclusivamente brasileiro. Isso significa que o patrimônio biológico desse bioma não é encontrado em nenhum outro lugar do mundo além dessa região do Brasil. São mais de mil espécies vegetais que se desenvolvem com pouquíssima água, em solo bem seco. Como o mandacaru, símbolo da caatinga. O vegetal duro, cheio de espinhos e com raízes muito profundas, porque busca umidade, retém água em sua estrutura e nas épocas de seca serve para matar a sede de animais e pessoas. Da dureza dos espinhos surge uma linda flor muito delicada trazendo o aviso de tempos úmidos. "Mandacaru, quando flora lá na seca/ É o sinal que a chuva chega no sertão..." (trecho de *Xote das Meninas*, de Dominginhos).

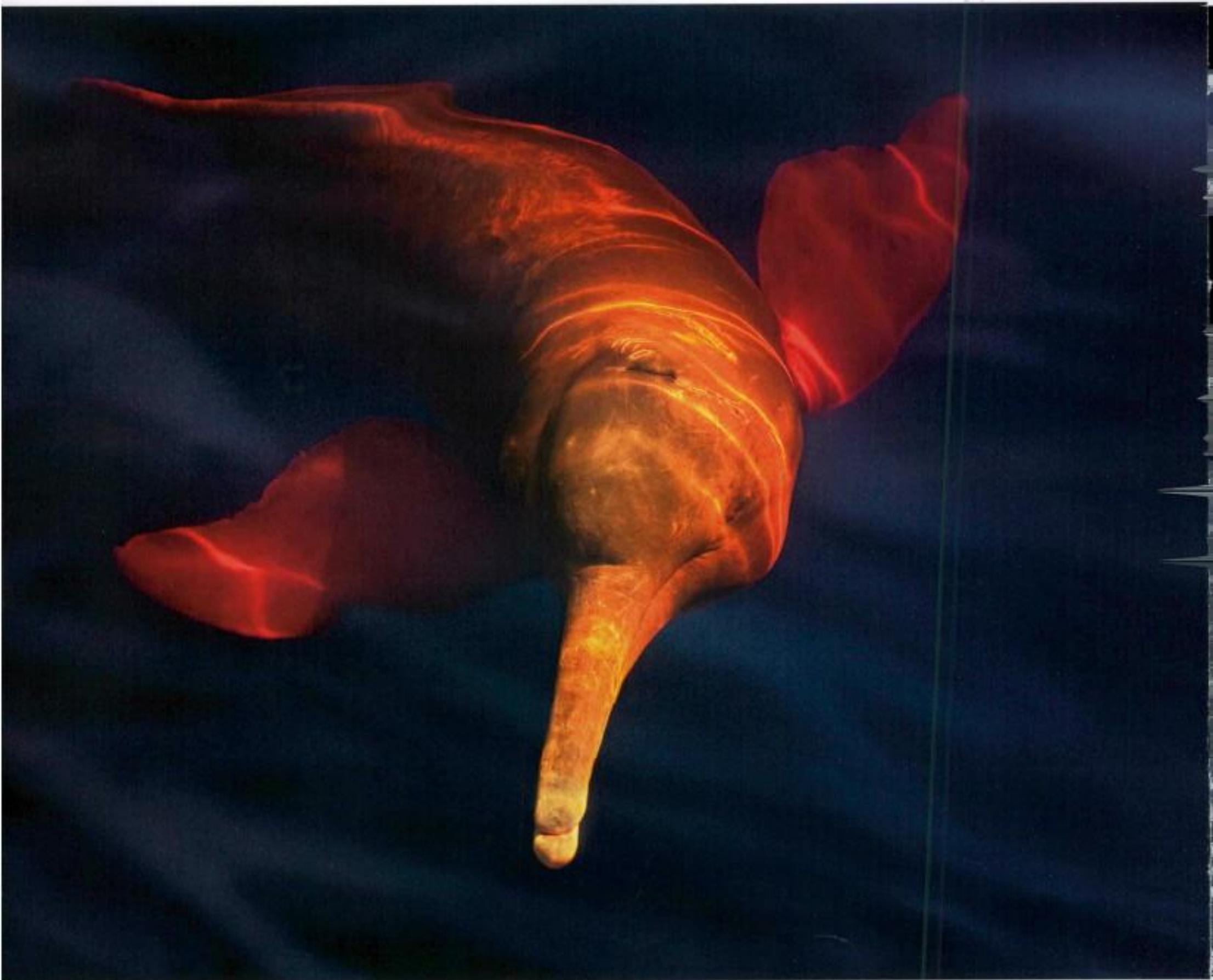
Tanta variedade de espécies vegetais "verde-amarelas" inclui muitas ainda não estudadas. Algumas estão em fase de extinção; outras desapareceram antes de serem conhecidas cientificamente. Um catálogo dessas e de outras plantas consta na lista das espécies da flora brasileira, organizada pelo Ministério do Meio Ambiente. Preservar, estudar e desenvolver técnicas sustentáveis de cultivo e manejo desse patrimônio é tarefa singular que tem significado o sustento financeiro de milhares de famílias ribeirinhas e poderá decidir se toda forma de vida no planeta azul terá futuro ou não.







Suçarana nada em região próxima a Itaituba, cidade paraense localizada nas margens do rio Tapajós - foto Araquém Alcântara.



Mamífero camuflado entre troncos, no Tocantins
 - foto Zé Paiva/Vista Imagens. À esquerda,
 boto do Parque Nacional de Anavilhanas, no rio
 Negro, AM - foto Araquém Alcântara.



MORADORES AQUÁTICOS

O Brasil é responsável pela gestão do maior patrimônio de biodiversidade do mundo: são mais de 100 mil espécies de invertebrados e aproximadamente 8.250 espécies de vertebrados (713 mamíferos, 1.826 aves, 721 répteis, 875 anfíbios, 2.800 peixes continentais e 1.300 marinhos), das quais 627 estão listadas como ameaçadas de extinção.

Eta terra rica pra danar! Aqui tem rouxinol, tem pintassilgo, beija-flor e curió. Tem gavião, macaco, tatu, onça e caracará. Pirarucu, piranha e peixe-boi. Castor, lontra, ariranha e jacaré. A lista é enorme e parece não ter fim.

Na lista dos peixes de água doce reinam os maiores de todos: o pirarucu e a piraíba. Grandes, chegam a pesar 200 quilos e são "objetos de desejo" de muitos pescadores. À noite quem reina nas águas do Araguaia é a piraíba. Na língua tupi, seu nome significa peixe ruim, por ser difícil de pescar e por ter as vísceras cheias de parasitas. Vive em lugares profundos, poços, remansos, saídas de corredeiras e confluência de grandes rios. Já o pirarucu gosta mesmo é de nadar em águas calmas e rasas.

Roliço, pesado, grande, com jeito de peixe e se alimentando de capim é o peixe-boi. O mais simpático dos mamíferos se confunde com peixe, mas não é, não. Toda a simpatia não é suficiente para tirá-lo da solidão. Nada nas águas amazônicas se alimentando de plantas aquáticas, raízes e vegetação de áreas alagadas. Funciona como importante adubador do ambiente aquático. Parecido com ele é o boto-rosa. Também solitário, se destaca pela simpatia. Os botos não enxergam bem e se comunicam emitindo gritos estridentes, prestando atenção no eco dos sons na água. Mas cuidado: a espécie pode se transformar em um homem bonito e sedutor, da lenda amazônica que atravessa o imaginário de gerações de ribeirinhos. Nas noites de festas não perde tempo e engravida as moças que estão à beira do rio, desprevenidas. Aqui é também a casa do tambaqui, peixe que chega a pesar 35 quilos e circula pelas bacias Amazônica e do Paraná. Na época de seca dos rios, vive praticamente sem se alimentar. A gordura de seu grande corpo de escamas o protege nesse período, até a comida voltar: outros peixes, frutas e sementes.



Jacaretinga, no Parque Estadual do Cantão, no Tocantins - foto Zé Paiva/Vista Imagens. À direita, cena comum de cardume de peixes nas límpidas águas de Bonito, MS - foto Cristiano Burmester.

Reluzente e histriônico é o dourado. Salta das águas do São Francisco e da Paraná exibindo seu corpo amarelo, mas ô coitado, é nessa hora em que os pescadores fazem a festa e o dourado vira um belo prato, recheado com batatas e tomates.

Originário da Amazônia, o tucunaré, que apresenta uma mancha redonda em sua cauda, nada em muitos rios e represas da região Sudeste, mas não porque migrou – essa espécie não realiza esses movimentos. Foi o homem que o levou para outras paragens. De carne macia e saborosa, esse peixe ganha espaço até em pratos da alta gastronomia brasileira, servido com acompanhamentos típicos como farofa de banana e arroz de coco.

Outro peixe que passou a ocupar novos cursos d'água diferentes de seu hábitat nativo é a piranha. Com apetite voraz e comportamento agressivo, ela ganhou fama até no cinema, com o clássico filme de terror produzido na década de 1970 e com o nome do peixe no título. As diversas espécies de piranha costumam atacar em bando. Os cardumes são encontrados principalmente no Pantanal e na região amazônica. Os pescadores que se especializam em capturá-la sugerem transformar sua carne em um saboroso caldo, cheio de vitaminas. Apesar de serem de pequeno porte, as piranhas são audaciosas e chegam a atacar jacarés, outro morador comum dos rios das regiões Centro-Oeste e Norte, que disputam com as pequenas de dentes afiados até filhotes de aves que caem de ninhos próximos às margens dos rios. É a natureza em movimento constante.

No reino das aves, algumas cantam o canto do socorro para não sumirem do mapa. A maioria está na mata Atlântica. Cerca de 160 espécies estão em risco, como a jacutinga, o tico-tico-do-campo, o pica-pau-de-cara-amarela, a ararinha-azul. Os apelos do mamífero mico-leão-dourado foram ouvidos. Apenas 200 micos-leões-dourados existiam na mata Atlântica na década de 1970. Hoje são 1.400.

Assim como os seres humanos, os animais têm que circular, e para isso a solução está sendo colocada em prática em vários lugares do Brasil: é a criação de corredores biológicos, também conhecidos por corredores gênicos. Essa técnica consiste em ligar um fragmento de mata a outro por meio da plantação de árvores nativas. Os corredores ecológicos representam uma das estratégias mais promissoras para o planejamento regional eficaz de conservação e preservação de flora e fauna.

*No fundo d'água as Iaras, caboclo, lendas e mágoas
E os rios puxando as águas
Papagaios, periquitos, cuidavam das suas cores
Os peixes singrando os rios...*
(Saga da Amazônia, Geraldo Azevedo)



Pescados no rio Seridó, no interior do Rio Grande do Norte, estes peixes estão quase prontos para serem saboreados - foto Alexandre Schneider.



ESTÍMULO AO PALADAR





Da água vem o ingrediente, o sustento. Com a água se cozinha, se prepara a refeição. Cada região guarda um jeito particular de explorar a comida. Depende da história, dos costumes, da natureza e do que ela oferece. O resultado sinaliza a criatividade na culinária brasileira que brota às margens dos cursos d'água.





Espetos de peixe na feira de Manaus - foto Alexandre Pirani.
À esquerda, banca de temperos e iguarias no mercado da Boa Vista, em Recife - foto Alexandre Schneider.

Difícil imaginar outro aspecto da vida humana que resuma tão bem a cultura, a história, os ciclos ecológicos dos recursos naturais, a dinâmica dos mercados locais e as preferências coletivas e individuais quanto a culinária.

Os sabores, as cores, os aromas e as texturas dos pratos elaborados à beira dos rios do Brasil traduzem os hábitos de um povo que tem à mão a riqueza das águas e séculos de história das mesas portuguesa, indígena e africana. Assim, um dos pratos mais fartos desses cenários de água doce leva, sem dúvida, peixe e também a rainha da mesa brasileira, a mandioca. Os ingredientes vêm das águas e da terra, a tradição é indígena e os temperos são à moda das tabas, da Europa e da África. Tudo junto e misturado num sabor único. Os melhores complementos podem ser alho, cebola, coentro, tomate, louro, cominho, azeite de dendê, azeite de oliva, jambu, pimenta-do-reino, manteiga-de-garrafa, murupi, tucupi, sal grosso, limão. Elementos colhidos nas roças, nas florestas ou vindos de além-mar.

Come-se em casa, à mesa com a família ou na beira do rio, com talher ou à mão. Os encontros à beira-rio se tornam rituais de comemoração à vida nas águas doces, à fartura de peixes, ao bem comer. Como no festival da piracaia, comum no Pará, na região de Santarém. Uma grande churrascada de peixe marca a reunião dos ribeirinhos, regada a uma boa pinguinha (leia mais no depoimento de Ana Luiza Trajano), viola e muitos causos do mato para se contar. Há quantos séculos será que se come assim?

Piracaia, piranha, tambaqui, pacu, piraíba, surubim, dourado, pintado, pitu, pacamã, pirarucu, tucunaré... peixes taludos, de gosto forte, assados, cozidos ou ensopados, vão ao gosto do freguês. Pescados e bem fresquinhos abastecem grandes mercados às margens dos rios, como em Manaus, Santarém, Belém. De lá, viram pratos saborosíssimos, como a caldeirada de tucunaré e o tambaqui à choupana. Restaurantes ao longo do rio São



Preparação de farinha na Casa da Farinha, em Picinguaba, litoral paulista - foto Alberto deC. Alves. À direita, o tradicional tacacá, de Belém, no Pará - foto Alexandre Pirani.

Francisco enchem a boca de água e os olhos de cores dos viajantes que não se intimidam com nenhuma carranca: não há quem resista a um filé de surubim ou a uma pituzada cozida na panela de barro, acompanhada de pirão.

Só não pode faltar o grande acompanhamento, a farinha de mandioca. Ou a mandioca frita. Tem também o purê de mandioca. E o ensopado de mandioca. Ou mandioca à moda do tucupí. Tem ainda em forma de beijú. Ou simplesmente cozida com sal. Como mingau, enche o bucho da criança e dos doentes. Mandioca, aipim, macaxeira... Muda o nome, o ingrediente é o mesmo: variações do pão da terra, do mesmo tesouro.

O papel da mandioca, principalmente em forma de farinha, vai muito além de uma fonte segura de calorias na dieta do brasileiro. A mandioca é um gosto adquirido, intimamente conectado às rotinas da vida cotidiana, dando um sentido de lugar a qualquer prato. É daqui. É do Brasil. É nossa! E há muito tempo...

Relatos dão conta da importância dessa raiz para a história social do Brasil. Em 1587, assim escreveu o estudioso Gabriel Soares de Souza, em *Tratado Descritivo do Brasil*:

Dá na nossa terra outra casta de mandioca, que o gentio chama aipins, cujas raízes são da feição da mesma mandioca, e para se recolherem estas raízes as conhecem os índios pela cor dos ramos, no que atinam poucos portugueses. E estas raízes dos aipins são alvíssimas; [...] Destes aipins se aproveitam nas povoações novas, porque como são de cinco meses, se começam a comer assadas, e como passam de seis meses fazem-se duros, e não se assam bem, mas servem então para beijus e para farinha fresca, que é mais doce que a da mandioca, as quais raízes duram pouco debaixo da terra, e como passam de oito meses, apodrecem muito. Os índios se valem dos aipins para nas suas festas fazerem deles cozidos seus vinhos, para o que os plantam mais que para os comerem assados, como fazem os portugueses

Em *Thezouro Descoberto no Maximo Rio Amazonas*, de 1841, o padre João Daniel afirma:

Das raízes da mandioca se fazem quatro castas de farinha principalmente. A primeira e mais mimosa e estimada é a farinha d'água, que equivale ao mais mimoso pão de trigo no seu tanto. A segunda é a farinha seca, que equivale à broa. A terceira é a carimã muito fina. A quarta é a farinha de tapioca, que (...) é o mimo e beijinho da farinha.

Em Minas Gerais, a produção de mandioca também é muito antiga, cultivada pelos índios há milhares de anos. Escavações arqueológicas em Minas Gerais apontaram que há aproximadamente 2 mil anos já se fazia uso de pilões para socar mandioca e milho na região, encontrando-se também silos para armazenar esses produtos. As pinturas rupestres representando tipitis – tipo de espremedor de palha para lavar, prensar e socar raízes – indicam que também se dominava a técnica de fabricação da farinha.

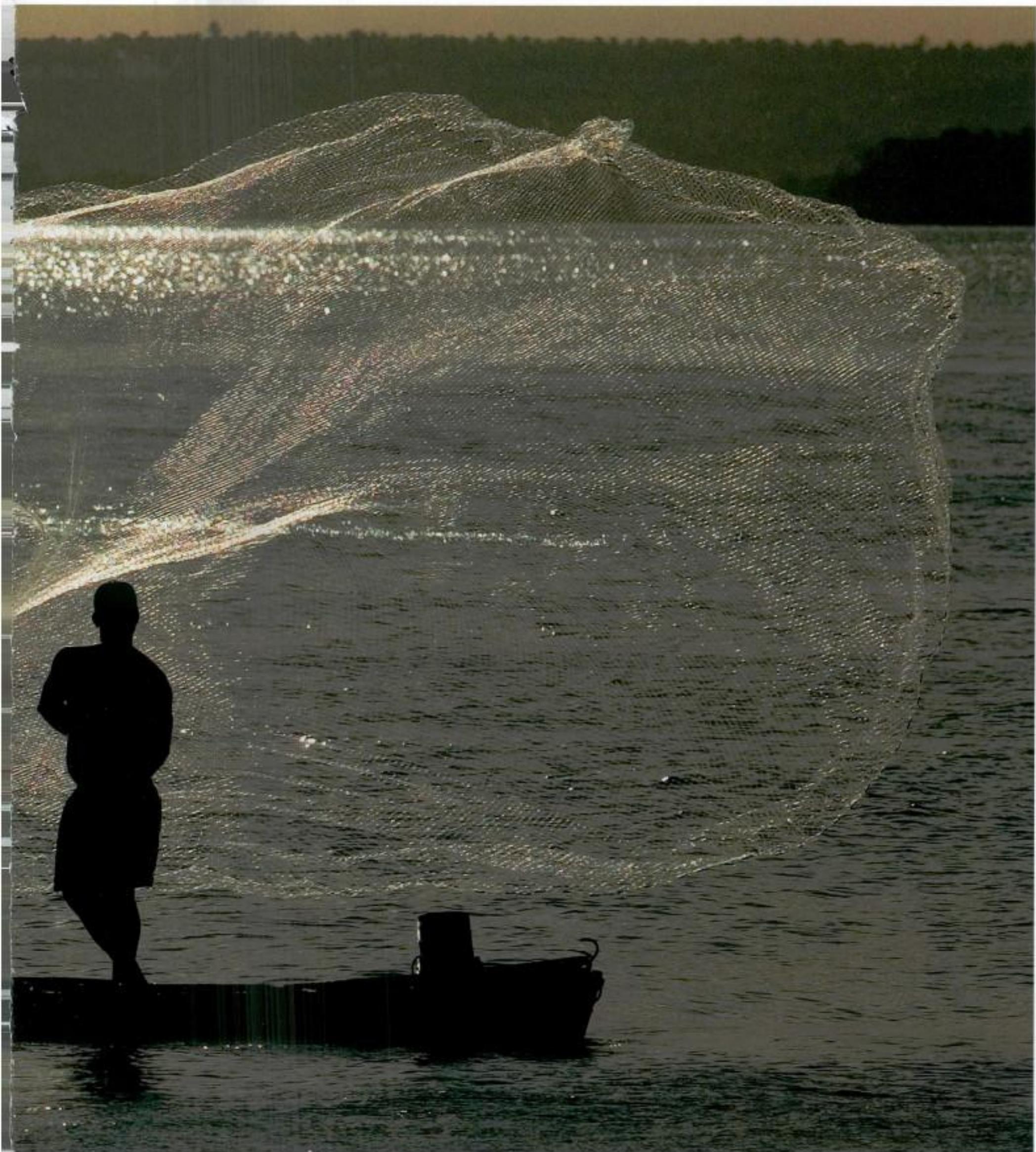
Dos rios, além dos peixes, as águas também oferecem jacarés, pacas, tartarugas. Das árvores, macacos, aves. As iguarias consideradas exóticas, de exóticas não têm nada na mesa do ribeirinho. É mais uma possibilidade de carne tenra, sempre acompanhada de uma farinha, claro, de mandioca.

Culinária é cultura, como fizeram crer Luís da Câmara Cascudo, Gilberto Freire, Edison Carneiro, Eduardo Frieiro, cujas obras a respeito da alimentação são investigações do maior proveito no campo da sociologia. E pensar que muita gente achava que Gilberto Freire não devia se ocupar de receitas de doces e bolos, assunto sem nenhum interesse para a ciência. Aos poucos, a alimentação deixou de ser considerada apenas uma questão biológica, mas um patrimônio gustativo de uma cultura. Fala-se até em soberania alimentar, um termo que vem sendo utilizado por estudiosos que defendem a preservação e divulgação dos costumes e tradições à mesa de uma região, como vem acontecendo com os comeres e bebes das populações ribeirinhas do alto rio Negro. A rica cultura alimentar de São Gabriel da Cachoeira está guardada por meio de depoimentos de mulheres de cinco etnias da região. Iguarias consideradas cafonas aos olhos europeus agora são servidas em caros restaurantes do Sudeste e atestam o valor de uma cultura que só não combina com um ingrediente: pouco reconhecimento.



Pescador exibe habilidade com as redes e equilíbrio sobre a canoa no Rio Grande do Norte - foto Alexandre Schneider.







Sob chuva torrencial, pescadores navegam ao longo do rio Maró, no Pará - foto Daniel Contrucci. À esquerda, produtor de juta, em Manacapuru, AM, base para a fabricação de cestas, usadas como recipiente e transporte de alimentos - foto Andrea Ribeiro.



NO EMARANHADO DE RIOS DA AMAZÔNIA

Em setembro, quando as grandes pupunheiras à beira do rio Negro começam a florir, é época de as mulheres baniwas colocarem balaios embaixo das palmeiras para colher as flores que caem. Das pétalas, secas em paneiros por três dias, tem-se a matéria-prima. Depois, já está pronta para ser preparada uma torta de flor de pupunha, ótimo acompanhamento para um peixe. Essa é apenas uma das práticas tradicionais das culturas indígenas no preparo do alimento. Joia rara, hoje as mulheres baniwas sabem que seus pratos são iguarias caras, no melhor sentido da palavra. O cardápio é único e vastíssimo: tem mujeca, uma sopa de peixe engrossada com massa de beijú, e caruru-bravo com peixe piraíba; tem peixe ralo baniua, empanado e servido com molho de tucupi preto com saúva e purê de banana pacovão. Onde mais tem quinhapira de peixe, cozido de paca, mingau de banana madura ou caribé de massoca, temperados com pimenta jiquitaia?

De outras bandas do Amazonas saem pratos quentinhos de pato no tucupi (caldo de mandioca) e tacacá, preparado com goma de mandioca, camarão e jambu. E, de sobremesa, as frutas locais, como açaí, cajá, cupuaçu e buruti, em forma de doces, bolos ou in natura. O consumo de frutas está ligado diretamente ao ciclo das cheias. Quando o Amazonas vaza demais, não sobra nada dos abacateiros, mangueiras, bananeiras e mamoeiros.



Croquete de caranguejo, da ilha de Marajó PA - foto Alexandre Pirani. À direita, pescador na foz do rio São Francisco, em Alagoas - foto Bruno Alves.

NAS MARGENS DO VELHO CHICO

Quem diria, em um trecho do Rio São Francisco, as águas formam uma praia e a paisagem, como miragem, lembra o litoral. Tem até camarão no prato, pode acreditar. Nos restaurantes à beira mar, ops, beira rio, como no Balneário de Pedrinhas, a 33 quilômetros de Petrolina (PE), o pitu é o peixe que mais se destaca no cardápio. É um tipo de camarão de água doce, pescado nas águas do rio São Francisco, maior que o camarão de água salgada e menor que uma lagosta. Suas patas guardam carne como os siris e caranguejos, mas o sabor... o sabor é diferente dessa turma do mar. Transformado em pituzada, leva molho de coco, acompanhado de pirão e arroz. A iguaria ainda pode ser servida com alho e óleo ou só com água e sal.

O piau e a piranha também têm seu espaço na mesa. Se bem feitos, quase não têm espinhas, e podem ser preparados ao gosto do freguês, assado, frito ou ensopado.

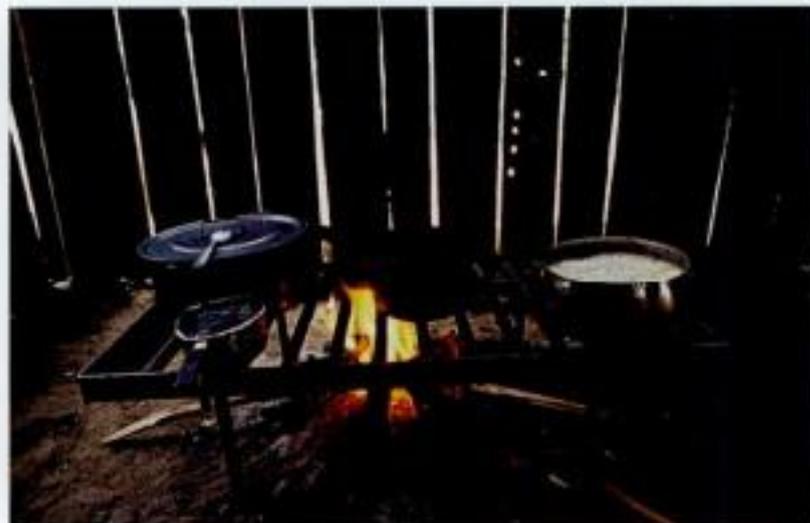
Mas o rio São Francisco, "sangue que corre no corpo da terra", como definiram Geraldo Azevedo e Clóvis Nunes na música *Opapa*, dá muito mais para a alimentação do mineiro, do nordestino. Ele muda a paisagem árida do sertão e transforma o tom ocre em verde, espalhando frutas ao longo de suas margens em Pernambuco e na Bahia. A irrigação tem garantido safras de uvas de ótima qualidade, e vinhos muito apreciados no exterior. Para fora é o destino também da manga e do limão, plantados no norte de Minas Gerais, com águas transpostas do rio. Eita, o Velho Chico vai longe...





Registro de uma típica cozinha caiçara, na Ponta do Sebuí, no interior do Paraná - foto Alberto deC. Alves.

À esquerda, vaqueiro conduz boiada nos campos inundados do Pantanal - foto Adriano Gambarini.



ENTRE AS PLANÍCIES DO PANTANAL

Tudo que chegou à mesa do pantaneiro, por um bom tempo, vinha apenas pelas águas do rio Paraguai. O pacu, o dourado, o cachara, o surubim e o pintado sempre estiveram à mão com as cheias do rio. Até de jacaré, danado, bem cortadinho com arroz e creme de aipim, não houve sertanejo que não se lambuzasse. Em muitos lugares, logo pela manhã, caldo de piranha virou o cafezinho do peão. Ele sempre precisou de muita energia para enfrentar uma rotina dominada pelos ciclos das águas. Vive a fugir com o gado para áreas mais altas das fazendas a qualquer sinal de que o rio vai vazar. Na seca, vive a buscar os veios d'água para matar a sede do rebanho. E, hum, dizem que o caldo de piranha tem poder afrodisíaco.

Pelo rio vieram também os hábitos e costumes dos vizinhos: o puchero (ensopado) da Argentina, a chipa (espécie de biscoito) e a sopa do Paraguai, a farofa de banana e a carne de sol vinda de Cuiabá.

A construção da estrada de ferro Noroeste, em 1914, ampliou os sabores da culinária pantaneira, com a chegada de novos produtos e hábitos. Mas o rio continua a ser a grande fonte de vida do pantaneiro, fonte de alimento, de cultura.

Banca de frutas e verduras no Mercado Central de Macapá, capital do Amapá - foto Alberto deC. Alves.



NOSSA CULTURA EM PRATOS REGIONAIS



"As celebrações as margens do rio são sempre emocionantes. Grande parte delas envolve o comer, o alimentar-se, como no ritual da Piracala, que ocorre perto de Santarém, no Pará. O cerimonial é basicamente composto de comer e conversar ao redor da fogueira – o que implica recolher os gravetos e fazer o braseado. Comer o pescado na hora, sem talher, com as mãos mesmo, e tomar uma cachacinha. Quem participa desse festejo fica nos ranchos, que são moradas ao longo do rio nas temporadas de pesca. É lá que passam boa parte da festa, comendo e proseando.

A relação do ribeirinho com o rio depende dos ciclos desses cursos d'água. As secas e as cheias norteiam o calendário de festas, o trabalho, a alimentação, o movimento nos mercados de peixe, que ficam à beira dos rios. É só pescar, colocar na banca, vender, comer.

Em muitas regiões do país, o rio é o playground da criança ribeirinha e o rio é a cozinha também. Se formos pensar em retrato gastronômico do Brasil, ele terá a cara de um peixe. Luto pelo reconhecimento da nossa mesa. É por isso que na Páscoa, por exemplo, preparo uma piracuíada e não uma bacalhoadá."

A chef **Ana Luiza Trajano** realiza, desde 2003, expedições culinárias por todas as regiões do Brasil para pesquisar novos ingredientes e receitas, e assim renovar a cada três meses os menus de seu restaurante Brasil a Gosto, em São Paulo.



Morador ribeirinho, no fim do dia, navega nas águas tranquilas do rio Juma, no Amazonas - foto Andrea Ribeiro.

MANANCIAS DE MELODIAS E VERSOS





*Músicos e escritores homenageiam os cursos d'água, em som e poesia.
Palavras pescadas intencionalmente se combinam para contar histórias e,
de certa forma, perpetuar essa cultura, formada à beira de tantos rios.*



Detalhe da entrada de uma casa em comunidade ribeirinha - foto Alexandre Pirani. À esquerda, moradia construída sobre palafitas no rio Araguari, Amapá - foto Alberto deC. Alves.



A fonte de vida é também fonte de inspiração para os artistas. De certa maneira, as lembranças de um lugar, de uma época sempre passam pelas águas. Esse manancial nunca seca. É lá que bebem músicos e poetas ilustres e também desconhecidos. Em diferentes tons, estilos, ritmos, épocas. Por agradecimento, lamentação, memória, história, denúncia, sentimento. As águas sempre estiveram presentes nas expressões artísticas humanas, assim como outros elementos naturais. Essa relação estabelecida com o meio não é igual para todos. Essa diversidade revela as identidades culturais do país. E criatividade não falta ao povo brasileiro. Com os versos, é igual. Sem melodia, é o poeta que coloca cadência nas palavras escolhidas e trabalhadas. E com uma língua como a portuguesa, considerada macia, equilibrada na mistura de vogais e consoantes, as águas poéticas brotam com beleza e esplendor. Eis os trechos de algumas obras memoráveis.

MÚSICAS DA TERRINHA

As águas mais cantadas são as águas da terra natal. O rio Itapemirim, que nasce mineiro e morre capixaba, faz parte das melhores lembranças de um filho ilustre de Cachoeiro do Itapemirim. É do rei Roberto Carlos *Meu Pequeno Cachoeiro: Eu passo a vida recordando/ de tudo quanto aí deixei/ Cachoeiro, Cachoeiro/ vim ao Rio de Janeiro/ pra voltar e não voltei/ Mas te confesso na saudade/ as dores que arranjei pra mim/ pois todo o pranto destas mágoas/ ainda irei juntar nas águas/ do teu Itapemirim.*

Já o rei do baião, o pernambucano Luiz Gonzaga, se inspirou nas águas do rio Pajeú, e seu afluente, riacho do Navio, para fazer um forró arrastado, danado de bom!

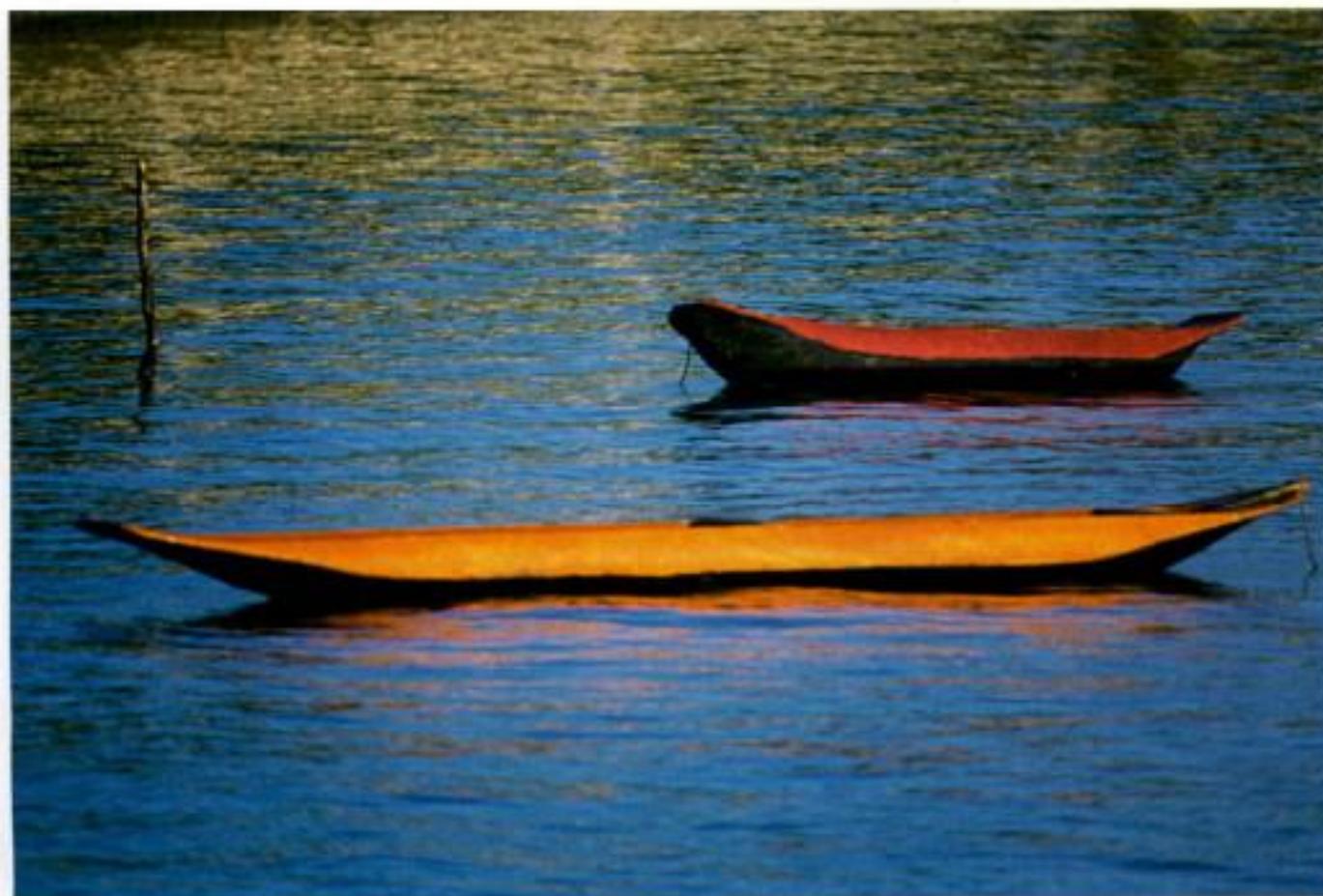
*Riacho do Navio/ Corre pro Pajeú/ O rio Pajeú vai despejar/
No São Francisco/ O rio São Francisco/ Vai bater no meio do mar/...
Ah! se eu fosse um peixe/ Ao contrário do rio/ Nadava contra as águas/
E nesse desafio/Saía lá do mar pro/ Riacho do Navio.*

Caetano Veloso cantou as águas do rio que cortam a sua Santo Amaro da Purificação, no recôncavo baiano: *Onde eu nasci passa um rio/ Que passa no igual sem fim/ Igual, sem fim, minha terra/ Passava dentro de mim/ Passava como se o tempo/ Nada pudesse mudar.*

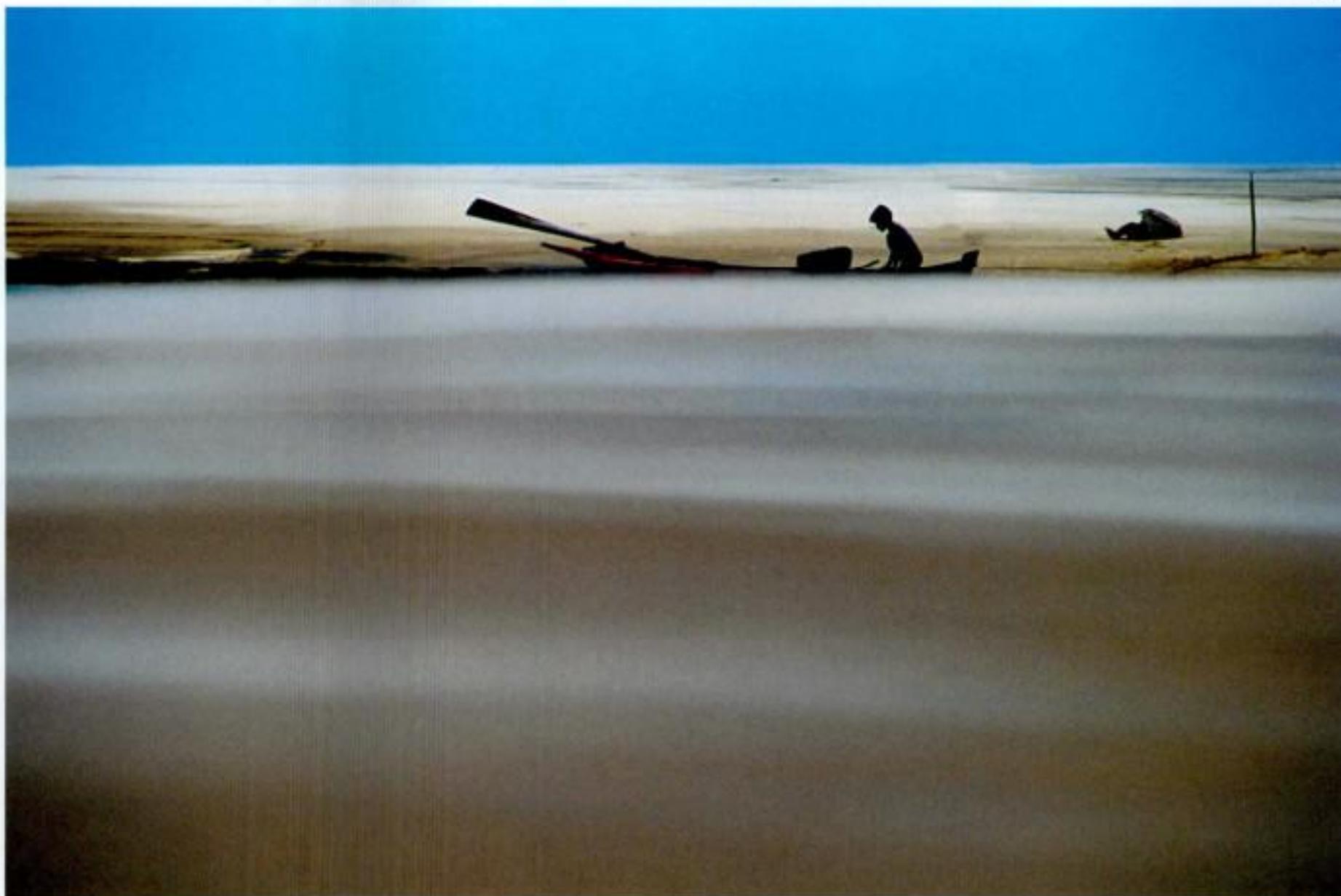
Em outra canção, Caetano mudou de tom. O músico deu nome ao rio, Subaé, citou seu afluente, Sergimirim, e denunciou a poluição que ameaça seu curso.

Purificar o Subaé/ Mandar os malditos embora/ Dona d'água doce quem é?/ Dourada rainha senhora/ Amparo do Sergimirim/ Rosário dos filtros da aquária/ Dos rios que desaguam em mim
Os malditos citados pelo autor era uma usina de produtos derivados de chumbo, que atuou por 30 anos na cidade e foi acusada de contaminar o rio.

O pernambucano Geraldo Azevedo ama tanto o rio que banhou sua infância, em Petrolina, que dedicou um álbum inteiro a ele, em 2011, o *Salve São Francisco*. O trabalho reuniu 12 músicas, de diferentes autores, que falam do ilustre rio que percorre 2.830 quilômetros em



Canoas ancoradas no rio de Contas, na Bahia - foto Alberto deC. Alves.
À direita, crianças madrugam para pescar na foz do rio São Francisco, em Alagoas - foto Bruno Alves.

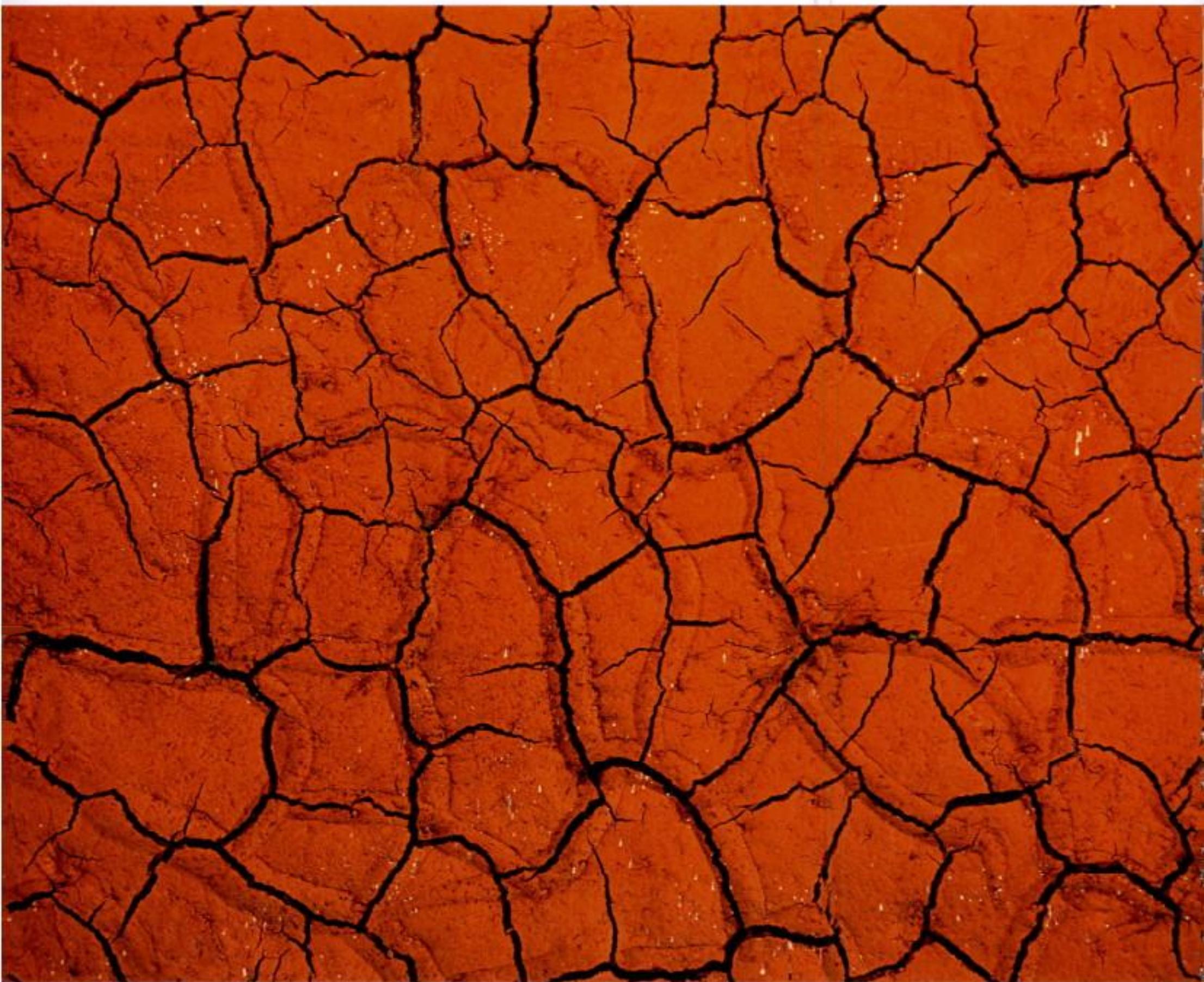


cinco estados e que possui 168 afluentes. Uma das mais bonitas composições, *Petrolina e Juazeiro* é do próprio Geraldo:

*De todo lado é bonito/ São dois estados de espírito/ No meio fico, e não nego/
Navego, navego no Velho Chico/ Meu barco é um coração/ E vai sem mágoa/
Nas águas dessa paixão até o cais/ Beira do rio Pernambuco-Bahia.*

Com o mestre Dominginhos, também de Pernambuco, destaca-se no cancionário das águas uma composição feita em parceria com o carioca Chico Buarque. Do casamento musical entre um sanfoneiro do sertão e um escritor e músico de uma cidade grande nasceu *Xote da Navegação*.

*Eu vejo aquele rio a deslizar/ O tempo a atravessar meu vilarejo/ E às vezes largo/ O afazer/ Me pego em sonho/ A navegar/ Com o nome Paciência/ Vai a minha embarcação/
Pendulando como o tempo/ E tendo igual destinação/ Pra quem anda na barçaça/ Tudo, tudo passa/ Só o tempo não.*



A ESCASSEZ LÍQUIDA EM DESTAQUE

É inegável o valor que uma das mais importantes fontes de vida tem para os artistas do Nordeste brasileiro. Muitas criações têm um quê de lamento, de querer, de um saber conquistado na dor de viver sem água. Na obra *Água*, do cantor Xangai, violeiro do sul da Bahia, é assim:

*A grotá inteira tá chorando de saudade/ Da umidade que fecunda a terra seca/
Vital retalho do céu que manda pro solo/ Divino orvalho gozo que nos eterniza/
Intimidade que pertence à natureza.*

Xangai fez grande sucesso interpretando uma canção de outro baiano, Elomar. Considerado o menestrel das caatingas, o compositor erudito de Vitória da Conquista escreveu sobre o desespero de um retirante, ao ritmo de uma cantoria medieval. A música é *As Curvas do Rio*, de 1978, e também foi interpretada por seu autor no álbum *Na Quadrada das Águas Perdidas*.

*Vô corrê trecho/ Vô percurá u'a terra/ preu pudê trabaiá... me ispera, assunta viu/
sô imbuzêro das bêra do rio/ conforma num chora mulé/ eu volto se assim
Deus quisé/ num dêxa o rancho vazio/ eu volto prá curva do rio.*

Seis anos antes dessa composição, Elomar já havia lançado outro álbum inspirado nas águas: *Das Barrancas do Rio Gavião*, dando no título o endereço das histórias cantadas. O rio Gavião banha as terras semiáridas do sul da Bahia, percorrendo 296 quilômetros até desaguar no rio de Contas.

No Nordeste, pessoas convivem com longos períodos de estiagem. A seca e suas consequências inspiram obras de artistas nacionais - foto Alberto deC. Alves.



Calmaria no píer do rio Ararapira, no Paraná, assim como no rio Araguari, no Amapá - fotos Alberto deC. Alves.



GENTE DE TODO CANTO CANTA

Capixabas, pernambucanos, baianos, cariocas... gente de todo o canto já cantou as águas deste enorme país. Reis, súditos, sanfoneiros, violeiros, maestros. Mais próximo das raízes africanas, em 1956, o mineiro Ataulfo Alves (mas morador do Rio de Janeiro) deu de presente para o pintor campineiro José Pancetti o samba *Lagoa Serena*. Sabia que renderia uma bela imagem para o artista que mais pintou paisagens do país. Ganhou de volta um quadro com o mesmo título de sua música:

*Meu perdão te darei outra vez/ Outra vez eu serei enganado/
Teu amor tanto mal já me fez/ Mas enquanto houver perdão/
Não há pecado/ És igual a lagoa serena/ Na aparência e no fundo também/
Sob as águas tranquilas que pena/ Quanto lodo a lagoa contém.*

Na mesma época, nas roças dos sertões de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso e Goiás, os rios corriam em ritmo de moda de viola, toadas, cateretês, chulas, emboladas e batuques. Os paulistas Zé Carreiro e Carreirinho, os maiores violeiros do Brasil, fizeram história no rádio com a música *Canoeiro*.

Domingo de tardezinha, eu estava mesmo à toa/ convidei meu companheiro, pra ir pescar na lagoa/ Levemos a rede de laço/ Ai, ai fomos pescar de canoa/ Eu levei meus preparos pra dar uma pescada boa/ Eu saí logo sereno, levando minha canoa/ Cada remada que eu dava/ Ai, ai dava um balanço na proa.

Alguns anos depois, outra grande dupla, Tonico e Tinoco, regravou essa canção.

Já o rio Paraguai, importante rio para o Centro-Oeste do país, um dos responsáveis pela beleza das águas do Pantanal, foi enaltecido por um filho sul-matogrossense. Com um estilo caipira único que mistura o folk americano com a sonoridade da música paraguaia e andina, Almir Sater fez sucesso com *Chalana*, de autoria de Arlindo Pinto e Mário Zan.

Lá vai a chalana/ Bem longe se vai/ Navegando no remanso/ Do rio do Paraguai/ Ah! Chalana sem querer/ Tu aumentas minha dor/ Nessas águas tão serenas/ Vai levando meu amor.
A música fazia parte da trilha sonora da telenovela *Pantanal*, assim como a música tema, de autoria do mineiro Marcus Viana:

São como veias, serpentes/ Os rios que trançam o coração do Brasil/ Levando a água da vida/ Do fundo da terra ao coração do Brasil/ Gente que entende/ E que fala a língua das plantas, dos bichos/ Gente que sabe/ O caminho das águas das terras, do céu/ Velho mistério guardado/ no seio das matas sem fim.

Milton Nascimento canta como ninguém as montanhas de sua Minas Gerais, mas já eternizou o rio Araguaia, águas que banham o Pará, Mato Grosso, Goiás e Tocantins. E, além do rio, o povo que viveu às suas margens, os índios avá-canoeiros, hoje quase extintos. Trecho de *Canoa Canoa*:

Canoa canoa desce/ No meio do rio Araguaia desce/ No meio da noite alta da floresta/ Levando a solidão e a coragem/ Dos homens que são Ava avacanoê/ Ava avacanoê/ Avacanoeiro prefere as águas/ Avacanoeiro prefere o rio Avacanoeiro prefere os peixes/ Avacanoeiro prefere remar/ Ava prefere pescar Ava prefere pescar/ Dourado, arraia, grumatá/ Piracará, pira-andirá.

Os paulistas Renato Teixeira e Rolando Boldrin também destacaram o Araguaia, em tom caipira, quando compuseram *Guardiões da Floresta*:

Vou descendo o Araguaia/ Na barca da minha vida/ Navegando em meu destino/ Por esta terra querida/ Onde homem e natureza/ Se juntam na decisão/ De sempre honrar nossa gente/ E respeitar nosso chão.

O rio Amazonas foi puro manancial de música e poesia para o baiano Dori Caymmi, filho de Dorival Caymmi, e o carioca Paulo César Pinheiro, que celebraram o segundo maior rio do mundo com a canção *Rio Amazonas*.

Nas águas/ Do rio Amazonas/ O meu coração se banhou/ No fundo encantado/ Do lado de lá/ A voz da lara chamou/ Ovi chamar.

A cantora Maria Rita não cantou diretamente os rios do Norte, mas interpretou *Caminho das Águas*, tema de abertura da minissérie *Amazônia*, exibida em 2007 na Rede Globo:

Leva no teu bumar/ Me leva/ Leva que quero ver meu pai/ Caminho bordado à fé/ Caminho das águas/ Me leva que quero ver/ Meu pai.../ A barca segue seu rumo lenta/ Como quem já não/ Quer mais chegar/ Como quem se acostumou/ No canto das águas/ Como quem já não/ Quer mais voltar...

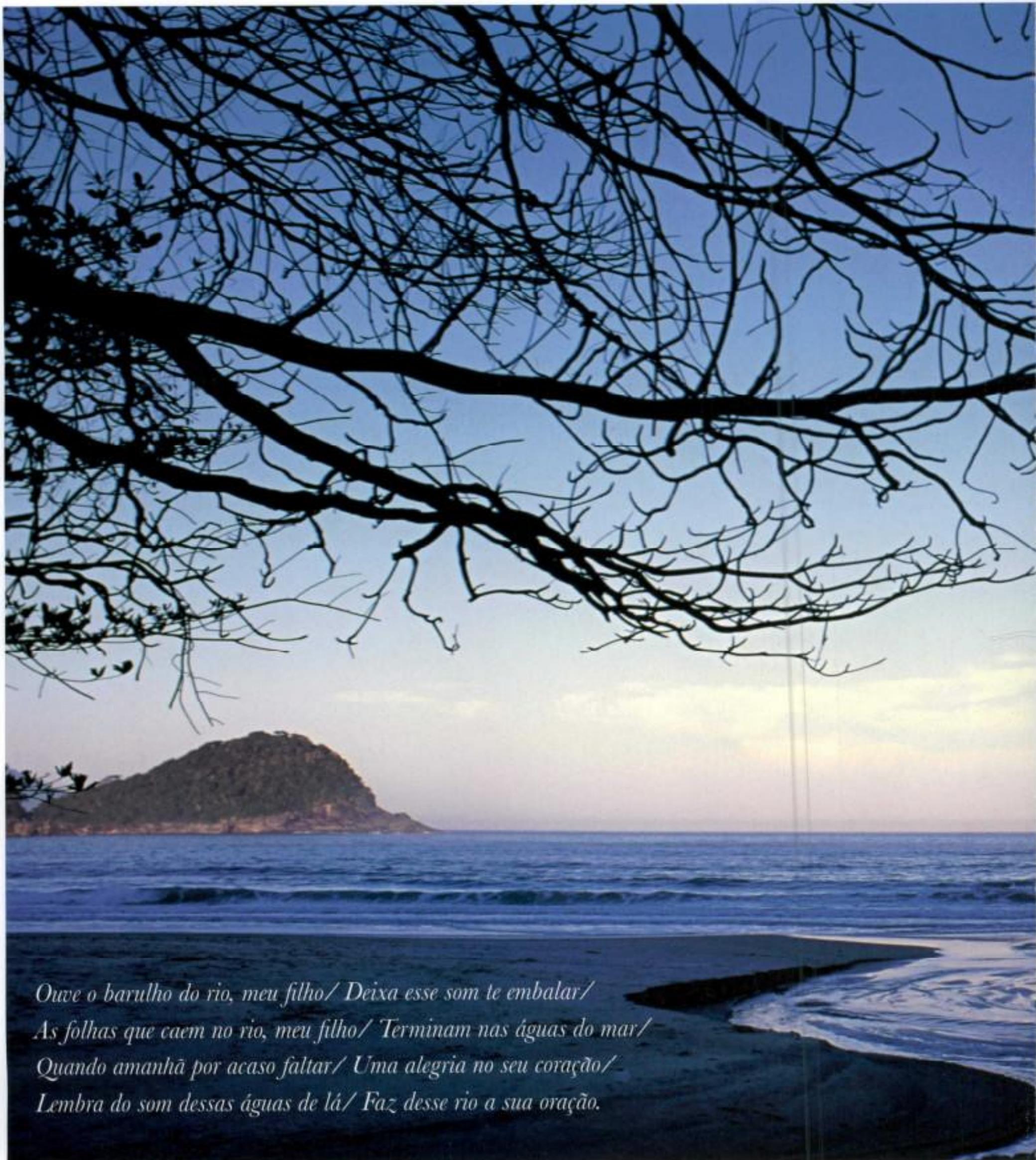


Entre as plantas dos igarapés do rio Solimões, canoa à espera de seu condutor - foto Alexandre Pirani.

Há muito mais sons e melodias no cancioneiro brasileiro que tratam dos rios, riachos, igarapés e ribeirões. Todo mundo é capaz de se lembrar de uma canção inspirada nesses recursos. Nem que seja uma música sem dono, cantarolada na infância, com voz de criança:

Um dois três indiozinhos/ Quatro cinco seis indiozinhos/ Sete oito nove indiozinhos/ Dez num pequeno bote/ Vinham navegando pelo rio abaixo/ Quando um jacaré se aproximou/ E o pequeno bote dos indiozinhos/ Quase quase virou.

E os rios já renderam até um acalanto por quatro grandes artistas brasileiros: o carioca Seu Jorge, o baiano Carlinhos Brown, o paulista Arnaldo Antunes e a carioca Marisa Monte. A turma se reuniu e compôs *O Rio*, lançado em 2006 no álbum *Infinito Particular*, de Marisa Monte.

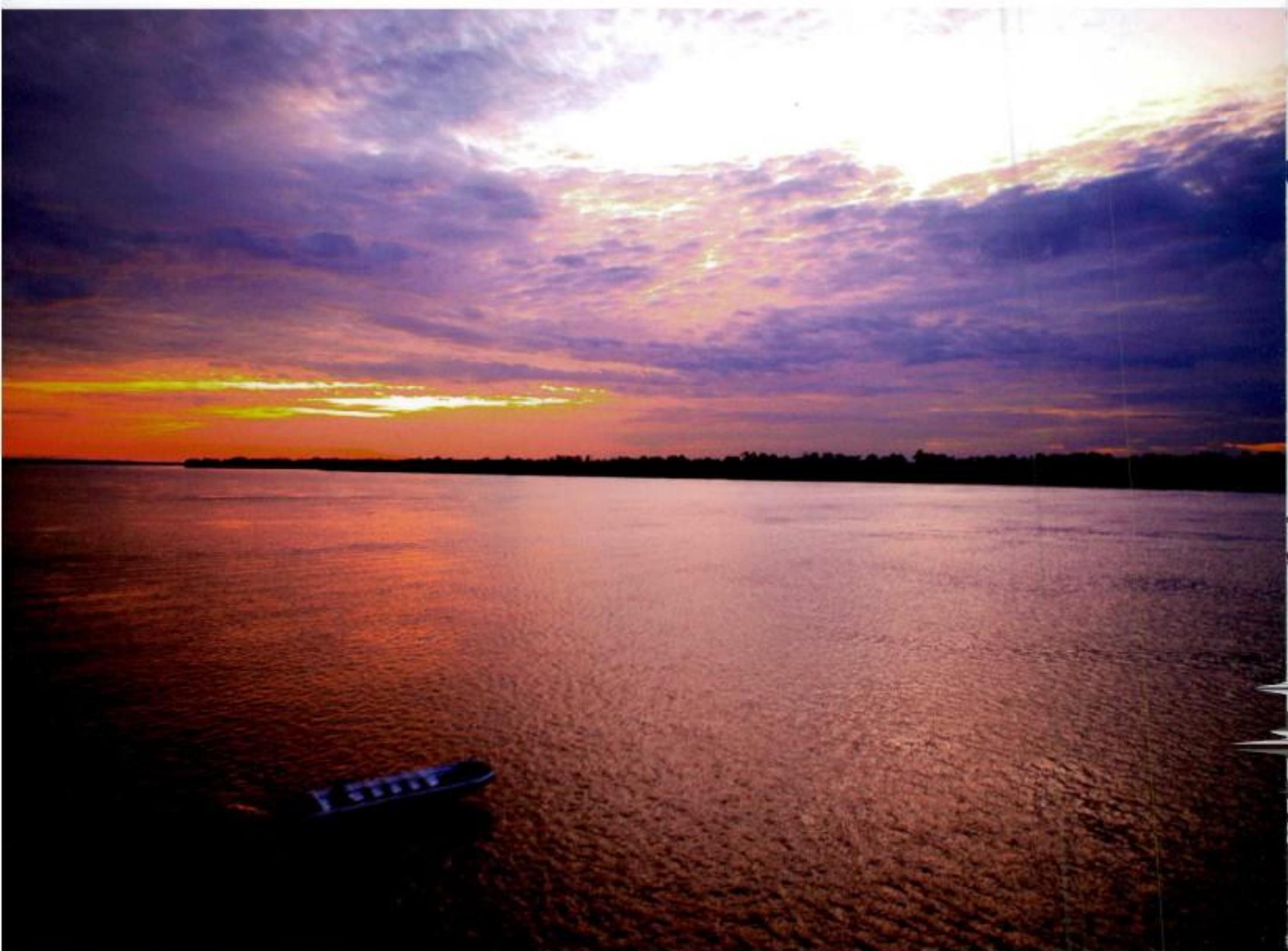


*Ouve o barulho do rio, meu filho/ Deixa esse som te embalar/
As folhas que caem no rio, meu filho/ Terminam nas águas do mar/
Quando amanhã por acaso faltar/ Uma alegria no seu coração/
Lembra do som dessas águas de lá/ Faz desse rio a sua oração.*



Rio desagua no mar de Trindade, no litoral sul do Rio de Janeiro - foto Alberto deC. Alves.

Entardecer inspirador no rio Solimões, que, quando encontra as águas do rio Negro, muda de nome: rio Amazonas - foto Alexandre Pirani.



BEM TRAÇADAS LINHAS

Em frases e versos, o curso e o caldo das águas compõem a tessitura das palavras. Elas não precisam ser só faladas, cantadas. Artesãos entram em cena e trabalham a língua com maestria para transformar representações gráficas em rios de imaginação e inspiração.

O paulista Mario de Andrade (1893-1945) encerrou sua brilhante passagem pela vida e pelas letras com o enorme poema sobre o rio Tietê, intitulado *A Meditação sobre o Tietê*: [...] *Debaixo do arco admirável/ Da Ponte das Bandeiras o rio/ Murmura num banzeiro de água pesada e oleosa./ Meu rio, meu Tietê, onde me levas? [...] Rio que fazes terra, húmus da terra, bicho da terra,/ Me induzindo com a tua insistência turrona paulista/ Para as tempestades humanas da vida, rio meu rio!*. Escrito no ano da morte do poeta, estudiosos afirmam que se trata de um poema testamento. O rio Tietê foi escolhido para inspirar e abrigar reflexões, dores, amores, saudades, revoltas e orgulhos do artista.

A doce goiana Cora Coralina (1889-1985) também usou do rio de sua cidade para se traduzir, se revelar.

Meu Rio Vermelho é longínqua/ Manhã de agosto./ Rio de uma infância mal-amada./ Meus barquinhos de papel/ Onde navegavam meus sonhos;/ Sonhos navegantes de um barco:/ Pescadora, sonhadora do peixe-homem...

O poeta amazonense Thiago de Mello (1926) prefere traduzir o rio de sua terra, o Amazonas, quase sempre presente em sua obra. De presente, o rio ganha versos imortais, que contam seus caminhos em *Amazonas, Pátria das Águas*:

Da altura extrema da cordilheira, onde as neves são eternas, a água se/ desprende e traça um risco trêmulo na pele/ antiga da pedra. O Rio Amazonas acaba de nascer.

Assim fez outro filho da terra, no começo do século passado. O romântico Quintino Cunha (1875-1943) tinha muito orgulho de sua pátria d'água, como confirma o trecho de *Encontro das Águas: Rio Negro e Solimões*.



*Vê bem, Maria, aqui se cruzam: este/
É o rio Negro, aquele é o Solimões./
Vê bem como este contra aquele investe./
Como as saudades com as recordações.*

Futebol também tem espaço nas águas do rio Arapiuns, em Ponta Grande, no Pará - foto Andrea Ribeiro.

Para o mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) o rio é gente, tem vida, e assim é possível estabelecer um diálogo sobre seu sofrimento, a seca.

Já te estranham, meu Chico. Desta vez,/ encolheste demais. O cemitério/ de barcos encahados se desdobra/ na lama que deixaste. O fio d'água/ (ou lágrimas?) escorre/ entre carcaças novas: é brinquedo/ de curumins, os únicos navios/ que aceitas transportar com desenfado. Trecho do poema *Águas e Mágoas do Rio São Francisco*.

O mato-grossense Manoel de Barros (1916), o poeta do Pantanal, também banhou sua obra nas águas. Em *O Guardador de Águas*, de 1989, o artista experimenta o jogo ambíguo que mistura o homem e a natureza, e elementos linguísticos e poéticos.

A água passa por uma frase e por mim./ Macerações de sílabas, inflexões, elipses, refegos./ A boca desarruma os vocábulos na hora de falar/ E os deixa em lanhos na beira da voz.

Quanta gente já traduziu em letras os rios, cachoeiras, córregos e cascatas. E quantos poetas já se traduziram por meio deles... Só faltou mesmo escreverem na água!

EMBALADO PELAS RECORDAÇÕES RIBEIRINHAS



"A grandiosidade e a beleza do Velho Chico sempre foram uma inspiração enorme para meu trabalho. A generosidade dele também. O Chico só nos oferta coisas boas: peixes, água para irrigarmos nossas plantações, memórias... Vejo o rio como um organismo vivo, mutante, características que só trazem mais estímulo para minha música. Sempre que volto à minha terra, Petrolina, faço questão de contemplar suas águas. E vêm à mente as lembranças da minha infância. O São Francisco sempre está nelas. Até os 13 anos, eu não sabia o que era banheiro com chuveiro e essas facilidades da vida moderna. Era no rio que eu me banhava. Foi nele que aprendi a nadar, junto com meus irmãos... E como brincávamos em suas águas! Nos divertíamos muito. Mas o que mais me encantava eram as enchentes, quando o rio transbordava cobrindo tudo, deixando somente as copas de algumas árvores e telhados das casas à vista. Hoje, lugares onde vi passar grandes embarcações, só se atravessa a pé, com a água batendo nos tornozelos. Precisamos cuidar do Velho Chico, das matas ciliares, das populações ribeirinhas para que sempre tenhamos o que cantar sobre esse rio maravilhoso."

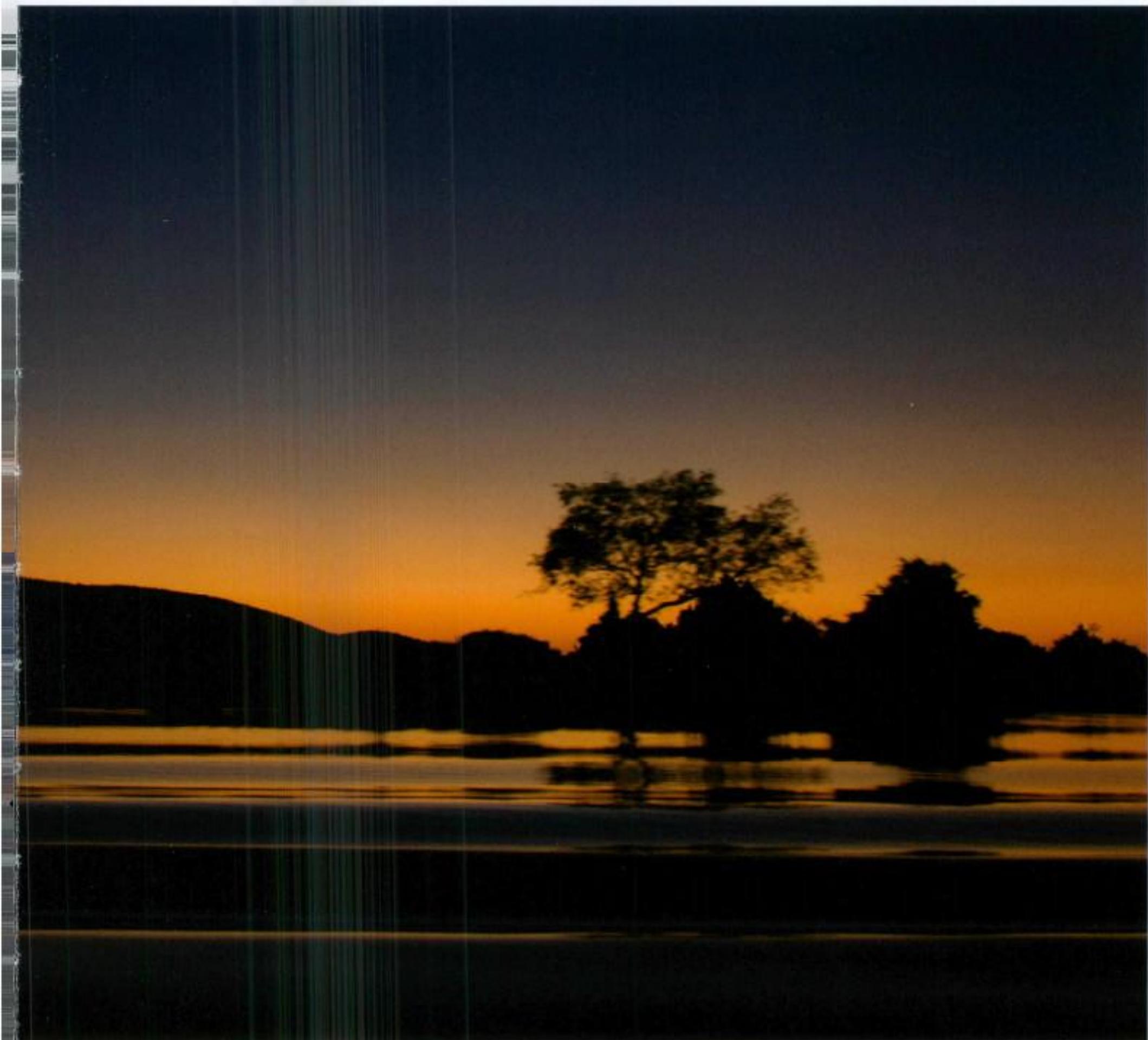
Geraldo Azevedo, pernambucano, é cantor, compositor e violonista. Sempre pescou no rio São Francisco temas para suas músicas. Em 2011, dedicou um álbum inteiro ao rio, o *Salve São Francisco*, e convidou grandes músicos brasileiros para cantarem com ele a exuberância do Velho Chico.



Dia nasce sereno no rio Cuiabá, próximo ao Parque Nacional do Pantanal, no Mato Grosso - foto Daniel Contrucci.

LENDAS DE ÁGUA DOCE

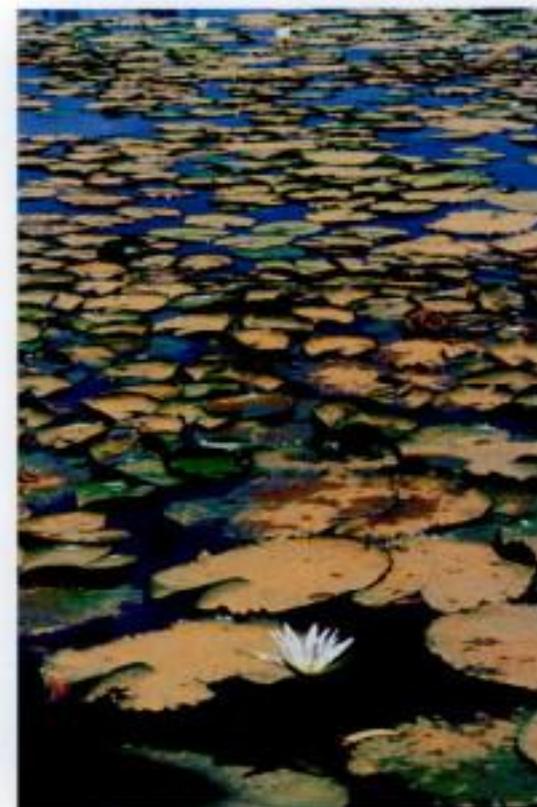




Personagens curiosos, marotos e assustadores recheiam o folclore brasileiro. Muitas histórias têm os rios como cenário, transportando o leitor para um mundo imaginário repleto de aventuras e lições. Aqui, as narrativas desses heróis e heroínas.



Vegetação aquática no rio São Francisco -
foto Rafael Falavigna/Horizontal. À esquerda,
pier que avança sobre as águas do rio
Araguari, no Amapá - foto Alberto deC. Alves.

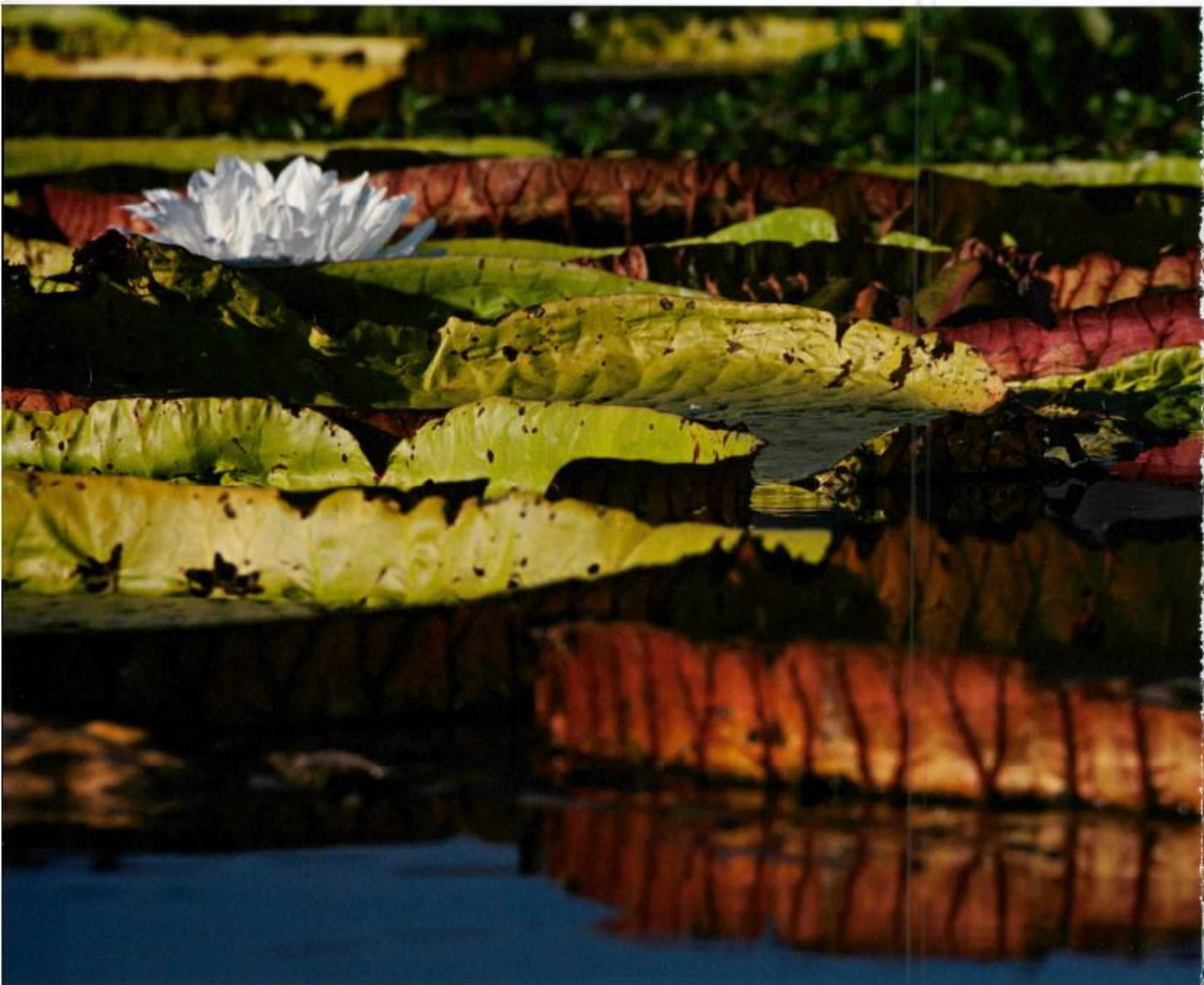


O maior tesouro do Brasil não está guardado na Casa da Moeda nem em nenhum banco. O maior tesouro do Brasil é imaterial, não está à venda porque não tem preço que pague seu valor e está à mão de todos, em cada história, em cada mito, em cada fábula que viaja no tempo. A avó à beirada do fogão a lenha contou um dia para os netos do perigo do boitatá. Não queria que andassem sozinhos no mato. O pescador precavido falou para o amigo tomar cuidado com uma moça muito linda do rio, mas que era pura perdição dos homens. A mãe alertou a filha sobre os perigos de se banhar sozinha no Igarapé. "Vai que aparece o boto e ela engravida?" As histórias fabulosas, pequenas e de fundo moral, se espalharam como água, de boca em boca, de geração em geração. Perpetuaram-se e mataram a sede de quem queria passar um saber.

Mas por muito tempo esse tesouro foi ignorado. Deram-lhe o nome de superstição ou antiguidade popular. Boitatá existe? Não! Iara existe? Não! Boto-homem existe? Não! Quem disse que não? Pois gente "estudada" como Silvio Romero, Luís da Câmara Cascudo, Mario de Andrade e outros poucos, é verdade, foram buscar essas histórias em diferentes comunidades, de norte a sul do país. Grande parte delas envolvendo a "bicharia fantástica" (termo utilizado por Cascudo) que habita lagos, rios e igarapés. Recontaram os causos que ouviram e juraram: sim, esses seres mágicos existem e fazem parte do patrimônio cultural do povo brasileiro.

As fábulas e lendas são uma pequena parcela desse ouro. A alquimia se deu no dia em que europeus e índios misturaram suas histórias. A Iara, mãe d'água, por exemplo, é resultado do encontro das sereias, patrimônio dos povos navegadores de várias partes da Europa, com o fantasma das águas, afogador de índios. O Boto, peixe que vira gente e seduz, está em quase todas as representações do nascimento de Vênus. Há vários poemas gregos que abordam a luxúria dos delfins. Mas para os indígenas, o boto não tinha esse caráter amoroso. Fábulas antigas do povo baré, que vive na Amazônia, ao longo do rio Negro, falavam de um boto que se tornava gente para curar o herói Poronominare. Essas e outras lendas são resultado do encontro de várias culturas diferentes.

No mistério das águas profundas dos rios e lagos do Brasil há sempre uma história a se contar. Eis uma pequena parte dessa riqueza.



Noite de lua cheia no Amapá - foto Alberto deC. Alves. À esquerda, a exuberância das vitória-régias, presentes nas águas dos rios pantaneiros - foto Daniel Contrucci.



A COBRA NORATO

Um dia, nas águas onde se encontram os rios Amazonas e Trombetas, hoje Pará, uma índia tapuia deu à luz um casal de gêmeos. Mas não eram crianças normais, não. Eles tinham a forma assustadora de duas serpentes escuras. A índia não matou seus filhos, deu-lhes um nome, mas os abandonou na beira do rio. Assim, Honorato, ou Norato, e Maria Caninana cresceram sozinhos nas águas. Norato era bom, ajudava os pescadores, salvava pessoas de afogamento. Já Maria Caninana era ruim feito uma serpente. Fazia de tudo para afundar embarcações, afogar índios e pescadores, trucidar viajantes desavisados que caminhavam à beira dos igarapés. Na luta do bem contra o mal, venceu o bem. Norato matou a irmã e seguiu sozinho pelo rio. Mas à noite, ele deixava seu couro de cobra às margens das águas, assumia forma humana e partia para se divertir nas festas dos ribeirinhos. Como poderia desencantar de vez e viver como humano, ao lado de sua mãe? Era preciso que jogassem leite de mulher em sua boca e que tirassem sangue de sua cabeça, batendo com um ferro. Próximo ao rio Tocantins, durante um grande festejo, fez amizade com um soldado que o livrou de vez do encanto maldito. *"Encontrei um caboclo que me afirmou convencidamente que Honorato até tinha assentado praça no corpo policial do Pará (talvez por amizade e gratidão ao soldado de Cametá)"*, afirmou Câmara Cascudo em *Geografia dos Mitos Brasileiros*.

A VITÓRIA-RÉGIA

Para os tupis-guaranis, toda vez que a Lua, chamada Jaci, se escondia no horizonte, partia ao encontro de suas virgens prediletas. Diziam que as escolhidas de Jaci também podiam se transformar em estrelas do céu. Naiá, a filha de cacique, ficou muito impressionada quando ouviu essa história e passou a subir, todas as noites, em um morro para avistar e ser avistada pela Lua, e quiçá, virar uma estrela. Um dia, ao se deparar com o reflexo de Jaci nas águas de um lago, saltou num mergulho mortal ao encontro do astro. Para recompensar o sacrifício da moça, Jaci a transformou em uma estrela, não do céu, mas das águas, a vitória-régia, linda planta aquática, típica da Amazônia.



Índia do rio Negro, no Amazonas - foto Alexandre Pirani. À direita, moradores fantasiados para a Festa do Boi, em Óbidos, Pará - foto Araquém Alcântara.

IARA, MÃE D'ÁGUA

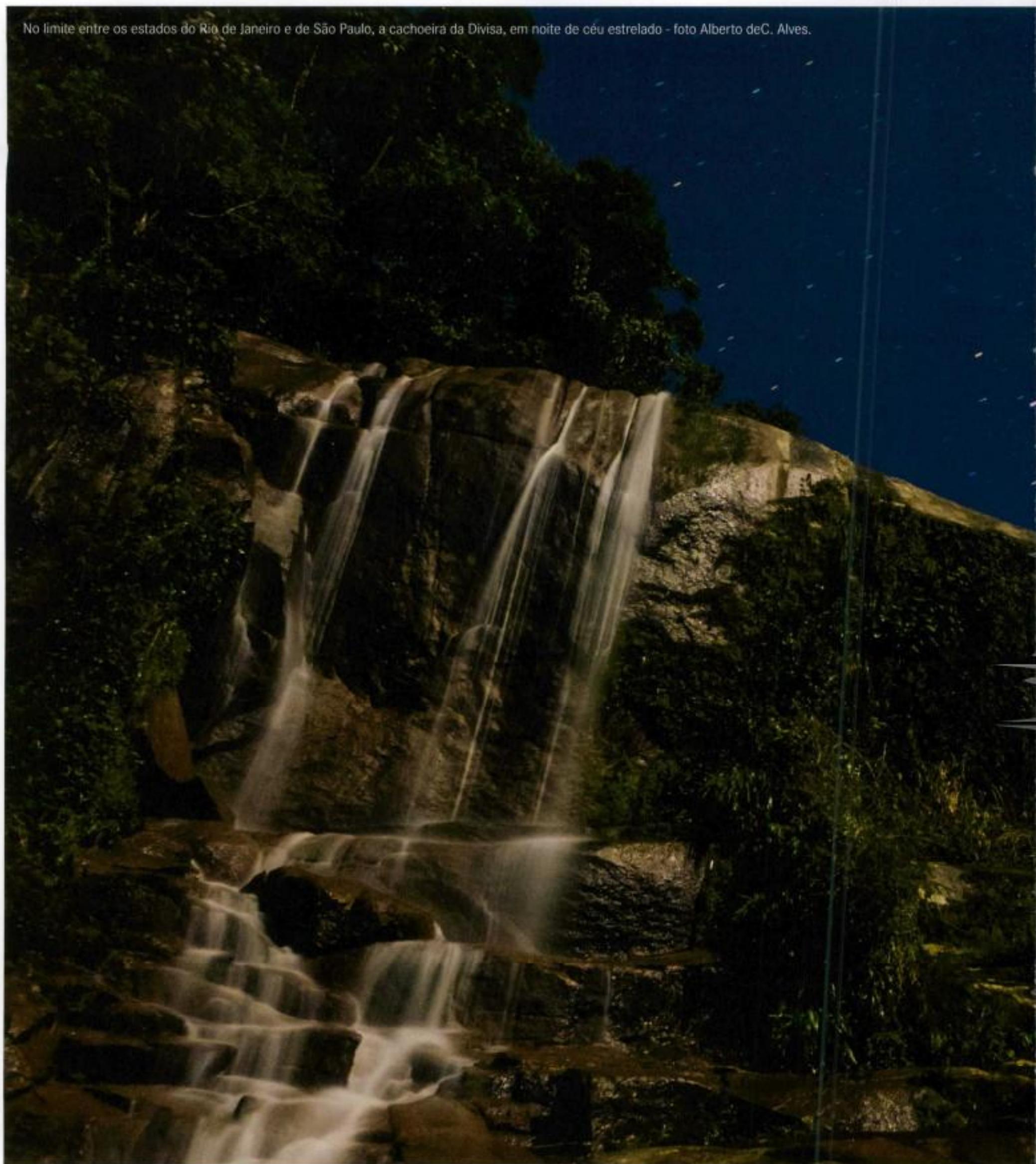
Dizem que no fundo dos rios da região Norte morou uma mulher chamada Iara, considerada a mãe das águas. Muito bonita, Iara tinha longos cabelos negros enfeitados com flores vermelhas, e seu corpo era meio humano, meio peixe. Era possível encontrá-la nos barrancos dos rios a cantar, despreziosamente. Mas seu canto não era qualquer canto. Era ensurdecedor e capaz de hipnotizar os pescadores que se aproximavam dela ou paravam para ouvir sua voz. Conta-se que um índio tapuia a viu surgir das águas e conseguiu resistir ao seu feitiço. Mas longe dali, não parava de pensar naquele ser apaixonante. Dias depois, saiu a remar, decidido a encontrar Iara. Foi arrastado para o fundo das águas e nunca mais foi visto. Para algumas pessoas, o tapuia vive feliz, até hoje, com Iara. Para outros, foi carregado para a morte, enquanto a sereia mãe d'água continuou a fazer vítimas. Essa fábula é conhecida desde o século 16, mas no passado o personagem era masculino e chamava-se Ipupiara, homem peixe que devorava pescadores e os levava para o fundo do rio. No século 18, Ipupiara virou a sedutora sereia Iara, ou Iara.

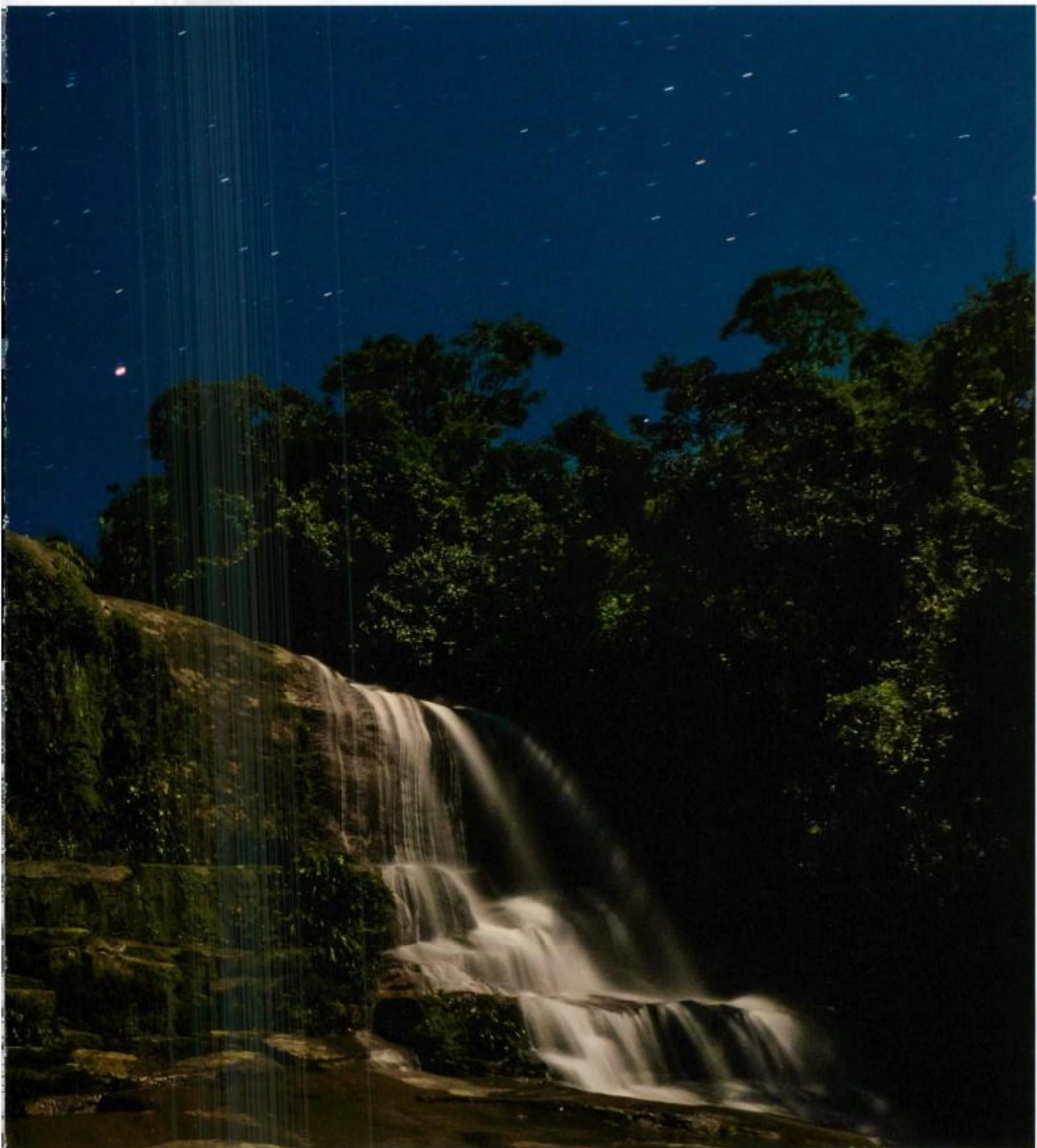
O MUIRAQUITÃ

Contaram os portugueses que existiu uma tribo indígena composta apenas de mulheres, as Amazonas, ou as Icamíabas. Guerreiras, sabiam caçar e manejar arco e flecha como ninguém. Os homens faziam parte da vida dessas índias apenas em uma situação: na festa de Iaci, que ocorria ao redor de um grande lago conhecido como Espelho da Lua, ou Iaci-Uaruá, e tinha como objetivo envolvê-los para a procriação. Mulheres bonitas e sábias exaltavam a beleza e a sedução se preparando cuidadosamente para o encontro: um banho especial acontecia depois que todas, em fila, derramavam potes de perfume nas águas sagradas. Para recompensar o amor, as Amazonas mergulhavam no lago e ganhavam de Iaci poderosos talismãs que eram entregues aos homens como símbolo de proteção nas matas. Feitas de cerâmica ou pedra verde, a maioria dos muiraquitãs tinha forma de sapo. Até hoje se acredita que o amuleto traz sorte para quem o possui.



No limite entre os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, a cachoeira da Divisa, em noite de céu estrelado - foto Alberto deC. Alves.







Jangada passa perto da estátua do Caboclo d'Água, no rio São Francisco - foto Jesus Carlos/Imagemglobal. À direita, no Parque Nacional de Itatiaia, cachoeira Véu de Noiva - foto Alberto deC. Alves.

O BOTO

Nos rios da Amazônia vive um dom-juan incurável. É o boto, mamífero encantador que à noite vira homem, muito bonito e charmoso. A marca de sua presença é um chapéu panamá, que esconde os traços de boto e chama a atenção das moças da região. Nos bailes, usa todos os seus artificios de galanteador e acaba por engravidar as solteiras, que nem desconfiam que se trate do boto. Assim, os filhos sem pai da Amazônia são considerados filhos do boto.

O CABOCLO D'ÁGUA

Há muitos anos existe um monstro que assombra os barqueiros do rio São Francisco. Conhecido como Caboclo d'Água, ou Nego d'Água, esse ser horrendo é descrito como musculoso, troncado, com pele cor de bronze, baixinho e com um olho no meio da testa. Dizem que quando está nervoso emite um ruído ensurdecedor e ataca o fundo dos barcos e canoas, virando as embarcações. O Caboclo também é responsável, muitas vezes, pelo sumiço dos peixes, atormentando ainda mais a vida dos pescadores da região. Para acalmá-lo, dizem, basta deixar um punhado de fumo, como oferenda, no rio. E para nunca cruzar com o Nego nas águas, muitos barqueiros pintam uma estrela branca no casco de suas embarcações e esculpem faces horrorosas, as carrancas, na proa.

O CARBÚNCULO

A história do carbúnculo é muito conhecida na região Platina, ao sul do país, no lugar onde ficavam as reduções jesuíticas, próximo à cidade de São Borja. Um sacristão viu, de repente, as águas de um lago ferverem e borbulharem. Da neblina que se formou, surgiu um teiú-iaguá, espécie de lagarto de cor escura, lanhado de amarelo, tendo a cabeça rodeada por um halo resplandecente de luz. No topo de sua cabeça, havia uma pedra preciosa, de brilho deslumbrante, como se fosse um carbúnculo, ou seja, uma ferida purulenta. O sacristão não teve dúvidas: levou o bicho para casa. Logo a história se espalhou pelas comunidades locais e chegaram a dizer que à noite o lagarto se transformava em uma linda mulher. Acusado de cair em pecado, o rapaz foi preso e condenado à morte. Na prisão, foi salvo pelo animal, que abriu um grande buraco na construção, dando passagem para a fuga do prisioneiro. Conta-se que o sacristão vive até hoje na serra do Jarau, nos pampas, cheio de joias e pedras preciosas.

O PIRARUCU

A história se passou no rio Tocantins, com a tribo de índios uaiás. Pindarô era um cacique muito querido e bondoso. Seu filho, diferentemente do pai, era perverso e um bravo guerreiro. Seu nome: Pirarucu. Matava outros índios sem motivo nenhum, difamavam os deuses e era cheio de vaidades. Tupã cansou. O deus dos deuses se reuniu com Pólo, deus do relâmpago, e Iururaruáçu, a deusa da tempestade, e ordenou uma lição. Quando o índio estivesse pescando, que caísse sobre ele a mais forte das chuvas. Pirarucu tentou escapar, mas foi atingido no coração por um relâmpago fulminante. Seu corpo foi levado para as profundezas do rio Tocantins e transformado em um gigante e escuro peixe.

O CÓRREGO DAS LÁGRIMAS

Às margens do rio Gravataí, onde hoje é a cidade de Porto Alegre, morreu uma linda índia, de tanto chorar um amor perdido. Ela se chamava Obirici, era filha do cacique dos tapimirins, e assim como sua irmã, Paraí, apaixonou-se pelo índio Upatã (em outra versão da história ele se chamava Abaetê). A disputa foi decidida em uma prova de arco e flecha. Quem conseguisse acertar o alvo se tornaria a esposa do índio. Ansiosa, Obirici perdeu a competição, e viu seu amor partir de braços dados com a irmã. Desconsolada, andou até uma planície arenosa, hoje o bairro Passo da Areia, e lá ficou chorando até perder todas as forças e morrer. Suas lágrimas formaram um córrego, o córrego das Lágrimas, que já não existe mais. No lugar, há um grande viaduto, no cruzamento de duas avenidas. Em 1975, foi colocada uma estátua em homenagem a Obirici, marcando o local dessa antiga história de amor.

O BOITATÁ

O primeiro registro do boitatá foi feito pelo padre Anchieta em 1560. Disse o padre que era uma das assombrações mais temidas pelos índios. Na língua tupi, mboi significa cobra e tata, fogo. Tratava-se de uma grande cobra com olhos enormes que corria pela mata deixando um rastro de fogo. Morador dos rios e lagos, de norte a sul do país, o boitatá se alimentava de restos de animais e folhas, e protegia as florestas, atacando os responsáveis pelas queimadas. Para cientistas, o boitatá era na verdade o fogo-fátuo, fenômeno natural que acontece em cemitérios e pântanos, a partir da combustão de gases.



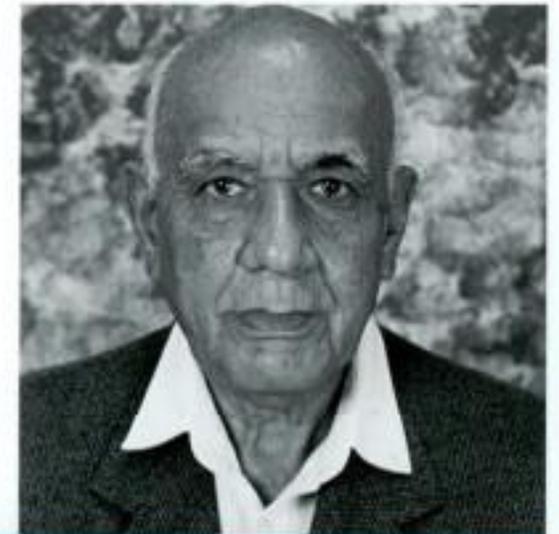


Estação Ecológica da Serra Geral, com queda-d'água no rio da Conceição, em Tocantins - foto Zé Paiva/Vista Imagens.

OXUM, O ORIXÁ DAS ÁGUAS DOCES

Na tradição africana, os mitos e ritos também envolvem, em muitos casos, as águas. Como a entidade Oxum, uma deusa da nação ijexá, considerada a mãe dos rios, das cachoeiras, do amor e da riqueza. Assim, os cultos à "senhora do ouro", outra denominação desse orixá, ocorre à beira de rios e cachoeiras. E seus filhos, os devotos, costumam cair em lágrimas durante os ritos.

FRUTOS DA NOSSA IMAGINAÇÃO?



"Certa vez perguntei a um canoieiro do rio São Francisco. 'Tem certeza de que não era uma lontra? Quem sabe uma ariranha? Ou um surubim bem grande?' 'Não, não era não. Eu conheço tudo o que tem nesse rio'. Conversávamos sobre o Caboclo d'Água, um mito das águas do Velho Chico. Para muitas pessoas, a história do homem parrudo, de cabelos crespos e pretos, que adora fumo e cachaça e que faz tanto o bem quanto o mal para os que passam pelo rio é apenas fruto da imaginação, uma narrativa de ficção. Para o canoieiro era pura verdade. Ele viu o Caboclo tentar derrubar seu barco. Foi real. Assim são nossos mitos, seres com superpoderes ligados às forças da natureza. São nossos, mas também são universais. Como a História do Rio Abaixo, que tem um violeiro que parava em todas as festas ao longo do rio, encantando as pessoas com sua música, até ser descoberto: ele era, na verdade, o diabo, o capeta. Li um conto do historiador português Alexandre Herculano, do século 19, bem parecido com essa história. Cresci ouvindo lendas e mitos do São Francisco, contados pelo meu irmão, um grande vaqueiro. Hoje é só na escola que as crianças podem encontrar espaço para esses momentos de oralidade, tão importantes para a formação e cultura de um povo."

Domingos Diniz, mineiro, é folclorista, membro da Comissão Mineira de Folclore e professor aposentado da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Em sua última obra publicada, *Vapores e Vapozeiros*, recolheu depoimento dos últimos navegantes do rio São Francisco, rio que corta sua cidade, Pirapora, no norte de Minas.



Músico embala as danças e cantoria da Festa do Saire, em Alter do Chão, no Pará, às margens do rio Tapajós - foto Caio Vilella/Horizontal.



CONVITE PARA A FESTA

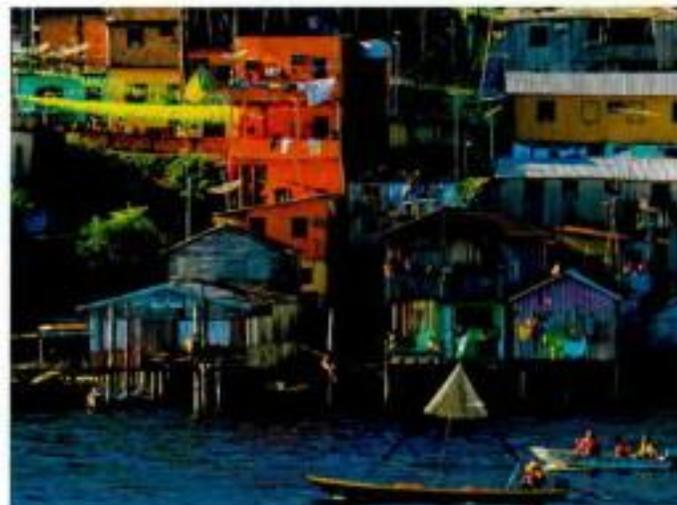




Os coloridíssimos e emocionantes rituais espalhados de norte a sul transformam os rios e suas margens em verdadeiros palcos de celebração. Essas manifestações reverenciam entidades folclóricas e religiosas, com cerimônias que mobilizam milhares de pessoas.



Pequenas embarcações diante do porto de São Raimundo acompanham também a tradicional procissão fluvial de São Pedro, ao longo do rio Negro - fotos Juliana Santos.



N

o passado, os períodos de colheita e semeadura eram também épocas de reunião em grupo para agradecer ou pedir fartura às divindades. Com o tempo, com o cristianismo, outros elementos se associaram às comemorações, como padroeiros e santos. E depois, outros mais. "... foram adicionando o engalanamento, as máscaras, os disfarces, os trajes custosos e garridos, a música, o baile, a procissão, o préstito, a liturgia, o exibicionismo...", afirmou o folclorista Alceu Maynard Araújo no livro *Cultura Popular Brasileira*.

A água, elemento vital de purificação e adoração, está presente em grande parte delas, há muito tempo. Por mares e rios do Brasil, devotos das mais diferentes crenças fazem suas homenagens a deuses e santos que protegem a todos que vivem dos rios, lagos e lagoas do país. Um dia, um antepassado elegeu um santo para pedir proteção e o costume se perpetuou principalmente nas zonas rurais. As comemorações são, em geral, repletas de cores e de fé. Misturam fiéis e emocionam como um momento único de encontro das culturas europeia, indígena e africana.

PROCISSÃO FLUVIAL DE SÃO PEDRO

(Amazonas – rio Negro)

Desde o final dos anos 1940, a população de Manaus é devota de São Pedro, o santo que foi pescador, se tornou apóstolo de Jesus e fundou a Igreja Católica, sendo assim o primeiro papa. Seu dia é 29 de junho, data em que os moradores da cidade participam de missas diárias, saem em procissão pelo rio Negro e pelas ruas do centro até chegar a uma missa campal e, por fim, festejam em um grande arraial junino. Do começo ao fim do dia tem comemorações. Destaca-se o concurso Barcos da Fé, que premia as embarcações mais bem enfeitadas das águas escuras do Negro.



Criança no Círio de Nazaré, em Belém - foto Araquém Alcântara. À direita, procissão fluvial no interior de São Paulo - foto Andrea D'Amato/SambaPhoto.

NOSSA SENHORA APARECIDA, A PADROEIRA DO BRASIL

(São Paulo – rio Paraíba)

Em 12 de outubro, milhares de fiéis católicos de todo o país rumam para a Basílica de Nossa Senhora Aparecida, o maior santuário mariano do mundo. Localizado em Aparecida, a 207 quilômetros de São Paulo, os romeiros participam de missas e romarias, dão graças, fazem promessas e relembram o aparecimento da imagem da santa nas águas do rio Paraíba em 1717. Três pescadores rezavam desesperadamente para encontrar peixes, quando um deles apanhou pedaços da imagem de Nossa Senhora da Conceição, uma imagem negra. Logo em seguida, deu-se o milagre: milhares de peixes encheram a rede e o barco dos pescadores. A devoção se espalhou, assim como os milagres relatados por fiéis que rezavam aos pés da imagem da santa, recuperada e preservada pelos homens. Nossa Senhora Aparecida foi proclamada Rainha do Brasil e sua Padroeira Principal em 1930.

CÍRIO DE NAZARÉ

(Pará – rios Guamá e Acará)

No segundo domingo de outubro, uma enorme procissão parte da Catedral de Belém até a Praça Santuário de Nazaré levando a imagem de Nossa Senhora de Nazaré em uma grande berlinda de vidro. Ruas e casas do centro são enfeitadas para receber o cortejo de mais de 2 milhões de romeiros em uma das maiores demonstrações de fé do Brasil e do mundo. Na véspera, ocorre a romaria fluvial, conhecida como o Círio das Águas, na baía de Guajará, no encontro da foz dos rios Guamá e Acará. Mais de mil embarcações, todas enfeitadas, percorrem as águas levando a imagem da santa, durante intensa chuva de fogos de artifício. A devoção começou em 1700, quando um caboclo encontrou uma pequena imagem da Senhora de Nazaré às margens do igarapé Murutucu. Ele levou a santa para casa, mas no dia seguinte a imagem surgiu no mesmo lugar onde fora encontrada, no igarapé. O fato se repetiu várias vezes até que a imagem fosse levada para o Palácio do Governo. O primeiro Círio de Nazaré ocorreu em 1793. Em 1971, a santa foi considerada a Padroeira do Pará.





Detalhe de embarcação na festa de Nossa Senhora dos Navegantes - foto Rafael Bavaresco/SambaPhoto. À direita, comemoração da Festa de Iemanjá - foto Alberto deC. Alves.

CÍRIO DE ÓBIDOS

(Pará – rio Amazonas)

No interior do Pará, diversos municípios exaltam os santos que consideram como os protetores das cidades em círios parecidos com o de Nazaré. No rio Amazonas, numa região em que as margens são mais estreitas e seu canal mais profundo, fica Óbidos, cidade devota de Nossa Senhora Sant'Ana. No segundo domingo de julho, a imagem da santa sai de uma comunidade ribeirinha em procissão pelo rio em uma balsa enfeitada com flores, fitas e luzes. Outras embarcações acompanham a imagem soltando fogos de artifício enquanto fiéis, no cais, soltam pequenos barquinhos de papel com velas para iluminar as águas. A festa segue com danças, comidas e bebidas típicas da região. De tradição portuguesa, o primeiro círio ocorreu em 1935.

NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

(Rio Grande do Sul – rios Guaíba e Jacuí)

A festa religiosa mais importante do Rio Grande do Sul ocorre em Porto Alegre e é em devoção a Nossa Senhora dos Navegantes, conforme a tradição portuguesa. Maria era vista como a protetora dos perigos dos mares, rios e lagos. O costume religioso chegou a Porto Alegre com os açorianos, por volta de 1918. No passado, ocorria uma romaria pelos rios Guaíba e Jacuí, e por terra. Hoje só pelas ruas da capital. No dia 2 de fevereiro, a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes é transportada do Santuário Nossa Senhora do Rosário, no centro, para o Santuário Nossa Senhora dos Navegantes. Mais de 100 mil pessoas participam do cortejo, que se estende por 5 quilômetros. Em outros municípios do estado, como Parobé e Campo Bom, a tradição é mantida: cortejo fluvial, no rio dos Sinos.

BANHO DE SÃO JOÃO

(Mato Grosso do Sul – rio Paraguai)

Movida pela fé em São João Batista, primo e apóstolo de Jesus, a população católica e umbandista de Corumbá, a 444 quilômetros de Campo Grande (MS), realiza o banho do Santo nas águas do rio Paraguai. A festa ocorre na noite de 23 para 24 de junho para lembrar o batismo de Cristo por São João nas águas do rio Jordão, na Galileia. Imagens do santo são colocadas em altares enfeitados de flores, fitas e velas, armados em andores. Famílias levam as imagens até Porto Geral, bairro histórico, e durante o percurso até o rio cantam, rezam e dançam. As comemorações continuam num grande arraial aberto pelos curureiros, grupo de homens que tocam viola de cocho e ganzá, ao levantarem um mastro com a imagem do santo.



FESTA DE IEMANJÁ

(Mato Grosso do Sul – rio Paraguai)

Muito comum no litoral brasileiro, a festa de Iemanjá também acontece nas águas doces e é a maior manifestação religiosa africana no Brasil. Em 30 de dezembro, adeptos do candomblé, umbanda e quimbanda descem a Ladeira Cunha e Cruz, em Corumbá, rumo às margens do rio Paraguai. Lá, até de madrugada, cantam, rezam e deixam oferendas à deusa das águas: flores brancas, alimentos, bebidas, perfumes, espelhos, colares. Os presentes são lançados ao rio, assim como pequenos barcos de isopor ou madeira, carregando velas. Durante os rituais, devotos entram em uma espécie de transe, recebem suas entidades e firmam seus pedidos e agradecimentos. A festa se estende até o Ano-Novo. Proveniente da Nigéria, Iemanjá é associada à fertilidade e à fecundidade. No Brasil, seu culto foi proibido até o início do século 20, mas nem por isso seus devotos se esqueceram dela. Nossa Senhora dos Navegantes e Nossa Senhora da Conceição passaram a receber os votos da deusa das águas. Seu culto é comum nos mares no dia 2 de fevereiro, dia de Nossa Senhora da Conceição.



Festa do Divino - foto latã Cannabrava/
SambaPhoto. À direita, cerimônia
Kuarup, no alto Xingu - foto Gabriel
Boeiras/SambaPhoto.

DIVINO ESPÍRITO SANTO

(São Paulo – rio Tietê)

O rio Tietê é palco de uma grande manifestação de fé no interior de São Paulo, realizada no Domingo de Pentecostes, sempre 50 dias depois da Páscoa. Em Anhembi, a 174 quilômetros da capital, durante três dias, os devotos celebram a vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos e sobre a Virgem Maria. Nas águas limpas do Tietê, cerca de 120 homens da irmandade do Divino Espírito Santo fazem uma grande encenação religiosa, o Encontro das Bandeiras. Divididos em dois batelões, em canoas bem compridas e estreitas, os fiéis relembram os encontros que aconteciam entre os bandeirantes nos rios. O culto do Espírito Santo remonta à Antiguidade e há resquícios desse evento em diversos países europeus. No Brasil, acredita-se que tenha chegado no fim do século 17, trazido pelos jesuítas portugueses e se perpetuado principalmente nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. Em todos os lugares, cantadores visitam os fiéis, de casa em casa, em busca de donativos, enquanto os "membros da corte" desfilam nas romarias ao lado das crianças que carregam o estandarte do Divino.

BOM JESUS DOS NAVEGANTES

(Alagoas – rio São Francisco)

Em Alagoas, na cidade de Penedo, a 160 quilômetros de Maceió, o santo protetor dos pescadores é o Bom Jesus dos Navegantes. E o rio, o São Francisco, o "Nilo brasileiro". Há mais de 100 anos, no segundo domingo de janeiro, a imagem de Cristo é levada da Igreja de Santa Cruz em procissão terrestre e fluvial. O rio São Francisco recebe mais de 20 embarcações que cortejam o santo ao percorrer municípios ribeirinhos. O culto é um grande momento de liturgia e diversão para a população local, que recupera as tradições em uma programação diversificada: shows musicais, apresentações de corais, salva de fogos, rezas, novenas, além de atividades esportivas, como corrida rústica, corrida de jericó, quebra-pote, corrida de perna de pau etc.



FESTA DO KUARUP

(Mato Grosso – rio Xingu e seus afluentes)

O Kuarup é a maior festa indígena do Brasil. Ela ocorre no Parque Indígena do Xingu, no norte do Mato Grosso, às margens do rio Xingu e de seus afluentes, sempre na época da estiagem, entre agosto e setembro. É um momento de encontro e celebração em homenagem aos mortos. Índios de diferentes nações preparam o ritual. Os mortos são representados por troncos colocados no centro da aldeia promotora da festa (geralmente uma aldeia que tenha tido uma morte recente). Tocadores de flautas cantam e dançam, percorrendo as casas da aldeia. Os pajés rezam para os mortos sepultados no pátio da aldeia. Os mensageiros saem para convidar outras aldeias. Em meio a choros, lamentações e urros, os troncos são enfeitados e são oferecidos ornamentos e comidas aos "mortos". A finalização do Kuarup tem três momentos marcantes: a luta de huka-huka (duelo corporal em que dois índios ficam ajoelhados), a jogada dos troncos no rio ou lago que banha a aldeia e a dança da vida realizada pelos atletas, que fazem um círculo com varas verdes representando os índios que acabaram de nascer.



Procissão durante a festa do Sairé,
em Alter do Chão, no Pará - foto
Caio Vilela/Horizonte.

SAIRÉ

(Pará – rio Tapajós)

Sairé é um tipo de andor formado por um semicírculo, de cipó torcido, envolvido por algodão, flores e fitas coloridas. No centro do semicírculo estão cruces, que representam o mistério da Santíssima Trindade, e no topo a pomba, representando o Espírito Santo. Esse estandarte é o símbolo de uma das mais antigas manifestações da cultura popular da Amazônia, remontando às missões evangelizadoras dos padres jesuítas com os índios da Amazônia, no século 17. Um dos lugares onde a festa ocorre é em Alter do Chão, no Pará, às margens do rio Tapajós. Em setembro, a cidade fica lotada de visitantes que chegam para participar das procissões, ladainhas, danças, encenações e shows musicais. A comemoração começa no hasteamento de dois mastros enfeitados. O momento mais esperado é o confronto entre os botos Tucuxi e Cor-de-Rosa. É o Festival dos Botos, um concurso que premia o grupo folclórico que melhor encena a lenda do boto.

ENCONTRO E CELEBRAÇÃO COM MEMÓRIAS DA FAMÍLIA



"Ganhei de presente do meu pai o rio São Francisco. Cresci ouvindo histórias do rio, mesmo não tendo nascido ou crescido perto dele. E nem meu pai. Ele era de Tiradentes e eu nasci em Belo Horizonte. Mas como todo menino do interior, ele adorava histórias de pescaria, causos envolvendo as águas do rio mais majestoso da região. Adiei por anos o encontro com o São Francisco. Não queria desmitificar aquele cenário que fazia parte da minha história. Mas diante de tanta discussão em torno da transposição de suas águas, eu senti o dever de me colocar no debate, de fazer alguma coisa. Então, enlouqueci com o que vi: um rio cortando tantas cidades, o barco a vapor, as gentes, as festas... Era tudo como eu imaginava e mais um pouco. Certa vez, cheguei em Pirapora, Minas Gerais, num dia de quermesse. Lembro da igreja matriz, no alto, toda enfeitada. Mas fazia tanto calor que os fiéis estavam sentados nos bancos, à beira do rio. Uma imagem inesquecível. Em Bom Jesus da Lapa, na Bahia, cheguei numa festa deromeiros. A cantoria, as velas, os barcos. Parecia que eu estava num set de filmagem. Um filme que já tinha passado na minha infância e virou exposição..."

Ronaldo Fraga, estilista mineiro, criou em 2008 uma coleção inspirada no rio São Francisco e, em 2010, a exposição itinerante *O Rio São Francisco Navegado por Ronaldo Fraga*, contemplando diferentes faces do rio, como a moda, a música, a literatura e o cinema.



Moradoras das margens do rio Negro, na Amazônia, crianças indígenas preservam a linguagem de seus ancestrais - foto Alexandre Pirani.



LINGUÍSTICA ILUSTRE



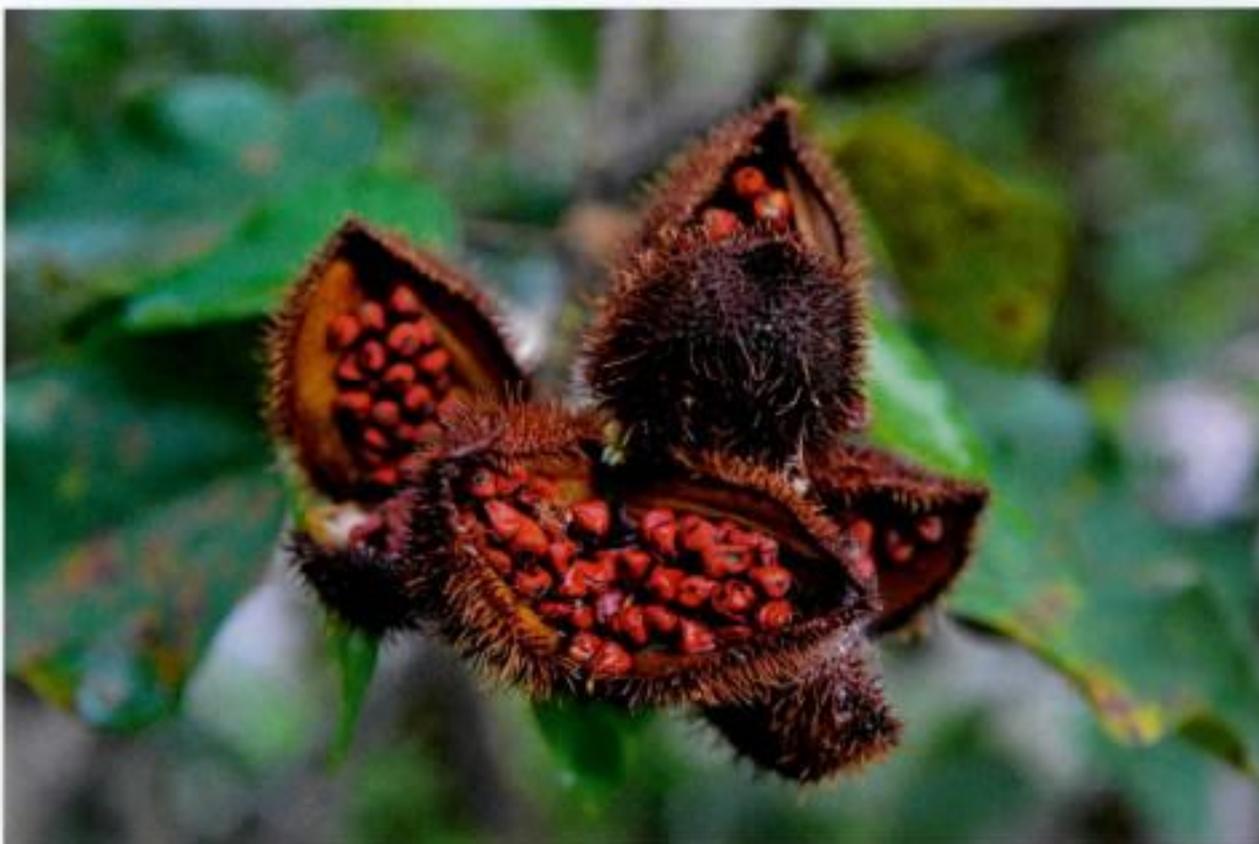


A água sempre esteve presente na vida das comunidades indígenas. Então nada mais natural do que encontrar essa preciosidade líquida representada na cultura, como nas línguas nativas, costumes e visão de mundo.



Sementes de urucum, usadas como corante e para pinturas corporais - foto Andrea Ribeiro.

À esquerda, criança zoé se refresca no rio Cuminapanema, Pará - foto Araquém Alcântara.



E

screveu o cartógrafo francês André Thevet, lá pelos idos de 1500: "Entrando inteiramente despídos na água doce ou salgada, acertam o peixe com suas flechas, no que são muito destros". Outros viajantes também descreveram a relação dos povos indígenas com as águas caudais da província portuguesa, como Hans Staden, Pero Magalhães Gândavo, Gabriel Soares de Sousa. Fernão Cardim apontou em *Tratados da Terra e Gente do Brasil*:

As mulheres, quando parem, logo se vão lavar aos rios e dão de mamar à criança à beirada, de ordinário ano e meio, sem lhe darem de comer outra cousa.

Além dos costumes, pesquisadores registraram, em letras e sons, as especificidades das línguas que conheciam pelo caminho, a maioria oriunda da mesma raiz: o tupi. O português falado em Portugal é basicamente diferente do português do Brasil por causa das palavras e expressões em tupi que foram incorporadas ao longo do tempo. Quem há de negar que essa "mistura" foi profunda e acabou por caracterizar a identidade nacional? Eis algumas palavras relacionadas às águas, em tupi. Algumas fazem parte do vocabulário brasileiro até hoje.

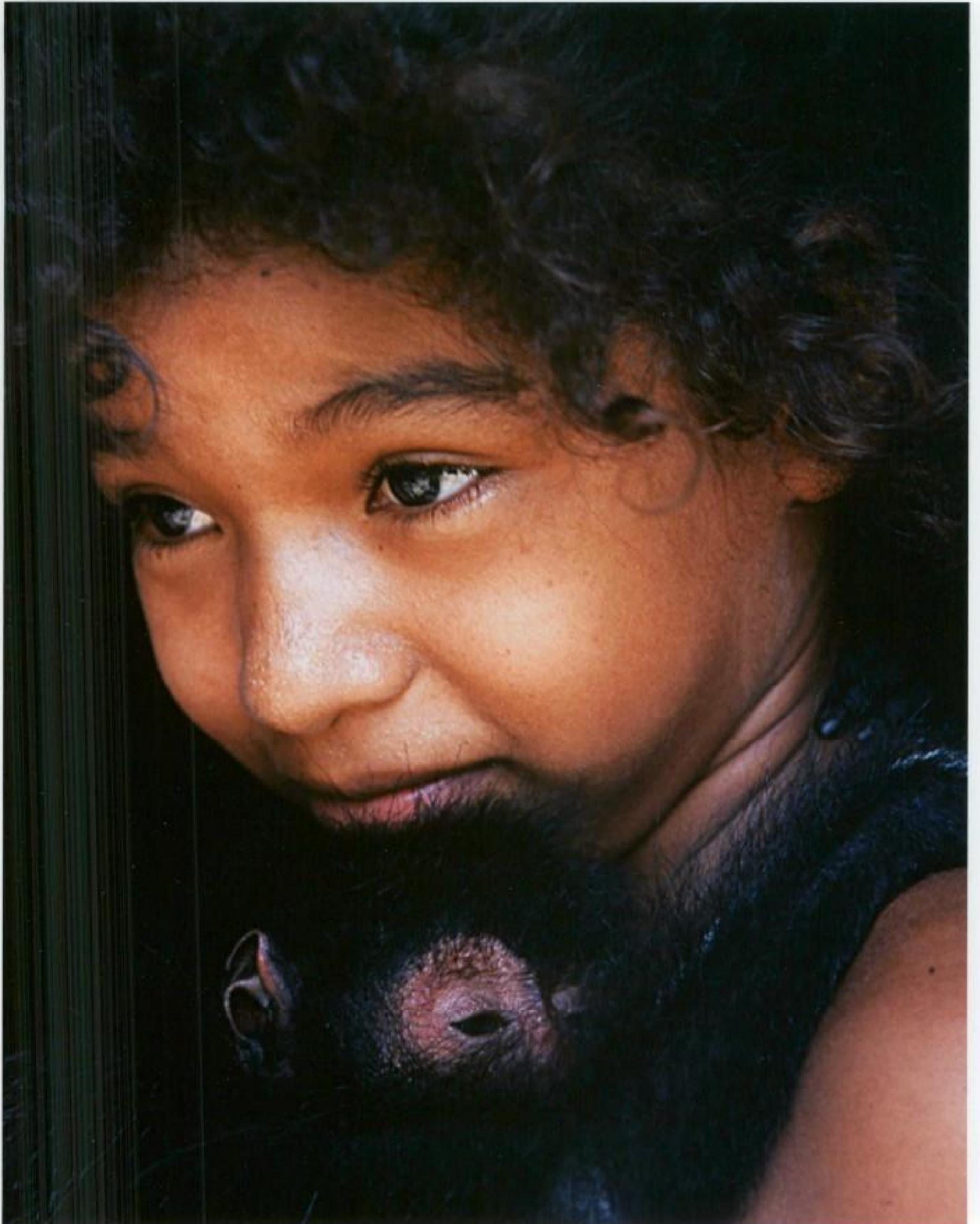
Olhar expressivo da criança nativa que brinca com macaquinho no interior do Amapá - foto Marcelo Maragni/Horizonte.



Arai – riacho doce
Araripe – rio das araras
Bariri – água inquietante
Cunhaú – rio das mulheres
Igapira – nascente do rio
Igarapé – caminhos da canoa
Iguaçu – água grande
Ipanema – água ruim, sem peixe
Itamaraty – água entre pedras soltas
Itu – salto d'água
Jabaquara – rio do senhor do voo
Jacareí – rio dos jacarés
Jaguariúna – rio preto das onças
Jundiaí – rio dos bagres
Moji-Mirim – rio pequeno das cobras
Pacaembu – riacho das pacas
Paquetá – rio cheio de pacas
Paracambi – onde os rios se encontram



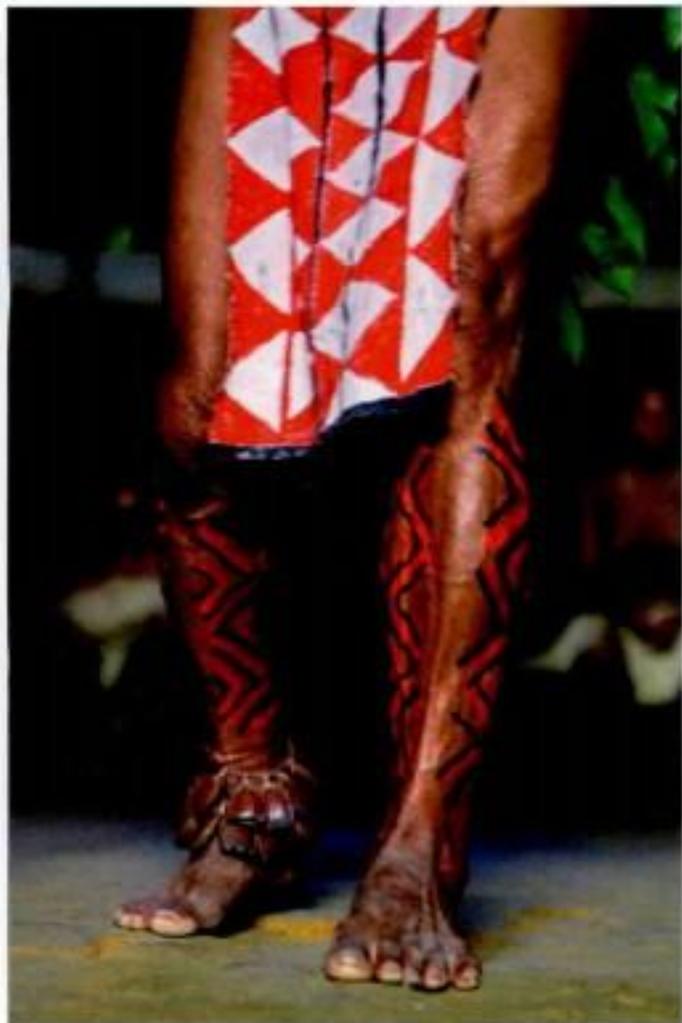
Paraíba – rio ruim para navegação
Paraná – canal largo do rio
Paraopeba – rio raso
Parauna – rio caudaloso e negro
Pavuna – lagoa de águas turvas
Peruíbe – rio do tubarão
Pinda'yba – vara de pescar
Piracicaba – lugar onde chegam os peixes
Pitangui – rio das crianças
Potengi – rio dos camarões
Tororó – jorro d'água
Sirik – escorregar na água
Uberaba – água brilhante
y – rio (tupi antigo)
y tororôma – bica d'água
Yara – senhora das águas
Ytu – cachoeira (tupi antigo)



No alto Xingu, a população indígena kulruro é a mais numerosa da região. Em suas comunidades, a presença marcante de seus representantes - foto Andrea Ribeiro.







Traços geométricos e coloridos cobrem a pele dos índios que vivem ao longo do rio Negro, na Amazônia - fotos Alexandre Pirani.

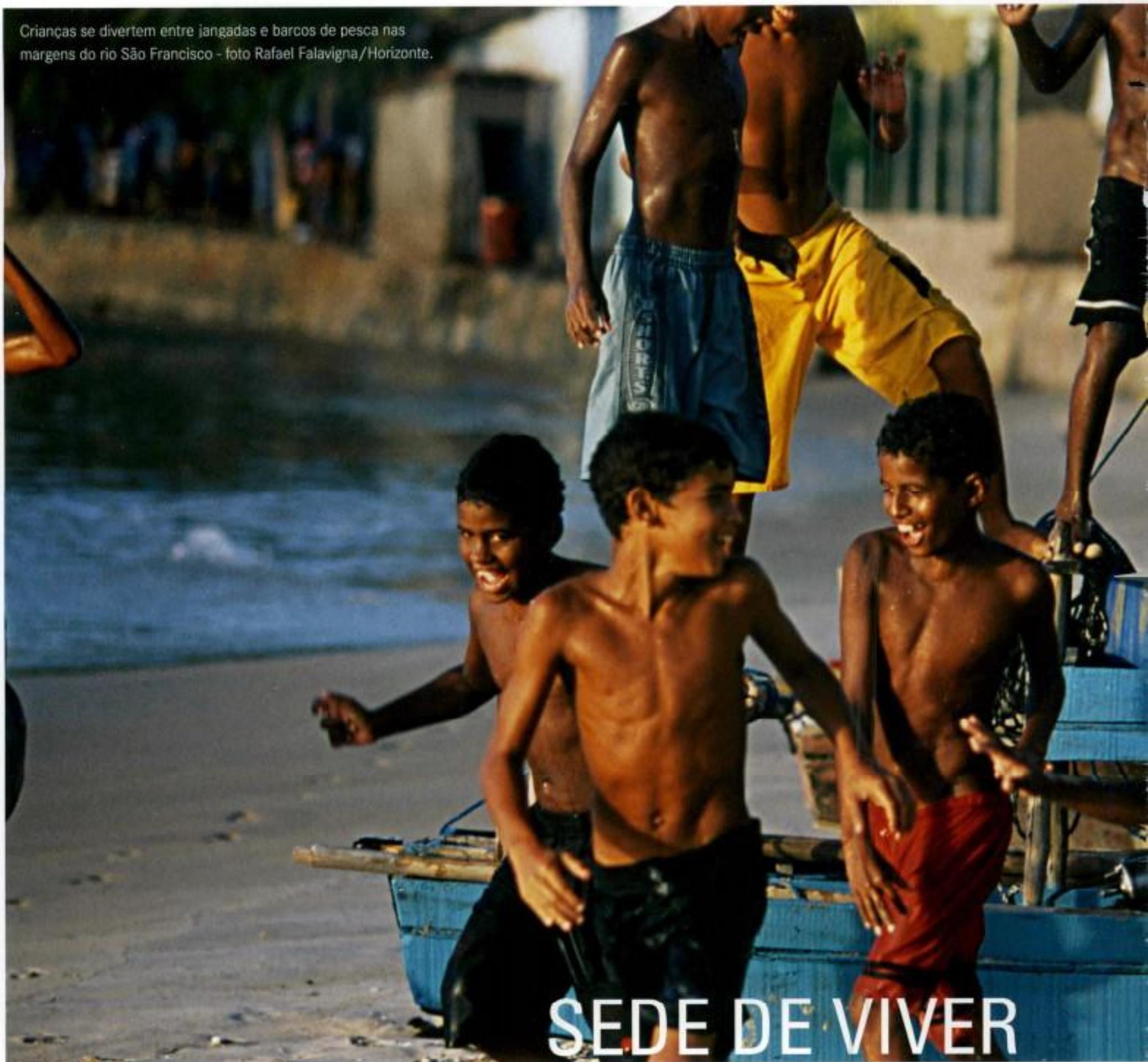
Ao adentrar o interior do país, os estrangeiros perceberam que não havia apenas uma família linguística. Calcula-se que, na época da chegada dos portugueses, havia 1.300 línguas diferentes, originárias, basicamente, de três troncos linguísticos: o tupi, o macro-jê e o aruak. Algumas línguas apresentam estruturas gramaticais tão complexas que se assemelham ao grego. É o caso da língua isolada mundurucu, falada pelos índios mundurucus, no Pará. Para eles, água é idibi. No caso dos karib, por exemplo, que eram encontrados na região do Amapá e Roraima, água é tuna e canoa, canuaua.

Hoje são 274 idiomas, que tornam o Brasil um país plurilíngue! Das 305 etnias do presente, a que possui maior população é a ticuna, com mais de 46 mil índios espalhados ao longo do rio Solimões, no Amazonas. A relação deles com a água é impressionante. Segundo a tradição, a origem desse povo ocorreu em um igarapé chamado Eware. O deus Yo'i pescou os ticunas e assim consideram que as árvores e as águas da região são heranças deles. O igarapé sagrado é protegido por animais e gente encantada. Sagrado também é o Ngewane, uma enorme árvore cheia de peixes, que cresce em lugares distantes, como nas cabeceiras dos igarapés, nos igapós e na beira dos lagos. Quase uma entidade, Ngewane é considerado o pai dos peixes.

Há ainda os ianomâmis, os xavantes, os bororós, os tapirapés, os kadiwéus, os kalapalos, os pataxós, os karajás... A população indígena hoje é de quase 900 mil pessoas que dependem das águas para a sobrevivência e a permanência de sua cultura.



Crianças se divertem entre jangadas e barcos de pesca nas margens do rio São Francisco - foto Rafael Falavigna/Horizontal.

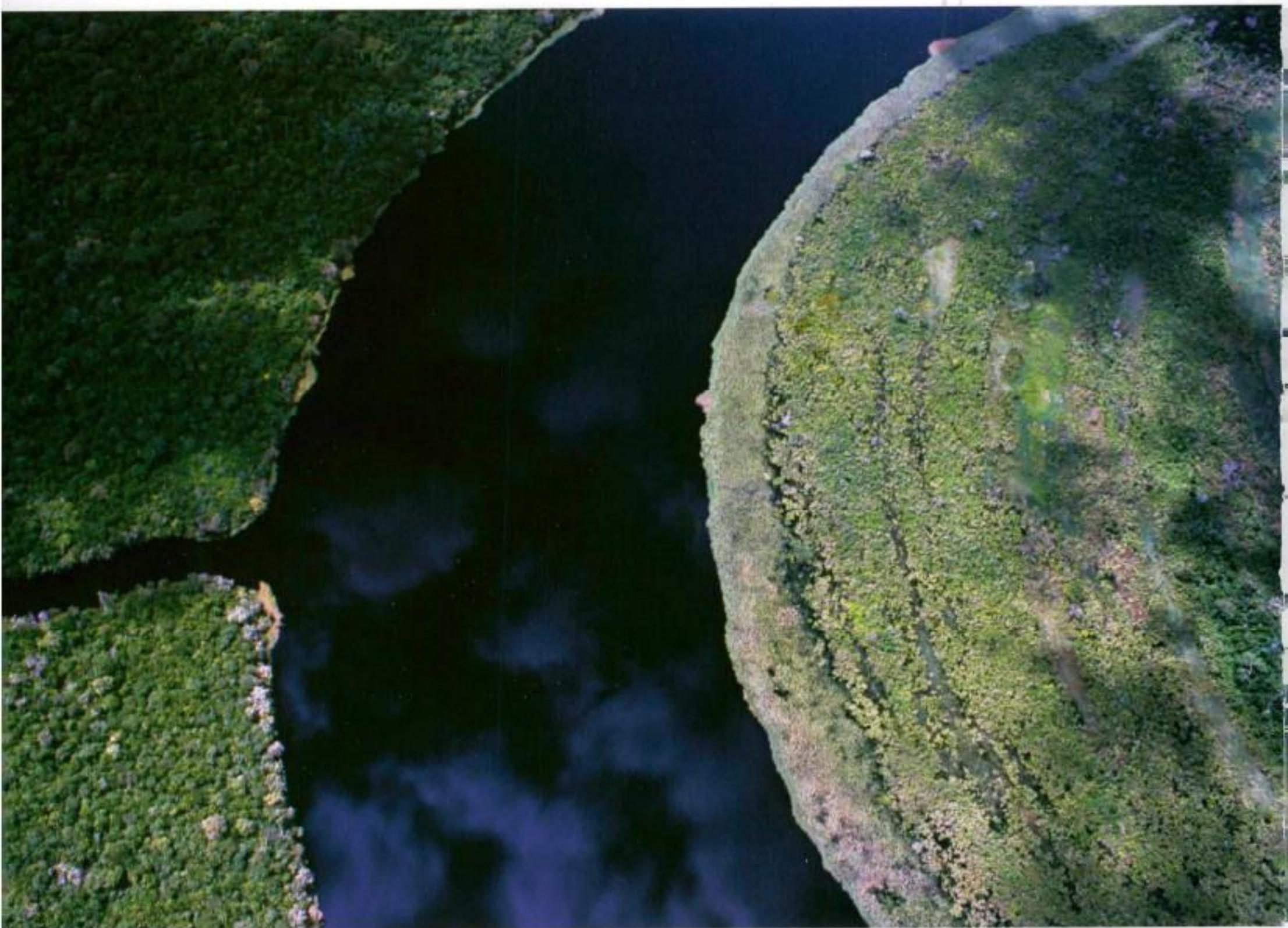


SEDE DE VIVER





Os rios e o homem pedem água. Água pura, água limpa. Mas o crescimento da população urbana e o atual modelo econômico baseado no consumo desmedido vão na contramão dessa necessidade. O caminho da preservação é um só: saber usar para não faltar.



Presença forte de moradoras ribeirinhas no Amapá - foto Alberto deC. Alves. À esquerda, vista aérea do rio Mamoré, em Rondônia - foto Peter Milko/Horizonte.



F

oi-se o tempo em que deixar a torneira aberta, escorrendo água à vontade, era um hábito irrepreensível. A gestão do limitado estoque de água doce é hoje o maior desafio enfrentado pelo ser humano em todas as suas instâncias. Como a água está integrada ao cotidiano de grande parte da população, em geral esquece-se que essa preciosidade natural é esgotável e limitada.

Mas muita gente não esbanja água nem esquece o valor que ela tem porque é obrigada a andar quilômetros para conseguir encher um balde ou uma cabaça. Torneira, em muitos lugares, é luxo. Só no Brasil, cerca de 7 milhões de brasileiros não têm acesso à rede de esgoto e à água tratada. Na Amazônia, onde estão concentrados 11% de toda a água doce do planeta, e 80% da água doce do país, grande parte da população ribeirinha vê, sim, a cor da água: escura, suja, transmissora de doenças. Muitas crianças menores de 5 anos ainda morrem de diarreia, porque a água usada para fazer as mamadeiras e lavar os alimentos não tem tratamento. Em todo o mundo, estima-se que morram, por dia, cerca de 5 mil crianças nessa faixa etária por doenças causadas pelas águas. Símbolo da vida, perversamente a água se torna símbolo da morte e da desigualdade.

Estudo recente dos Estados Unidos (soma de relatórios da inteligência americana) alerta que nos próximos dez anos muitos países "quase seguramente experimentarão problemas relacionados com a água, por escassez, má qualidade ou inundações...". E especula-se que a causa possível de uma terceira guerra mundial não será o petróleo, mas a água. Sob essa óptica, o Brasil poderá vir a ser a nova Arábia Saudita. Se novas matrizes energéticas estão substituindo, aos poucos, a energia petrolífera, o que poderá substituir a água? Nada. Ela é insubstituível, é vida, é um bem da humanidade e não é um bem de consumo privado.

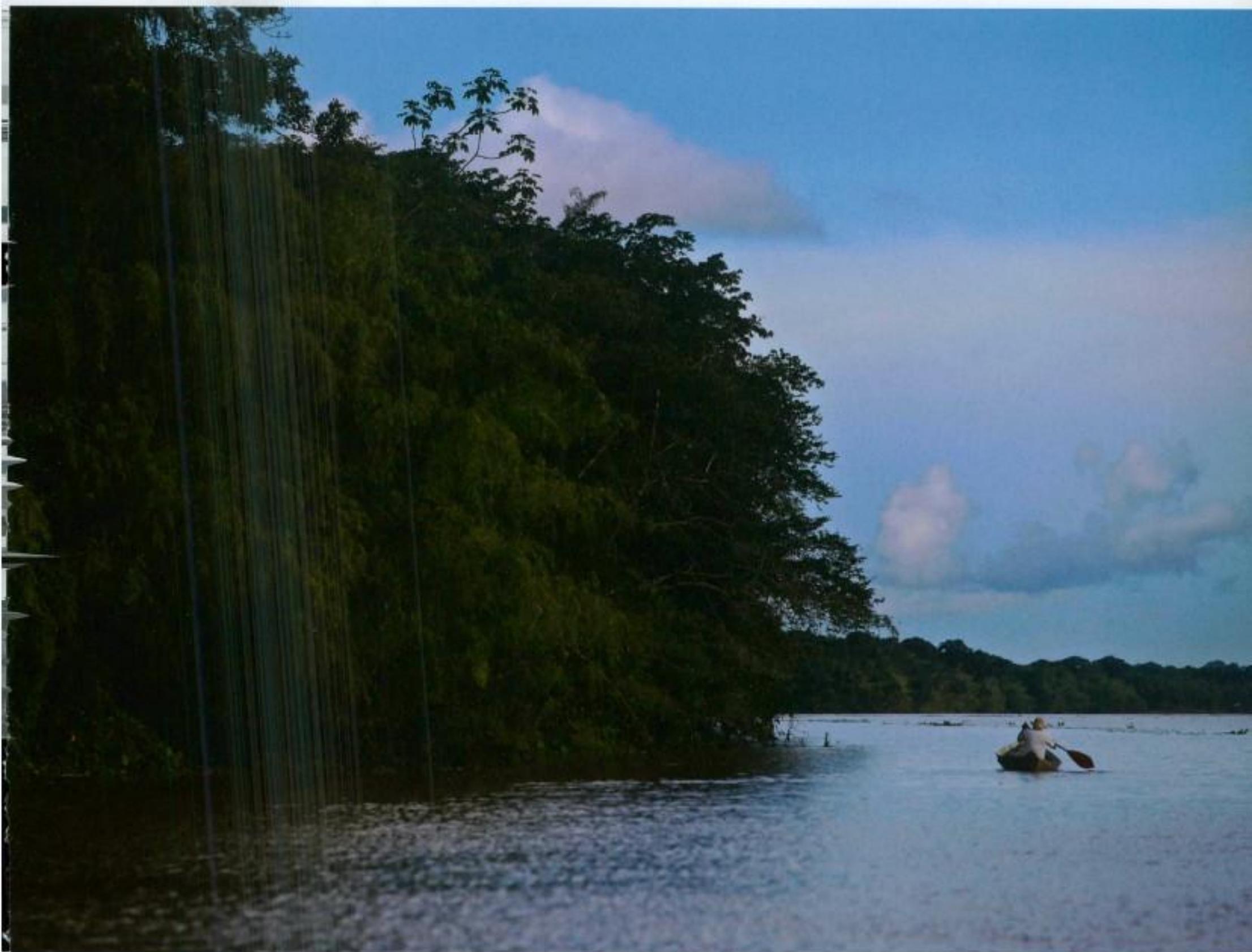


Intenso e desordenado crescimento urbano da capital paulista aproxima as construções à represa de Guarapiranga - foto Bruno Alves. À direita, tranquilidade segue nas águas do rio Araguari, no Amapá - foto Alberto deC. Alves.

Mesmo assim a água tem preço, é cada vez mais cara, e o fim da desigualdade parece distante. Mais que uma questão de hábito, o desperdício de água e a poluição que mata os rios é um problema que tem tudo a ver com o padrão econômico escolhido pela governança mundial. Um modelo frágil, baseado em produção e consumo finitos. Lavouras e indústrias por muito tempo tiveram passe livre para usar e devolver água cheia de substâncias tóxicas ao ambiente. Hoje há leis que impedem esse tipo de degradação, mas na prática, rios morrem por servirem de esgoto. Seres humanos morrem por só terem acesso à água poluída e contaminada. Os rios estão moribundos. De cada dez rios brasileiros sete estão poluídos.

A equação "gente demais somada a um sistema de desenvolvimento ultrapassado" resulta na atual crise de abastecimento. Estima-se que o crescimento populacional no planeta aumentou três vezes no decorrer do século 20, passando de 2 para 7 bilhões de habitantes. Nesse período, a demanda de água aumentou sete vezes, isto é, passou de 580 km³/ano para aproximadamente 4 mil km³/ano. O consumo de água cresceu duas vezes mais rápido do que a população mundial no último século. A produção agrícola mundial chega a produzir anualmente 5,5 bilhões de toneladas de alimentos. Em 2025, acredita-se que o volume de água necessário para produzir comida deve aumentar em 50%. Assim, a produção mundial de alimentos ameaça diminuir em 10%.

Será possível economizar e usar a água doce mantendo os mananciais despoluídos, o solo íntegro e garantir água doce limpa por gerações?





Nosso ouro líquido espalhado pelo país:
degraus do rio Serrano, na Bahia - foto
Bruno Alves. À esquerda, as águas da
Amazônia - foto Andrea Ribeiro.



SOLUÇÕES SUSTENTÁVEIS

As previsões são desanimadoras, é verdade. Mas os seres humanos não estão inexoravelmente condenados a morrer de sede. Mananciais degradados podem ser despoluídos. Novas técnicas de tratamento reutilizam água do esgoto, principalmente para consumo industrial. A comunidade global vem discutindo e adquirindo conhecimentos para lidar com a escassez de água – a cooperação científica entre países é uma realidade promissora. Novas tecnologias conhecidas como eco-hidrologias estão surgindo com soluções para a conservação e recuperação de lagos, represas e rios, e na conservação de águas subterrâneas e manutenção dos aquíferos. A água coletada nos telhados das casas durante o período das chuvas e armazenada em cisternas pode fazer a diferença no consumo de água empregado nas lavouras. Nos Estados Unidos, o exemplo está no condado de Orange County. Lá, há 25 anos, é obrigatória a utilização de água de reúso, uma das mais importantes ferramentas no uso racional da água. Hoje, a quantidade de água de reúso, bombeada diariamente, é quase igual à quantidade de água potável. Na Alemanha, a água da chuva é captada nos telhados do aeroporto de Frankfurt. Cerca de 16 milhões de litros de água são reutilizados para limpeza, jardinagem e descarga sanitária.

Outro exemplo de sustentabilidade está na construção civil. O conceito já faz parte do planejamento para “levantar” casas e edifícios, e em muitos canteiros de obra só entram profissionais que tenham uma postura de combate ao desperdício de água e de energia.

O uso de métodos de irrigação mais econômicos, o conserto de tubulações subterrâneas e a instalação de dispositivos domésticos que economizem água são maneiras de reduzir o volume de água necessária.

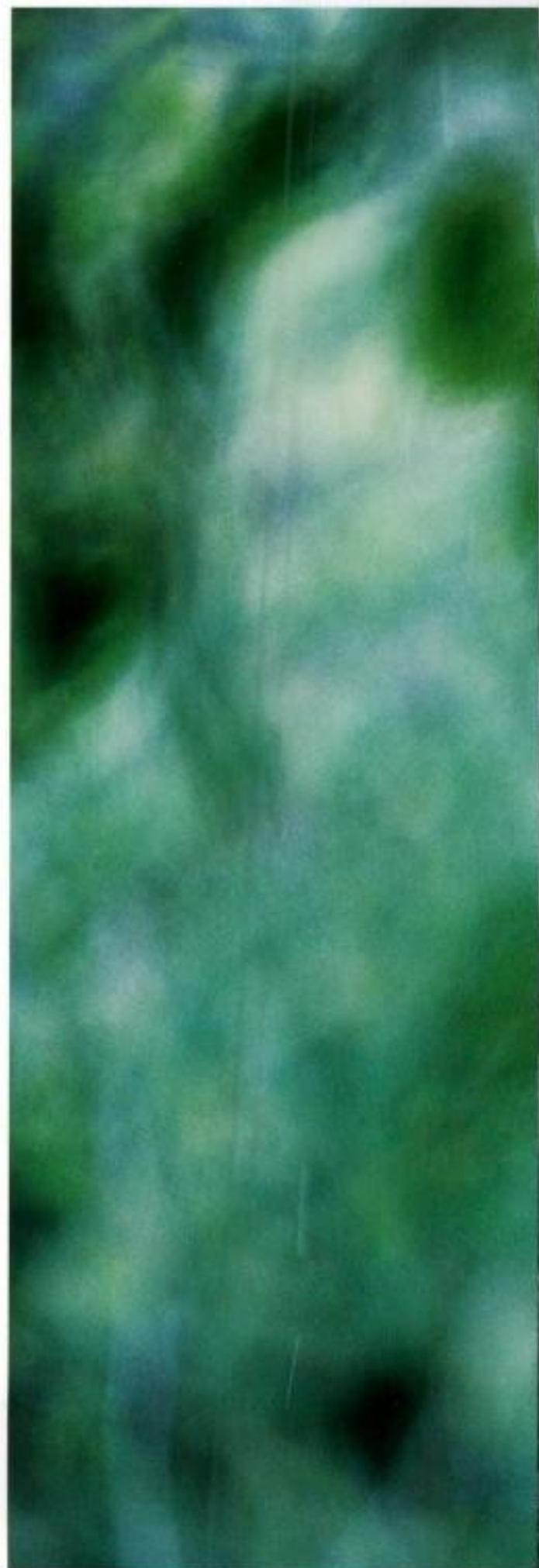


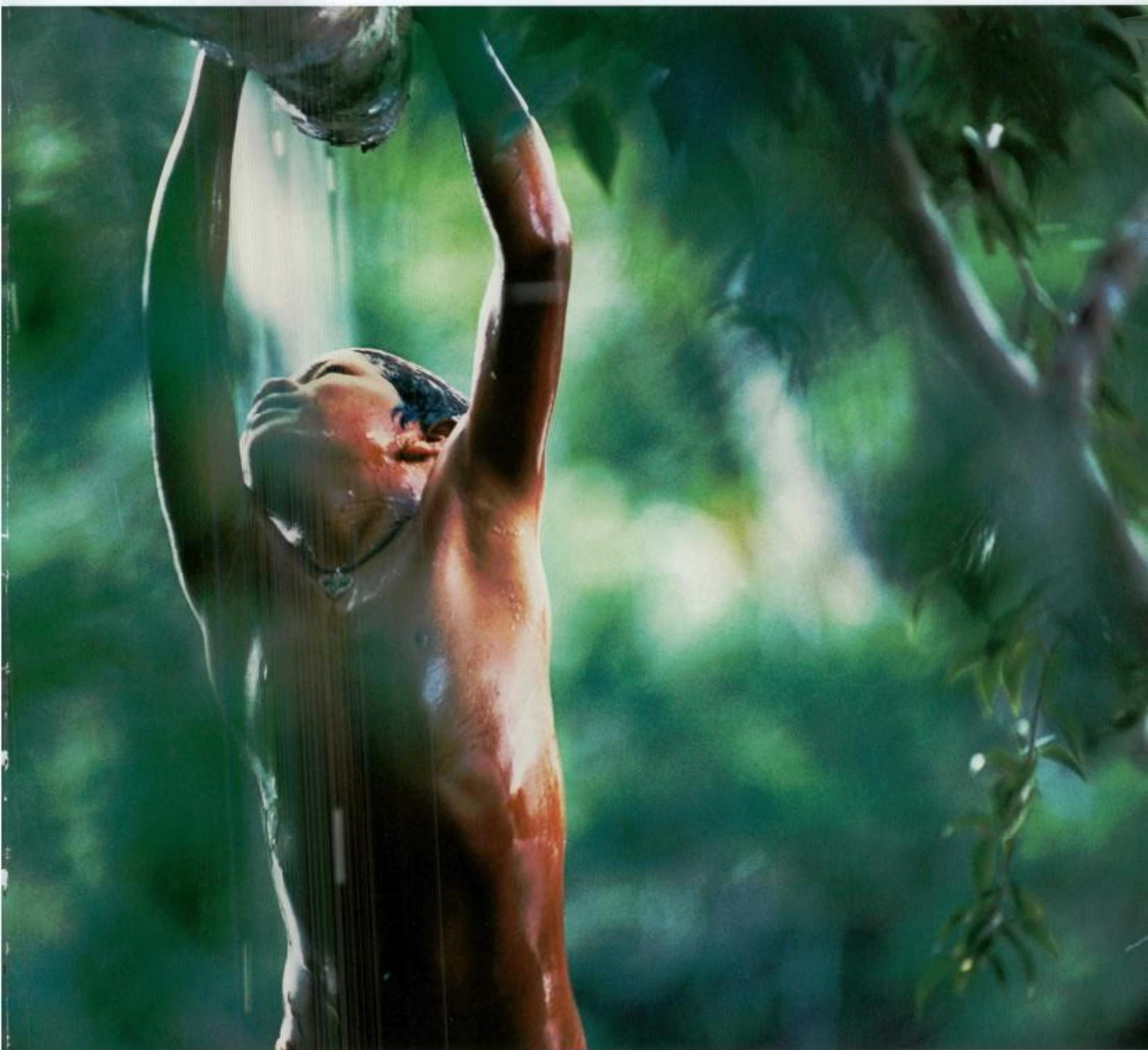
Água da chuva escorre pelos galhos no rio Javaés, Tocantins - foto Zé Paiva/Vista Imagens.
À direita, índio no Amazonas banha-se com água da chuva - foto Araquém Alcântara.

Apesar de os governos terem papel fundamental na gestão eficiente da água, a população e as empresas também devem se envolver completamente. O artigo 225 da Constituição é claro: a conservação e a preservação do meio ambiente são uma obrigação conjunta do poder público e de cada cidadão brasileiro: "Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações".

Por enquanto, cada brasileiro consome em média 270 litros de água por dia, o equivalente a duas banheiras transbordando. Cada americano, por sua vez, derrama cerca de 388 litros diariamente. Como se calculam esses gastos? Há hoje uma ferramenta, a Pegada Ecológica, que ajuda a indicar o quanto se consome em recursos da natureza para manter hábitos como tomar café, comer um tenro bife, comprar uma roupa nova a cada semana. O cálculo converte em hectares ou litros a quantidade de água utilizada para manter esses hábitos e estilos de vida. Assim, um quilo de açúcar leva 1.800 litros de água em sua produção; um quilo de batata frita, 1.000 litros; um quilo de carne bovina, 15.800 litros; uma camisa de algodão, 2.500. Fica claro que consumir com consciência ajuda a proteger as reservas naturais do planeta e a diminuir as desigualdades sociais.

Está na hora de buscar uma nova maneira de criar riqueza sem destruir os rios, as represas, os riachos, os veios d'água. A mudança é possível, mas exige o comprometimento de todos!







O verde intenso da mata Atlântica da serra do Mar em Paraty - foto Alberto deC. Alves. À esquerda, o verde também presente na Amazônia, com suas árvores de troncos e raízes imensos - foto Araquém Alcântara.



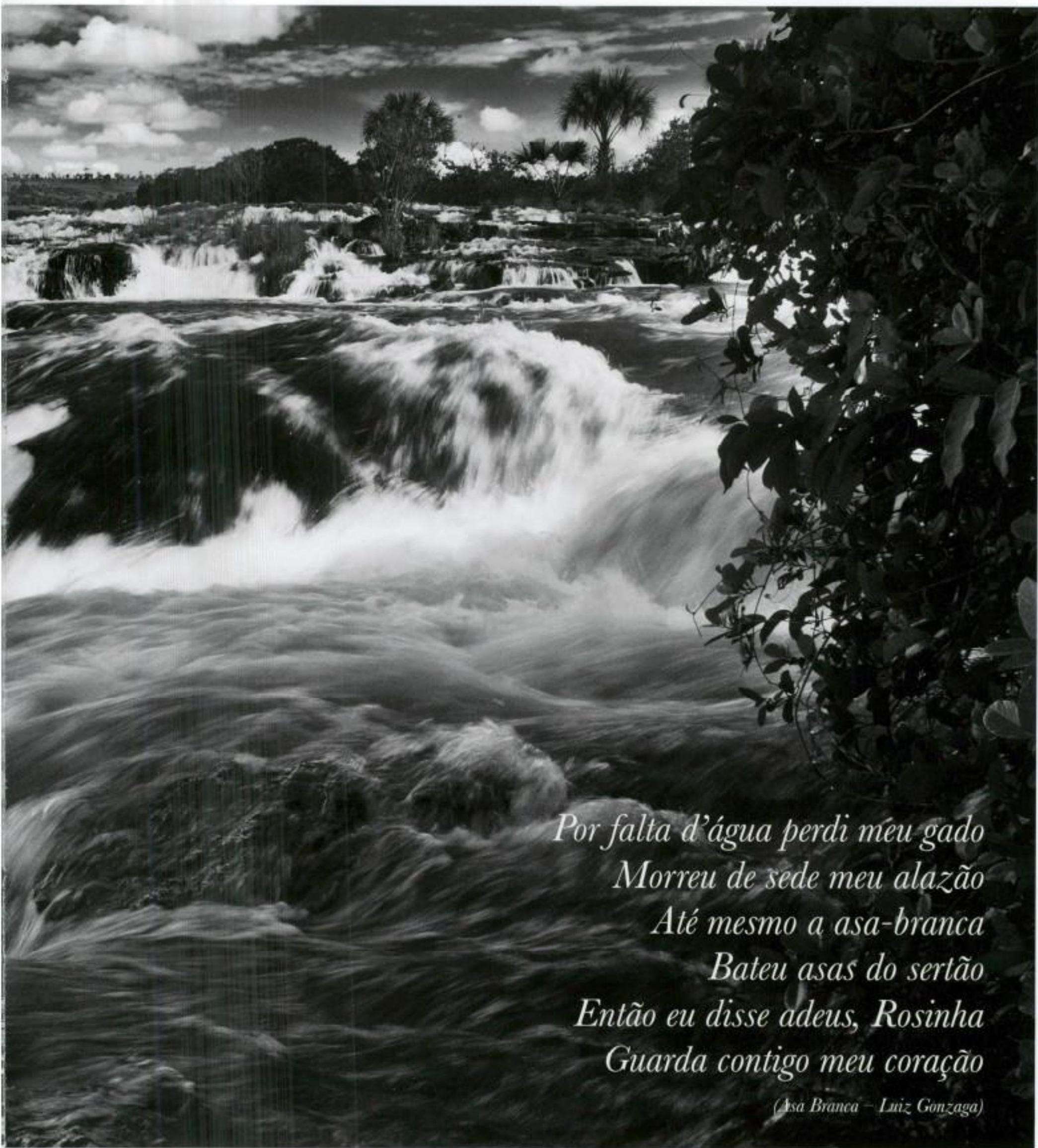
DE MÃOS DADAS COM O VERDE

O homem pode fazer tudo pelas águas, mas se não cuidar do verde, os rios sucumbirão. Rio gosta mesmo é de mata, mata ciliar emoldurando seu curso e mantendo cada coisa em seu lugar: a água onde deve correr, o verde onde deve crescer. Assim como os cílios nos olhos humanos, que têm como função proteger as "janelas" da poeira e do excesso de luz. As matas ciliares não permitem a erosão do solo, que pode aterrar as águas, e controlam os ciclos de nutrientes das bacias hidrográficas, mantendo o escoamento das substâncias na medida certa. E não acabam por aí os benefícios das amigas dos rios: as florestas funcionam como verdadeiros corredores para os animais, permitindo que se desloquem de uma região para outra, seja em busca de alimento ou de um par para o acasalamento. No intervalo das refeições e do amor, um gole de água, por favor!

Das formações ribeirinhas para mata adentro, mais uma vez a preservação das florestas significa a preservação das águas. O homem que encontra na mata uma fonte de renda inteligente que não seja baseada na destruição e no aproveitamento irresponsável sabe que água limpa e solo preservado são essenciais para a continuidade de seu projeto. É assim na Amazônia, nas reservas extrativistas, mantidas à custa de muita natureza protegida: coleta, pesca artesanal e controle de madeira manejada. É assim em toda a extensão das bacias hidrográficas, que fazem a interação entre todos os recursos naturais de uma região banhada por rios e seus afluentes. São elas que captam a água da chuva e drenam esse líquido precioso para as áreas mais altas até escorrer para as mais baixas, alimentando, por fim, os rios e o subsolo das águas. A engrenagem é perfeita e precisa do ser humano para apenas uma coisa: preservá-la, sem desvios ou exploração predatória.

O movimento intenso e constante das águas da cachoeira da Velha, no Parque Estadual do Jalapão, em Tocantins - foto Zê Paiva/Vista Imagens.





*Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Até mesmo a asa-branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse adeus, Rosinha
Guarda contigo meu coração*

(Asa Branca – Luiz Gonzaga)



ORGANIZAÇÃO DAS ÁGUAS

*Nosso vasto país abriga uma das maiores redes fluviais do mundo. Apesar de a cultura, a flora e a fauna não obedecerem aos traços delimitados pelo homem, essa ordem está sempre presente. No Brasil são 12 **regiões hidrográficas (RH)**, representadas por seus rios principais, afluentes e subafluentes. Eis um pouco da geografia de cada uma delas.*

REGIÃO HIDROGRÁFICA AMAZÔNICA

Maior fonte mundial de água doce disponível

Os números associados à biodiversidade da região Amazônica são quase sempre superlativos. A infinidade de espécies animais e vegetais se espalha pelos mais diversos ecossistemas, que incluem florestas fechadas em terra firme ou inundada, várzeas, igapós, campos abertos e cerrados.

O principal rio dessa região hidrográfica é o Amazonas. Mas, ali, as maiores demandas pelo uso da água (neste caso, irrigação) ocorrem nas sub-bacias dos rios Madeira, Tapajós e Negro. Mesmo assim, são dezenas de sub-bacias, atreladas aos nomes de rios ou regiões – quando não há um curso d'água de maior importância. Só no estado do Pará, por exemplo, são 20 sub-bacias oficiais. Entre elas, as dos rios Curua-Una e Trombetas. Trezentos e quatro municípios estão incluídos na RH Amazônica, entre eles as capitais Manaus, Rio Branco, Porto Velho, Boa Vista e Macapá.

Área: 6.974.410 km²

População (em 2000): 7.609.424 hab

Densidade demográfica: 2,01 hab/km²

REGIÃO HIDROGRÁFICA TOCANTINS-ARAGUAIA

Irrigação reforça a vocação agrícola

O verde intenso da floresta Amazônica compartilha com o cerrado o espaço que delimita a região hidrográfica destes importantes rios: Tocantins e Araguaia. Essa RH contempla todo o estado do Tocantins e parte do Pará, Mato Grosso, Goiás e Maranhão.

A força da agricultura, com extensas plantações de arroz e de outros grãos, como milho e soja, além do cultivo de frutíferas, exige água irrigada. Essa necessidade corresponde a 66% da demanda por água doce na região.

Área: 967.059 km²

População (em 2000): 7.890.714 hab

Densidade demográfica: 8,1 hab/km²

REGIÃO HIDROGRÁFICA ATLÂNTICO NORDESTE OCIDENTAL

Rios limpos graças ao baixo lançamento de esgoto

Quase todo o estado do Maranhão e um pequeno trecho do Pará definem a região hidrográfica, marcada pela presença de ricos ecossistemas, como a floresta equatorial, restingas e matas de transição. A principal necessidade de água está atrelada ao consumo humano – e corresponde a 64%. O restante da demanda é para consumo animal e irrigação.

Apesar de a ocupação humana desordenada estimular processos erosivos e desmatamento, a qualidade da água ainda é boa. Mesmo porque o parque industrial da região é pequeno e os centros urbanos são de pequeno e médio porte. Mas na região metropolitana de São Luís e em algumas comunidades ribeirinhas a contaminação da água pelo lançamento de esgoto não tratado restringe o uso do líquido.

Área: 254.100 km²

População (em 2000): 4.742.431 hab

Densidade demográfica: 18,7 hab/km²

REGIÃO HIDROGRÁFICA PARNAÍBA

Escassez de água dificulta desenvolvimento

O principal rio desta região, o Parnaíba, possui 1.400 quilômetros de extensão e a maioria de seus afluentes é perene. Mas isso não exime a área de sofrer com a falta de água. Aliás, essa escassez de recurso hídrico também justifica o baixo desenvolvimento econômico e social da região hidrográfica que inclui o estado do Piauí e parte dos estados do Maranhão e Ceará.

Uma das possibilidades de melhorar a situação é explorar de forma sustentável os aquíferos existentes. O generoso volume de água subterrânea ainda não sofreu com a contaminação – fato tão comum nesse território, já que a região amargura um dos piores índices de esgoto sanitário do país.

Área: 344.112 km²

População (em 2000): 3.630.431 hab

Densidade demográfica: 10,9 hab/km²

REGIÃO HIDROGRÁFICA ATLÂNTICO NORDESTE ORIENTAL

Grandes núcleos urbanos e pequenas bacias costeiras

De importância singular, esta região hidrográfica comporta 739 sedes municipais, dentre elas cinco capitais – Fortaleza, Natal, João Pessoa, Maceió e Recife – e grandes cidades, como Mossoró (RN) e Campina Grande (PE). A vegetação nativa, antes representada por uma diversidade de biomas, como a floresta atlântica, caatinga e cerrado, foi altamente devastada, tanto para dar espaço à pecuária e à cultura canavieira quanto para acomodar o crescimento urbano.

Esta região abrange dezenas de pequenas bacias costeiras e em algumas delas encontra-se parte do polígono das secas – área reconhecida por ser sujeita a longos e críticos períodos de estiagem.

Área: 287.348 km²

População (em 2000): 21.606.881 hab

Densidade demográfica: 75,2 hab/km²

REGIÃO HIDROGRÁFICA SÃO FRANCISCO

Ao longo dos rios, fortes contrastes

Ao longo das curvas do Velho Chico, com seus 2.700 quilômetros de extensão, os municípios que fazem parte desta região hidrográfica vivem situações extremas de seca e de cheia. A área delimitada para esta RH considera partes dos estados de Minas Gerais, Goiás, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

Rica em recursos naturais, esta bacia concentra a maior diversidade de peixes de água doce do Nordeste. Também acolhe culturas distintas, locais históricos, sítios arqueológicos e importantes centros urbanos. Esse conjunto heterogêneo sugere um forte potencial para o turismo, atividade ainda incipiente na região. E quanto ao uso dos recursos hídricos, a RH São Francisco registra todos os tipos, desde a irrigação da agricultura até a geração de energia elétrica, passando pela navegação, a pesca e as atividades turísticas e de lazer.

Área: 638.324 km²

População (em 2000): 12.823.013 hab

Densidade demográfica: 20,1 hab/km²

REGIÃO HIDROGRÁFICA ATLÂNTICO LESTE

Ação humana altera drasticamente a vegetação nativa

As capitais baiana e sergipana estão entre os 526 municípios que fazem parte desta região hidrográfica. São cidades dos estados de Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo. Existem grandes núcleos urbanos e um parque industrial significativo.

Grande fração da flora nativa desapareceu. Os motivos: a caatinga desapareceu para dar espaço à pecuária, que invadiu o sertão; a agricultura canavieira ocupa as áreas desmatadas do Recôncavo Baiano e da Zona da Mata; e as matas úmidas do sul da Bahia foram trocadas pelas plantações de cacau.

Área: 374.677 km²

População (em 2000): 13.641.045 hab

Densidade demográfica: 36,4 hab/km²

REGIÃO HIDROGRÁFICA ATLÂNTICO SUDESTE

Alta demanda hídrica e pouca disponibilidade de água

Seus principais rios são o Paraíba do Sul e o Doce, cursos d'água extensos mas que, mesmo com seus afluentes, não dão conta de fornecer o volume de água necessário para as cidades. Isso porque esta RH engloba as regiões metropolitanas de Vitória, do Rio de Janeiro e da Baixada Santista - áreas de forte desenvolvimento urbano (e industrial).

Com relação ao uso do solo, a consequência está estampada nas encostas, nas áreas ribeirinhas e nos mananciais. Uma ocupação irregular, desordenada, principalmente estimulada pela especulação imobiliária.

Área: 229.972 km²

População (em 2000): 25.644.396 hab

Densidade demográfica: 111,5 hab/km²

REGIÃO HIDROGRÁFICA PARANÁ

Pressão para o uso responsável dos recursos hídricos

Na delimitação desta região estão parte de sete estados brasileiros que, juntos, tornam esta RH a de maior desenvolvimento econômico do país. Apesar da extensa área, 90% da população está localizada em espaços urbanos. Entre os principais rios, estão o Paraná, o Grande, o Paranaíba e o Tietê.

Tanto modernidade na região se reflete negativamente na qualidade das águas dos rios e na paisagem, que, originalmente, era composta de vegetação típica da mata Atlântica e cerrado. Mas a maioria dos indicadores de saneamento básico (abastecimento de água e tratamento de esgoto) está acima da média do Brasil.

Área: 879.860 km²

População (em 2000): 54.639.523 hab

Densidade demográfica: 62,1 hab/km²

REGIÃO HIDROGRÁFICA PARAGUAI

Uma das maiores extensões úmidas do planeta

O cenário pantaneiro e o cerrado preenchem o território, com sua riqueza sem fim de fauna e flora. O principal rio desta região é o Paraguai, que nasce em solo brasileiro mas percorre países vizinhos, como Argentina, Bolívia e Paraguai.

O Pantanal, graças aos títulos de Patrimônio Nacional pela Constituição Federal de 1988 e Reserva da Biosfera pela Unesco no ano de 2000, mantém-se com a maior parte de características originais, mas áreas do planalto destinadas à pecuária e ao cultivo de soja têm sofrido grande erosão e desmatamento.

Área: 363.445 km²

População (em 2000): 1.887.401 hab

Densidade demográfica: 5,2 hab/km²

REGIÃO HIDROGRÁFICA URUGUAI

Destaque para o potencial hidrelétrico

Trechos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina compõem esta região hidrográfica, que tem o rio Uruguai como seu principal veio d'água. Em função das suas características hidrológicas e dos principais rios formadores, a área foi dividida em 13 unidades hidrográficas, sendo que quatro ficam em solo catarinense e nove, em terras gaúchas.

A RH possui um total de 384 municípios e é reconhecida por seu potencial hidrelétrico e pela significativa atividade agroindustrial. Com esse desenvolvimento, fica na memória a vegetação original de mata com araucária, a atlântica e os campos que revestiam esse território.

Área: 174.612 km²

População (em 2000): 3.834.654 hab

Densidade demográfica: 22,0 hab/km²

REGIÃO HIDROGRÁFICA ATLÂNTICO SUL

Exploração turística e escassa mata original

A região engloba porções do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. A área originalmente ocupada pelo verde da mata Atlântica já sofreu modificações decorrentes da ocupação urbana.

Por contemplar cidades como Florianópolis e Joinville e a região metropolitana de Porto Alegre, esta RH se apresenta com expressivo potencial turístico.

Área: 185.856 km²

População (em 2000): 11.592.481 hab

Densidade demográfica: 62,4 hab/km²

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

- ARAÚJO, Alceu Maynard; *Cultura Popular Brasileira*, São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007
- AZEVEDO, Ricardo; *Cultura da Terra - O Livro do Folclore da Cargill*, Fundação Cargill, Cargill, 2003
- BRANDÃO, C. R.; *Somos as Águas Puras*, Campinas, SP: Papyrus, 1994
- CASCUDO, Luís da Câmara; *Geografia dos Mitos Brasileiros*, Editora Global, 1947.
- Dicionário do Folclore Brasileiro, São Paulo, SP: Editora Melhoramentos, 1974
- CLARKE, Robin T.; *O Atlas da Água*, Publifolha, 2005
- DA MATTA, Roberto; *O Que Faz o Brasil, Brasil?*, Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1999
- DINIZ, Domingos; *Rio São Francisco: Vapores & Vapores*, Pirapora, MG: Editora dos Autores, 2009
- FRAXE, Therezinha de J. P.; *Cultura Cabocla-Ribeirinha Mitos, Lendas e Transculturalidade*, São Paulo, SP: Editora Annablume, 2004
- MENEZES, Maria Lucia Pires; *Parque Indígena do Xingu*, Editora da Unicamp, 1999
- MORAIS, Melo Filho; *Festas e Tradições Populares do Brasil*; Ediouro, 1901
- NAVARRO, Eduardo de Almeida; *Método Moderno de Tupi Antigo*, Editora Global, 2006
- PRIETO, Heloisa; *Mata - Contos do Folclore Brasileiro*, São Paulo, SP: Companhia das Letrinhas, 2000
- RIBEIRO, Altamiro Gherse; *Mulheres Indígenas na História do Brasil*, Lins, SP: IALIM, 1999
- RIBEIRO, Wagner Costa; *Geografia Política da Água*, São Paulo, SP: Editora Annablume, 2008
- SALERNO, Silvana; *Viagem pelo Brasil em 52 Histórias*, São Paulo, SP: Companhia das Letrinhas, 2006
- SANTOS, Milton; *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*, São Paulo, SP: Hucitec, 1996
- SOCIOAMBIENTAL, Instituto; *Saúde, Nutrição e Cultura no Xingu*, São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado de SP, 2004
- TICUNA; *O Livro das Árvores*; MEC/ SEF/ OGPTB, 1998
- TIRAPÉLI, Percival; *Patrimônio da Humanidade no Brasil*, Metalivros, 2007
- TRAJANO, Ana Luiza; *Brasil a Gosto*, Editora Melhoramentos, 2008
- VAINFAS, Ronaldo; *Dicionário do Brasil Colonial*, Rio de Janeiro, RJ: Editora Objetiva, 2000
- VEIGA, José E.; *A Emergência Socioambiental*, São Paulo, SP: Senac, 2007

Revistas

- MARTINO, Natália; *Estão Tirando a Água das Nossas Matas*, Revista Horizonte Geográfico, nº 134 ano 24
- ADEODATO, Sérgio; *Uma Chance para a Mata Atlântica*, Revista Horizonte Geográfico, nº 105, ano 19
- PETTA, Eduardo; *Uma Aventura na Selvagem Alta Floresta*, Revista Os Caminhos da Terra, nº 4 ano 8
- Água para Que Te Quero - Guia de Incentivo à Leitura*, Editora Horizonte, 2007
- GAMBARINI, Adriano; *Brasil Subterrâneo*, Revista Horizonte Geográfico, nº 107, ano 19
- Água - O Mundo Tem Sede*, Revista National Geographic Brasil, Edição Especial, abril 2010
- Água - Brasil, Potência Hídrica do Século XXI*, Revista National Geographic Brasil, Edição Especial, abril 2011
- NEVES, Eduardo; *Amazônia Ano 1000*, Revista National Geographic Brasil, maio 2010

Documentos

- Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente. Agenda 21, Brasília: Câmara dos Deputados, 1995
- United Nations Population Division World Population Prospects: 1950-2050: The 2000 Revision. United Nations, New York, 2001
- Águas Doces*, Ministério do Meio Ambiente, Brasília, DF, 2003
- A Carta das Águas Doces no Brasil*, Rio + 5, Rio de Janeiro, RJ, 1997

Internet

- Meio Ambiente** - http://www.amazonialegal.com.br/textos/meio_ambiente/aguas_doces.htm
- Fauna e Flora** - <http://www.oaeco.com.br>
- Agência Nacional de Água** - <http://www.ana.gov.br>
- Brasil das Águas** - <http://www.brasildasaguas.com.br>
- Peixes das Águas Doces Ameaçados** - <http://www.redlist.org>
- Regiões Hidrográficas / Abastecimento Urbano de Água** - <http://www.ana.gov.br>;
<http://www.brasil.gov.br/sobre/geografia/recursos-hidricos/principais-rios-e-bacias-do-brasil>
- Culinária Brasileira** - <http://www.brasilagosto.com.br>
- http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=506&Itemid=182
- Arte e Cultura** - <http://www.socioambiental.org>; <http://www.istoemamazonia.com.br>

NO CAMINHO DAS ÁGUAS Ficha Técnica

EDITOR Alberto deC. Alves

CONSULTOR EDITORIAL Antonio Carlos Werneck

PRODUÇÃO EXECUTIVA Abook - Editora

CONCEPÇÃO, COORDENAÇÃO E CAPTAÇÃO
Fundação Cargill

EXECUÇÃO Neoânima

EDIÇÃO DE TEXTO Daniela Hirsch (Boutique de Letras)

TEXTO Daniela Hirsch (Boutique de Letras) e Roberta Bencini

PESQUISA DE TEXTO Luciana Jardim

REVISÃO DE TEXTO José Américo Justo

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO E PESQUISA
ICONOGRÁFICA Dina Faria

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE Stella Prado

ILUSTRAÇÕES João Guimarães

EDIÇÃO FOTOGRÁFICA Alberto deC. Alves

FOTOGRAFIA Adriano Gambarini, Alberto deC. Alves, Alexandre Pirani, Alexandre Schneider, André Pessoa (Horizonte), Andrea D'Amato (SambaPhoto), Andrea Ribeiro, Araújo Alcântara, Bruno Alves, Caio Vilela (Horizonte), Cristiano Burmester (SambaPhoto), Cristiano Quintino (SambaPhoto), Daniel Contrucci, Gabriel Boieiras (SambaPhoto), Iatã Cannabrava (SambaPhoto), Jesus Carlos (ImagemGlobal), Juliana Santos, Levi Mendes Jr., Marcelo Maragni (Horizonte), Peter Milko (Horizonte), Rafael Bavaresco (SambaPhoto), Rafael Falavigna (Horizonte) e Zé Paiva (Vista Imagens).

TRATAMENTO DE IMAGENS Maurício Garcia de Araújo

PRODUÇÃO GRÁFICA Estúdio Matiz

IMPRESSÃO Stiggraf

ASSESSORIA CONTÁBIL Beth Ceconi

ASSESSORIA JURÍDICA Cesnik, Quintino & Salinas Advogados

AGRADECIMENTOS Antonio Carlos Werneck, Beth Ceconi, Maurício Araújo de Garcia, João Guimarães, Dina Faria, Daniela Hirsch, Stella Prado, José Américo Justo e Alberto deC. Alves.

Especial agradecimento aos funcionários da Cargill que apoiaram este projeto tornando possível a publicação desta obra.

No Caminho das Águas: Abook - Editora, 2013.

Autora: Daniela Hirsch
ISBN 978-85-86664-32-8

1. Jornalismo; 2. Editoração e imprensa documentária e educativa.

Proibida a reprodução sem autorização expressa
Todos direitos reservados à Abook - Editora